

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós- Graduação em Educação  
Mestrado em Educação

Rúbia Margareth Dourado de Oliveira Macedo Matos

**Tertúlias literárias e dialógicas no projeto Irecê.**

Salvador – Bahia

2009

**Rúbia Margareth Dourado de Oliveira Macêdo Matos**

**Tertúlias Literárias e Dialógicas no Projeto Irecê**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação da Professora, Dra. Maria Inez M. Carvalho.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**Salvador - 2009**

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Matos, Rúbia Margareth Dourado de Oliveira Macedo.

Tertúlias literárias e dialógicas no Projeto Irecê / Rúbia Margareth Dourado de Oliveira Macedo Matos. – 2009.

200 f.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Inez M. Carvalho.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2009.

1. Professores de ensino fundamental – Livros e leitura. 2. Interesses na leitura. 3. Leitura. I. Carvalho, Maria Inez M. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 028 – 22. ed.

**Rúbia Margareth Dourado de Oliveira Macêdo Matos**

## **Tertúlias Literárias e Dialógicas no Projeto Irecê**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação da Professora, Dra. Maria Inez M. Carvalho.

### **BANCA EXAMINADORA:**

---

**Dra. Maria Inez M. Silva Carvalho.**

Universidade Federal da Bahia – UFBA / Faculdade de Educação.  
Orientadora.

---

**Dra. Maria Lícia Beltrão**

Universidade Federal da Bahia – UFBA / Faculdade de Educação.

---

**Dra. Isa Maria Faria Trigo**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus I.

---

**Dra. Maria Antonieta Campos Tourinho.**

Universidade Federal da Bahia – UFBA / Faculdade de Educação.

## Dedicatória:

De tudo que escrevi nesta pesquisa, os textos que de fato me trouxeram dificuldades cruciais, são os que se destinam aos agradecimentos, (é um momento que nos afrouxa a alma) e principalmente, o que concerne, a dedicatória a minha orientadora, **Maria Inez Carvalho**, que a proximidade das nossas vidas, me permite chamá-la de uma forma que só as vias do coração impulsionam e permite, “Inezita”.

Inez, minha amiga-orientadora. Todas as palavras mostram-se incapazes, diminutas, pobres. As palavras originais pareciam comuns, as gigantes eram desconcertantes, as gentis ardiavam em bajulações, as comuns se intimidavam... E nesta turbulência dos pensamentos e palavras que escorregavam sem achar o lugar para acomodá-las, o filme da nossa trajetória se fez presente.

Como nos conhecemos e como a figura morena, de uma mulher forte, me impressionou, causou-me estranhamentos, fez-me pensar duas vezes no que ia falar, e com uma meia dúzia de meses, já me sentia uma discípula efetiva e afetiva que não pensava mais de duas vezes, em afagar os seus cabelos, dar beijos, e ficar de muxoxo quando as coisas *apertavam* pra o meu lado.

E assim *emergiu* um Balão colorido, radiante de pura energia que pairou sobre mim, como um enorme Zeppelin. (não é o de Chico Buarque!). A sombra do Balão tinha os contornos inteligentes da alma “neopensante” de **Inez Carvalho**. A sua grandiosidade inspira-me, ensina-me, eleva-me, faz-me sentir segura... É um dos melhores aspectos desta harmoniosa relação “mestra-discípula”, mas, infelizmente, rouba-me as palavras! SEM PALAVRAS...

## **Agradecimentos:**

Aos meus amores incondicionais, **Pedro Dourado** e **Juliano Dourado**. Por serem os filhos que são. Não creio que eu tenha responsabilidade pela nobreza da alma destes seres amados; desceram do Olimpo e aportaram no meu coração, de mãe orgulhosa pelas crias que deveras criei, mas que a vida os moldou de forma tal, que os miro à distância, indagando-me, por quê eles são assim? Só o céu responderá... Por todo incentivo que deram e por simplesmente existirem na minha vida.

À família: **Dona Dalva**, forte matriarca, que ao ver o “copiãõ” da dissertação, perguntou-me: - Foi você que escreveu este livrãõ?-. Não precisava ouvir mais nada. Estava explicito o elogio na incredulidade do *feito*. Para ela... Quase impossível.

Às irmãs: **Kátia**, pelo equilíbrio, pela compreensão das minhas esquisitices, e por acreditar demasiadamente nas ações que me proponho. **Consuelo**, por faltar os olhos quando consigo vencer mais uma etapa, pelo incentivo que sempre me deu à leitura. À **Geane**, pela crença em tudo que faço pela eterna admiração aos meus arrojõs de artista, e por me encorajar, sempre.

A **Rita Dourado**, amiga de todos os momentos. Por me auxiliar na “dieta” das vírgulas e me fortalecer diante das “reticências”. Meu eterno agradecimento.

A **Marca Sales**, a “Pareia”, pelo pontual ponta-pé inicial desta difícil jornada, e a generosidade sempre presente nas suas ações.

Aos amigos e amigas que lotam o meu coração. Obrigada pelos inúmeros incentivos.

## Resumo

A presente pesquisa qualitativa, traz como objeto de análise e investigação o processo de formação de leitores a partir do desenvolvimento das ações literárias realizadas no curso de Formação dos Professores/ Licenciatura em Pedagogia em Irecê, como componente curricular, os Grupos de Estudos Literários. A investigação estende-se em um período de seis anos do curso, (primeira e segunda turma) observando as ressonâncias das leituras na qualificação dos cursistas, no concernente ao ato de ler, interpretar, analisar e contar. São enfatizadas nesta dissertação, as estratégias de leitura utilizada, assim como a análise dos registros dos professores-cursistas participantes. Neste sentido, argumenta-se a necessidade do trabalho com a literatura nos currículos dos cursos de Licenciatura, com o propósito de ampliar o campo de leitura dos docentes no que diz respeito ao uso de linguagens diversificadas, sugeridos em suas múltiplas dimensões. A análise enfatiza a ação da leitura literária como componente vital na estrutura curricular.

**Palavras-chave: Formação. Leitura Literária. Currículo. Leitor.**

## **Abstract**

The present qualifying research brings in its goal, as the object of analysis and investigation, the process of forming up readers from the development of literary actions which were done during the course of Teachers Formation / Licentiate in Pedagogy in Irecê, as curricular compounds, the Groups of Literary Studies. The investigation ranges a period of six years on the course, (first and second group) observing the resonance of readings in order to qualify the in-course folk, in what concerns to the act of reading, interpreting, analyzing and telling. It is emphasized in this dissertation, the reading strategies used, as well as the analysis of records from the in-course participant teachers. To this meaning, it is argued the need of the literature work on the curriculum of Licentiate Courses, on the purpose of magnifying the literature field of teachers concerning to the use of diversified languages, suggested in its multiple dimensions. The analysis emphasizes the action of literary reading as a vital compound of the curricular structure.

**Key-words: Formation. Literary Reading. Curriculum. Reader.**



## Sumário

<b>1. Introdução/Prelúdio.</b> . . . . .	07
<b>2. Virando as páginas.</b> . . . . .	13
2.1 Navegando pela História da Leitura. . . . .	15
2.2 Gostar de Ler. . . . .	29
2.3 Projeto Irecê. . . . .	37
<b>3. O A-con-tecer.</b> . . . . .	50
3.1 - O Tendo e as Coisas. . . . .	52
3.2 - Caminhos por onde andei . . . . .	66
3.3 – Conversa ao pé da Prateleira. . . . .	78
<b>4- Os livros.</b> . . . . .	83
4. 1 - Quando Nietzsche Chorou. . . . .	87
4. 2 - Raízes do Brasil. . . . .	97
4. 3 - O Código da Vinci. . . . .	107
4. 3 - Dom Quixote de La Mancha. . . . .	114
4.4 - Capitalismo para principiantes. . . . .	121
4.5 - 1808. . . . .	129
4.6 - Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. . . . .	134
4.7 - Odisséia. . . . .	143
<b>5. Literariamente Falando.</b> . . . . .	149
5.1 - Nas entrelinhas dos Grupos Literários. . . . .	152
5.2 - Minha existência Literária. . . . .	174
<b>6.Últimas Palavras</b> . . . . .	186
<b>7.Referências.</b> . . . . .	193

## 1. Prelúdio.<sup>1</sup>

Em estudo de 2001, divulgado pela Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação (CNTE), 41% dos docentes afirmaram ler ao menos um livro por mês, 34% deles eventualmente lêem e 25% não responderam ou não costumam ler.

(Revista Educação-Ano 7-nº77/ 2003)

O artigo publicado na Revista Educação da autoria do jornalista Aloísio Milani, traz como chamada, o título - “Por que o professor não gosta de ler?” - Logo em seguida dá-se início ao texto onde se aponta de forma abruta a seguinte informação:

“Institutos de pesquisa, entidades de classe e editoras até hoje não conseguiram aferir, mas nos bastidores, todos sabem: professor não gosta de ler. Como toda nota vermelha no boletim, essa também chega com muitas justificativas e desculpas” (MILANI, 2003, p.36)

Uma informação perigosa, destituída de análise, quando não questionado se o fato de “não ler” como é apresentada nos dados acima, implica puramente na ideia do “não gostar de ler”. A discussão sobre o ato da leitura sempre gerou polêmicas. Uma delas desdobra-se na premissa de que não se ensina o gosto pela palavra, pela leitura e muito menos pela literatura. Entretanto, fica a indagação: pode-se ensinar a necessidade de gostar?

Landeira (2006) traz este questionamento fazendo uma analogia do amor com o objeto amado e do leitor com a leitura, sinalizando que “amar a leitura é reconhecer-se como a continuidade do que se lê” (LANDEIRA, 2006, p.13). O autor se preocupa com a banalização do amor, e faz referências ao ato simplista que se costuma utilizar como “amar a leitura” ou “gostar de ler”. Pode-

---

<sup>1</sup>Prelúdio de uma sinfonia, é a primeira parte a ser ouvida. É como se fosse a apresentação dos "créditos" já transformados em notas musicais, de forma antecipada, a qual somente será totalmente compreendido e desfrutado por quem ouvir a continuação da mesma(sinfonia), para quem então passará a fazer maior sentido. É esta conotação que estou dando ao que normalmente convencionou-se de Introdução.

se motivar a necessidade de ler, e posteriormente adquirir o hábito da leitura e, neste caminho, aprende-se a capacidade de amar a palavra, o texto, o livro.

Esta analogia se aplica aos professores e professoras do Ensino Fundamental que, na sua maioria, não desenvolveram hábitos de leitura na sua *formação*, escolar ou não, e que, de qualquer sorte, também são oriundos de um processo escolar pontuado de lacunas, dentre elas, a ausência de uma política educacional que referende a leitura como uma ferramenta de inclusão cultural.

Portanto, a falta do hábito de leitura nem sempre deve levar à afirmação categórica de que não se faz ou realiza tal ação por que não se apraz da ideia. A dissertação **“Tertúlias Literárias e Dialógicas no Projeto Irecê”** permite uma reflexão sobre a experiência vivida no curso de Licenciatura em Pedagogia/Projeto Irecê, que revela a iniciativa inserida na proposta curricular e propicia a leitura literária no processo da sua formação dos professores-cursistas, ou discente.

Ao considerar esta questão, proponho nesta atividade dissertativa, investigar a proposta de formação de leitores que norteou os Grupos de Estudos Literários-(GELIT) criados no Curso de Pedagogia em Irecê, que remete ao propósito do gosto pela leitura, provocando a aproximação do professor-cursista à leitura em suas variadas dimensões - sociais, ideológicas, históricas, lúdicas, etc.



“Ler as letras de uma página é apenas um de seus muitos disfarces. O astrônomo lendo um mapa de estrelas que não existem mais; o arquiteto japonês lendo a terra sobre a qual será erguida uma casa (...).O Zoólogo lendo os rastros dos animais na floresta; O jogador lendo os gestos do parceiro antes de jogar a carta vencedora; a dançarina lendo as anotações do coreógrafo e o público lendo o desenho intrincado de um tapete sendo tecido; (...) o psiquiatra ajudando os pacientes a ler os seus sonhos perturbadores; o amante lendo cegamente o corpo amado à noite, sob os lençóis; o agricultor lendo o tempo no céu”(...) (MANGUEL 1997 p.19)

Para tal investigação faz-se necessário analisar a ideia de formação de leitores pensada na perspectiva teórica desta Licenciatura em Pedagogia. O curso foi concebido a partir da parceria UFBA/FACED e Prefeitura Municipal de Irecê, com ação na Rede Municipal de Educação.

Em uma publicação da revista *Presente!Nº50* - professoras deste Curso apresentam o significado da *formação* na perspectiva do curso, encaminhando para a concepção de que o indivíduo *torna-se o que se é*; o que nos remete à *formação de leitores* observada no decorrer do Curso e concebidos nesta análise do Projeto. Observem:

“Formação é uma palavra de grande significado no curso. É um dos substantivos que se agigantou, nos últimos tempos, no campo da educação. Antes era o verbo – Pretérito e futuro – irá se formar em... ou formou-se em... Hoje, presentifica-se e substancia-se - é a formação. Termo que se consolida ao longo dos últimos anos como achado semântico para a necessidade contemporânea de se pensar/ viver a educação de um processo singular intrínseco ao sujeito individual e/ ou coletivo e não mais como padrão único, preestabelecido.”(Carvalho et ali. 2007 p.40)

Ainda na busca incansável do conceito de formação, com a concepção de *Tornar-se o que se é*, torna-se válido pensar este processo como um conceito também da psicanálise, principalmente quando se trata da leitura, que sem dúvida é o foco da análise a que me proponho, observando que os vínculos entre a arte literária e o mundo psíquico são muito fortes, assim encontrei nas reflexões de Dunker um outro conceito aliado ao processo de formação do analista, em Lacan, que ressalta:

“Formação corresponde a um processo de apropriação de experiências no qual os meios e fins não se separam. Daí a imagem recorrente que aproxima formação de uma espécie de viagem ou de jornada em que a experiência do caminho percorrido é tão mais importante do que o destino final” (DUNKER, p.65, 2007)

Ao pensarmos na leitura como um processo pessoal e não somente social, podemos oportunizar e ampliar os espaços em que as pessoas se vêem como leitores: fazem suas opções; envolvem-se na sua formação literária,

constituindo-se como alguém que lê porque quer, porque gosta e, assim, familiariza-se com este ato. Desenvolvem ações eficientes de leitura que não estão restritos a si mesmo (a) e, no caso aqui analisado, a priori, o (a) professor (a), difunde também a sua leitura. Além de todas estas questões, amplia a sua sensibilidade, a visão de mundo e, conseqüentemente, qualifica a ação da prática em sala de aula.

No Curso de Pedagogia do **Projeto Irecê** esta situação descrita foi se clarificando à medida que o Curso evoluía. Os Cursistas podiam optar pelas leituras que mais apraziam dentro do que se oferecia, ou até mesmo fazer opção em integrar ou não um grupo literário; é esta condição que remete à leitura pessoal. Na perspectiva da escolha, da identidade, com os livros sugeridos.

Manguel, (1997) na obra *Uma História da Leitura*, logo no primeiro capítulo, recorre aos primórdios da civilização em um longo resgate do aprendizado da leitura. Entre valiosas informações que apresentam formas variadas do desenvolvimento da leitura, passeando de uma sociedade para outra, indubitavelmente percebe-se que o ato da leitura, sempre se iniciou pelos privilegiados sócio-economicamente, pelo menos no que concerne à ação do estado para suprir as suas necessidades administrativas religiosas (a exemplo dos escribas e sacerdotes egípcios) Conclui-se, após a leitura do referido capítulo que a leitura é uma ação que sempre teve a iniciativa social, e, só após adquirir a capacidade de ler, é que pode se desenvolver uma aptidão pessoal. Esta compreensão é fundamental para entender a leitura nos espaços escolares e o sentido que têm as escolhas dos cursistas no que se refere ao ato de ler.

“Os métodos pelos quais aprendemos a ler não só encarnam as convenções de nossa sociedade em relação à alfabetização – a canalização da informação, as hierarquias de conhecimento e poder-, como também determinam e limitam as formas pelas quais nossa capacidade de ler é posta em uso”. (MANGUEL, 1997, p. 85)

O projeto curricular da Licenciatura em Irecê transcorreu nesta perspectiva: favorecer a formação de leitores a partir de sugestões de leitura que se ampliavam à medida que o ciclo avançava com a possibilidade do/da cursista realizar a escolha do que queria ler, Vale ressaltar que, quando falamos em “favorecer a formação de leitores”, é mister clarificar que a leitura é uma aptidão, e a escrita é uma habilidade; e como bem defende Calvino (1991) “(...) é só nas leituras desinteressadas que pode acontecer deparar-se com aquele que se torna o” seu livro “(CALVINO, 1991 p.13)”.

Contudo, é também na concepção de Calvino que encontramos o argumento, ainda que de forma rápida<sup>2</sup>, de que não é na escola que são feitas as escolhas para a leitura. O autor diz que a escola tem uma função, que nas palavras dele soa de forma pragmática, como:

“Os clássicos não são lidos por dever ou por respeito, mas só por amor. Exceto na escola: A escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou relação aos quais ) você poderá depois reconhecer os “seus” clássicos . A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para fazer a opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola.”( CALVINO, 2006, p.13).

O entendimento desta questão coloca em cheque que não será só na escola que incentivaremos os hábitos de leitura. Bem, da forma como CALVINO, apresenta a escola “receitando” uma série de Clássicos que bem ou mal vão ser digeridas pelos alunos, acertadamente, não conseguiríamos esta proeza; entretanto, o que se propõe nos projetos de leitura que temos nas pautas das diversas escolas é uma ação mais livre de leitura, mais diversificada e para muitos a única fonte de contato com o livro.

Portanto, não assimilo a idéia que transita na obra de Calvino, que diz que “as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola”. Houve um tempo em que as nossas escolas, de fato, não apresentavam

---

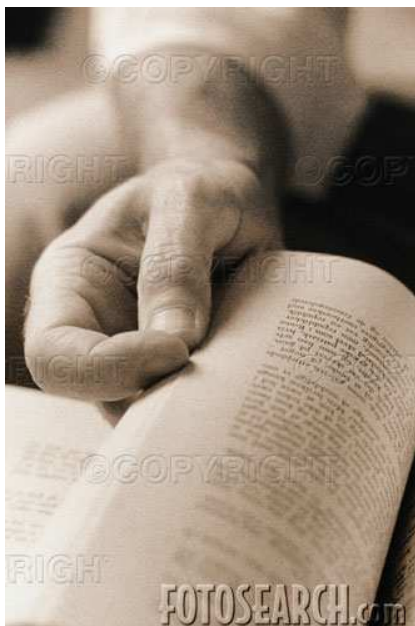
<sup>2</sup> Melhor dizendo, é uma abordagem que se manifesta em apenas em um parágrafo logo na Introdução da obra, por que ler os clássicos.

projetos ou ofertas de leitura que realmente estimulassem a construção do leitor. Na contemporaneidade, esta situação se renovou bastante. Os professores e professoras, em sua formação continuada, são estimulados a ler, e doravante também estimulará seus alunos a lerem. Não duvido de que alguns cursos de formação ou de licenciatura de professores passem longe deste propósito.

Digo por conhecimento de causa; mas por outro lado, há uma campanha proposta pelo próprio ministério da Educação que tem estimulado ações voltadas para a leitura, Contação de História, formação de salas de leitura e implementação de Bibliotecas, por este Brasil afora, que não nos deixa negar que a leitura tem tomado outro rumo nas escolas. Isto nos alegra bastante.

É mister informar que, a leitura de/dos clássicos é uma outra questão que requer outros argumentos, que não só estes, apresentados aqui.

## 02 - VIRANDO AS PÁGINAS



**“A realidade do mundo se apresenta a nossos olhos múltipla espinhosa, com estratos densamente sobrepostos. Como uma alcachofra. O que conta pra nós, na obra literária é a possibilidade de continuar a desfolha-la como uma alcachofra infinita, descobrindo dimensões de leitura sempre novas”<sup>3</sup>**

**Ítalo Calvino.**

O que significa virar as páginas de um trabalho que tem seu caminho forjado página a página, lidas e relidas em uma dança de dedos e olhos sincronizados com pensamentos de quem lê. E quantos leram, e quantos releeram...

**Virando as páginas.** É o mesmo que tocar em frente, á procura das mais acertadas informações, dos esclarecimentos, dos jogos dos contrários, dos que leram, , dos que dizem de quem não leu, dos que escrevem para serem lidos eternamente, e os que se apresentam na esfera efêmera de uma leitura rápida fugaz, **virando as páginas**, como se estivessem virando o tempo.

**Virando a página** da história da leitura, dos livros, dos leitores, dos críticos, dos que motivam, dos que explicam, dos que encantam, dos que desencantam, dos que são nossos, para serem lidos, dos que pertencem a todos para serem lidos, consumidos, sorvidos, e soprados ao vento, Assim se movem as palavras.

---

<sup>3</sup> Esta metáfora que apresento no início do Capítulo, é a apresentação que Calvino faz do autor Gadda, com os merecidos elogios a sua obra.- La cogonizione del dolore, como o livro mais sugestivo que se possa imaginar. O título do capítulo já o diz assim – O mundo é uma Alcachofra -(Calvino , 2005, p. 205)



Aqui se inicia uma *odisséia* com a leitura. Fica o registro do que li, pesquisei, e anotei; dos livros que muitos leram e que também registraram; E os livros temáticos deste trabalho, que tiveram suas páginas folheadas, grifadas, marcadas, num toque nem sempre mecânico, mas, sem dúvida, **virando as páginas**.

Só com este movimento podemos dizer que todas estas ações, eram, e são movimentos de virar as páginas. Nas páginas, as magistrais palavras, que a gente cutuca, explora, pega as que fogem, risca as que sobram, mas em uma perseguição eterna, para que elas fiquem e encaixem, se harmonizem. Só com dezenas e dezenas de palavras formamos as páginas.

Seja lá quem for: Defoe, nas minúcias do dia a dia de Robinson Crusóé no universo filosófico de Foucault, que abre o cenário com a arqueologia das palavras, com a destreza que Calvino encadeia palavras formando laços de poesia, com a riqueza de adjetivos que Homero nos instiga a “ver” o mar, a aurora, o vinho, os deuses, com a objetividade que Nietzsche desafia grandes temas com as poucas palavras dos aforismos, etc.

Enfim, precisamos *virar as páginas* sem perder de vista a grande utilidade das palavras que se harmonizam para dar sentido aos sentidos da leitura.

Fica como metáfora deste momento, a *alcachofra* que trago como epígrafe deste capítulo, que na verdade, é uma folha sobreposta, pela qual iremos desfolhá-las, descobrindo as infinitas dimensões da leitura, sempre novas.



## 2.1. NAVEGANDO PELA HISTÓRIA DA LEITURA.



**“Reis vão morrendo e novos reis vão sendo saudados em momentos únicos e específicos. Momentos presentes, que não são o passado - apesar de guardá-lo - e, muito menos, refletem um ensaio de futuro - apesar de guardá-lo potencialmente.”**

**Inez Carvalho**

A princípio faço lembrar o quanto é antiga a história da leitura. Principalmente se ampliarmos o conceito do que seja leitura, na sua concepção mais atualizada. Ao longo da história, a leitura assume significados muitos diferentes para vários povos. Segundo FISCHER, a história da leitura envolveu estágios sucessivos de amadurecimento social “A escrita nasceu nos seus primórdios transformando a palavra humana em pedra” (FISCHER, 2006, p. 9).

A partir do momento que se cria a ação da leitura, naturalmente cria-se a separação entre quem lê e quem não lê, e os significados que podem ter esta condição, a depender do lugar/espço social, em que o indivíduo se encontra.

Como foi possível visualizar na obra de MANGUEL, inicia-se aí um processo de importância de quem domina a leitura. “Em todas as sociedades letradas, aprender a ler tem algo de iniciação de passagem ritualizada, para fora de um estudo de dependência e comunicação rudimentar.” (MANGUEL, 2006, p.89).

Quando me deparei com dois grandes manuais da História da leitura que apresenta com uma riqueza de informações, as primeiras ações da leitura, na antiga Mesopotâmia, Egito, passando pelas sociedades clássicas, medievais, renascentistas, modernas, até os e-mails e internet, percebi que iria me esquivar de forma potencial do meu eixo central. Assim sendo, me vi na delicada situação de optar: ou começo pelas plaquinhas de argila da Suméria, lá no Oriente Médio, ou avizinho o tempo, investigando a história da leitura do nosso país- Brasil -.

Mesmo considerando que é um universo muito amplo, não poderia deixar de registrar a importância que tem a Mesopotâmia como o berço da escrita. Sem dúvida uma das maiores conquistas que permitiu a humanidade a avançar no seu processo tão vital à continuidade e progresso às coisas do mundo. O processo mnemônico. Pensando assim, avancei pela história da leitura no Brasil.

Em nosso país, a história de leitores e leitoras está entrelaçada com a história da Educação e com o desenvolvimento das bibliotecas. Poucos leitores, poucos livros, e nenhum incentivo. Só para vislumbrar o que sucintamente comento, observe qual o espaço que a leitura ocupava, basta saber que no Brasil:



Até meados do século XIX, praticamente não existiam livros. O que serviam como manuais de leitura nas escolas eram textos autobiografados, relatos de viajantes, textos escritos manualmente como cartas, documentos de cartório, e a primeira constituição do império de 1.827, especifica sobre a instrução pública, o código criminal e a bíblia também serviam como manuais de leitura nas raras escolas que existiam. ( BASTOS, 1982, p.26)

É válido salientar outra questão ,também colocada como causa que justificaria a lenta evolução do mercado editorial nacional, é o progresso tardio do índice de alfabetização no Brasil. "Sem educação, não se forma leitores", garante o coordenador-geral de Livro e Leitura do Ministério da Cultura, Jéferson Assunção; segundo o pesquisador:

“No final do século XIX, 85% dos brasileiros eram analfabetos. O índice em Portugal era de 35% e na Alemanha de 10%, compara. (...) a indústria do livro iniciou sua caminhada rumo ao desenvolvimento apenas nos anos 20 do século XX, com o amadurecimento educacional brasileiro e a criação do Ministério da Educação. No início do século XXI, a taxa de analfabetismo absoluto no país caiu para 10%, o que reflete direta e indiretamente no aumento de leitores brasileiros”. (ASSUMÇÃO, 2008, pela Internet),

Revisando as nossas lacunas históricas em relação à Leitura, vale ressaltar que as bibliotecas ainda se constituem como mais um espaço preterido das escolas e da sociedade em geral.<sup>4</sup> Atualmente na Bahia, dos 417 municípios, apenas 118 possuem bibliotecas, lembrando que o Governo Federal é o maior comprador de livros do país. Dos cerca de 600 municípios brasileiros que nunca receberam uma biblioteca, 405 ficam no Nordeste, e apenas dois no Sudeste;<sup>5</sup> Como confirma a recente pesquisa apresentada neste capítulo.

Esta informação é provocativa o que implica na análise das políticas públicas de incentivo à leitura que o governo vem realizando. Há uma premente necessidade em se realizar uma investigação dos dados que apresentem a aceitação das ditas ações nas escolas.

Faltam políticas públicas que priorizem a criação de Bibliotecas e que desenvolvam projetos que efetivem a participação do professor como sujeito construtor da sua leitura e esta questão se agrava no interior do Estado onde as bibliotecas sobrevivem com dificuldade na maioria das escolas dos municípios.

As atuais políticas públicas que estão sendo ora ensaiadas, ou já desenvolvidas pelo governo, tanto o Ministério da Educação como no da Cultura, já reflete de forma inegável que há um incômodo no que diz respeito à

---

<sup>4</sup> Senso escolar de 2003- INEP – Instituto Nacional de Educação e Pesquisa/ MEC ( Ministério de Educação e Cultura..

<sup>5</sup> Dado de Exclusão do programa Faz Cultura, Ministério da Cultura, Outubro de 2007.

leitura na escola, assim como, já existe a ideia da democratização da leitura nos espaços abertos. No entanto, há uma desconexão entre a prática e teoria; Portanto, é extremamente oportuno registrar a reflexão da gaúcha Maria Helena Martins, pela pertinência da sua fala em relação ao que vivenciamos em nossas escolas:

“Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista mecânica, enquanto para a maioria dos educandos se resume à decoreba de signos lingüísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como, e para quê, impossibilitando compreender o verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade” (MARTINS, 2006, p. 73)

As boas notícias avançam, com a recente exigência da leitura na Escola de Ensino Médio, como atividade obrigatória curricular; A aquisição de livros pelo Plano Nacional do Livro Didático, já dá uma maior abertura para as escolhas que deverão ser adotados nas escolas pelos professores e gestores.

Sabemos que, para a maioria das crianças o primeiro contato com a leitura, é sem dúvida o livro didático; se aprimoramos as nossas escolhas, observando os textos que são apresentados, teremos maiores e melhores chances no que concerne ao ato de ler. Estas são informações que se tornam um refrigério para os professores, estudantes, e pesquisadores que lutam pela existência da leitura e literatura na sala de aula como alternativas para o incentivo ao hábito da leitura.

Entretanto, creio que só a idéia de ofertar mais bibliotecas, mais distribuição de livros, mais campanhas publicitárias, não vai provocar grandes mudanças nos hábitos de leitura da população brasileira.

Perissé<sup>6</sup>, em uma análise da leitura dos brasileiros, profetiza que “este será um problema por várias décadas”... A informação perpassa pela questão de que os dados da Câmara Brasileira do Livro (CBL) informam que entre a população adulta alfabetizada apenas cerca de 30% realmente gosta de ler e lê efetivamente. A mesma pesquisa realizada entre 2000 e 2001, apresentou um número desconcertante, onde 17 milhões de brasileiros declaram que não gostam de ler.

Porém, em pesquisas mais recentes (2008), um estudo, realizado pelo Instituto Pró-Livro e Ibope Inteligência, apresentou que quase metade (45% ou 77 milhões) dos 172,7 milhões de brasileiros abrangidos pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil não leram nenhum livro nos últimos três meses. Desse público, 47% são mulheres e 53%, homens.<sup>7</sup>

As regiões Norte e Nordeste, que apresentam os menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do País, também registraram as menores médias de leitura por habitante/ano: 3,9 e 4,2 respectivamente.

A média nacional é de 4,7 livros ano/habitante. Ainda é uma média relativamente baixa comparando aos “países em desenvolvimento, esse índice chega até 12 livros por ano. O que comprova que *estamos muito aquém do patamar que poderíamos e deveríamos estar*; é a preocupação do coordenador da pesquisa Galeno Amorim.

Para o atual presidente do Instituto Pró-livro, Jorge Yunes, o baixo resultado está vinculado aos níveis de escolaridade nessas regiões. E há também considerações relevantes como a do professor da Universidade de Brasília (UNB) Sebastião de Souza que apesar de partilhar da preocupação de AMORIM, ressalta que:

"A relação do brasileiro com o livro é tardia se comparada a outras nações. Somente após 300 anos de sua descoberta (em abril de 1500), é que o Brasil teve contato indireto com o setor editorial. Tudo começou em 1808 com a chegada da

---

<sup>6</sup> Gabriel Perissé apresenta dados parciais da Pesquisa “Retrato da Leitura no Brasil”, no livro *Literatura e Educação*.

<sup>7</sup> Informes apresentados pelo site Terra - Índice de não-leitores no Brasil.

Família Real. Já nos países latino-americanos colonizados pela Espanha, esse contato foi imediato às suas descobertas"

(SOUZA, 2008, web) <sup>8</sup>

"O incentivo à leitura nas escolas é muito importante, o governo tem que trabalhar para que esse índice seja igual no Brasil inteiro. Se a escolaridade aumentar, com certeza a leitura aumenta também", apontou Yunes.

Vale como exemplo bem próximo, uma visita que fiz em algumas bibliotecas de escolas municipais no Território de Irecê, nas quais tive a grata satisfação em deparar-me com o acervo de livros disponíveis nas estantes dos referidos espaços. O acervo é fruto do Projeto Leitura na Escola, desenvolvido pelo Ministério da Educação nas redes públicas; Livros de poesia, crônicas, romances, contos, etc, mas que, infelizmente, contrariando toda a expectativa da necessidade de leitura se mantinham (ou se mantêm) como relíquias no santuário, intocáveis.

Não tenho dúvida que a escola precisa criar ações que estimulem a leitura de forma eficiente. Se o professor (a) é um (a) leitor (a) que tem hábitos de leitura, há uma forte possibilidade que haja estímulo para fazerem estas estantes imaculadas se tornarem o alvo de projetos que permitam que os livros sejam objetos dinâmicos na sala de aula, e quem sabe, além dos muros da escola.

Nem tudo está perdido, sabe-se também que o Brasil ganhou mais de 40 milhões de novos leitores entre os anos de 2000 e 2007. Os dados são da pesquisa Retratos da Leitura do Brasil, do Instituto Pró-Livro, que afirma que o índice de leitores com idade superior a 15 anos pulou de 26 milhões para 66,5 milhões no período.

Sem dúvida, os 17 milhões de brasileiros que não gostam de ler, certamente não encontraram prazer no contato com a leitura, com a cultura escrita. O fato da existência da Biblioteca, por si só, reafirmo, não basta. O leitor precisa ser

---

<sup>8</sup> Pesquisa – Retratos da Leitura no Brasil. Publicado em **22/08/2008**, no site UNIVERSIA. Vê referências em SOUZA.

fisgado pela prática da leitura. Que não chegue ao extremo do nobre da Pérsia, mas quem sabe, leve na sua bagagem de viajante um livro de cabeceira.

“Leitor voraz e ciumento, um grão-vizir da Pérsia carregava a sua biblioteca quando viajava, acomodando-a em quatrocentos camelos treinados para andar em ordem alfabética.”

( MANGUEL, 2001, p. )

A título de ilustração, existe uma experiência na África relatada por Joel Rufino<sup>9</sup> (2005) que se denomina “bibliotecas voadoras”; São desenvolvidas por professoras aposentadas ou pessoas que gostam de ler. Estas pessoas recebem uma pequena quantidade de livros para fazer circular entre potenciais leitores de bairro; esta ação reforça a minha crença de que, são iniciativas como estas, criativas, e de baixo custo que podem resultar em espaços eficientes de leitura ou na ampliação de espaços para o desenvolvimento da leitura.

O que atraiu a minha atenção nesta atividade é que, com esta ação são criadas comunidades locais de leitura, e as pessoas participam livremente, de forma espontânea, um outro formato que respalda a idéia dos Grupos de Estudos Literários, em espaços diferenciados.

Sabe-se que pelo Brasil afora e fora de nosso país, esta prática se diversifica, ou por iniciativa de Instituições Governamentais, ou por grupos de estudos de linhas de pesquisa das Universidades, e ONG(s), e ultimamente, pela política educacional do Ministério de Educação que vem nos últimos cinco anos enfatizando a leitura na escola, via decretos e incentivos, como a dotação de verbas para a aquisição de livros nas escolas públicas. Esta tarefa urge agilidade, só para lembrar o que o já previa o ensaísta búlgaro, Todorov, que no livro com sugestivo título, *A literatura em Perigo* apresenta:

---

<sup>9</sup> Joel Rufino dos Santos é historiador e hoje se apresenta como um dos mais importantes escritores para crianças e adolescentes. Ganhou o prêmio de 2006, representando o Brasil – IBBY – Hans Christian Andersen, o Nobel da Literatura Infantil.



”Com o passar do tempo, percebi com alguma surpresa que o papel eminente por mim atribuído à literatura não era reconhecido por todos. Foi no ensino escolar que essa disparidade me tocou” (TODOROV, 1039, p.25)

Assim como a educação no Brasil, teve um processo tortuoso, tardio e elitista, as bibliotecas sofreram estes efeitos de forma muito mais catastrófica.

A nossa história com os livros tem um início bizarro, no qual o acaso retardou a organização da primeira biblioteca oficial no Brasil; Uma ação conseqüente da chegada da família real em 1808.

Segundo GOMES, a primeira leva de livros que deveria vir junto com a comitiva de D.João VI, ou seja, o acervo de 60.000 mil livros que compunha a Real Biblioteca Portuguesa foi esquecido no cais de Belém em Lisboa, só chegando no Rio de Janeiro em 1811, após dois anos e meio.<sup>10</sup> Por pouco, os livros abandonados não foram perdidos ou danificados, o que provocaria um maior atraso à instalação de um restrito espaço de leitura em um país de iletrados.

A Revista Nossa História publicou um artigo que diz respeito a estruturação da nossa primeira Biblioteca com o título “Aventuras e Desventuras de uma Biblioteca nos Trópicos”, não tinha como ser diferente, pois antes de se estabelecer em definitivo no Brasil, a Real Biblioteca sobreviveu a terremoto, disputas políticas e arriscadas travessias marítimas. Segundo SCHWARC, (2003)

“A Biblioteca Real entrou definitivamente na história Brasileira em 27 de Junho de 1810, quando, por alvará Régio, foi instalada em parte do Hospital da Ordem Terceira do Carmo, nos fundos da Igreja do mesmo nome, nas proximidades do paço real, hoje paço Imperial .Ainda no mesmo ano, em 29 de outubro, vendo que o local não era apropriado – A biblioteca tinha que dividir espaço com doentes, remédios e até ossos -, o príncipe regente manda que se construa nas catacumbas da

---

<sup>10</sup> Vale salientar que Portugal tinha na época uma das mais extraordinárias bibliotecas da Europa, e que entre estes livros que ficaram à deriva no cais, incluíam a primeira edição de os Lusíadas, de Camões, antigas cópias manuscritas da Bíblia e mapas ainda em pergaminho.

Ordem do Carmo os cômodos necessários para o  
“arranjo e manutenção do referido  
estabelecimento”  
( SCHWARC, 2003, p.40)

Um fato intrigante, é a preocupação do Príncipe Regente D. João VI <sup>11</sup> com este valioso patrimônio. Não só reclamou que os livros esquecidos viessem na sua totalidade, como se preocupou com a instalação dos mesmos de forma que o calor e a umidade dos trópicos não causassem danos aos preciosos livros. A Biblioteca atravessou o atlântico, mas a aproximação do leitor ao livro, foi uma travessia bem mais difícil. É o que nos demonstram os atuais dados de leitura no nosso país.

O Brasil ainda apresenta índices de um país que tem uma população que lê muito pouco – como já apresentado anteriormente, por razões também já explicitadas, por razões que conhecemos bem (processo deficitário de alfabetização, acesso à escola, custo dos livros...) tão imbricadas com a questão sócio-cultural e educacional. Nos países europeus, a média de leitura por habitante é muito mais de dez livros por ano. Na França cada pessoa lê, em média, 25 livros por ano; A Colômbia, um exemplo mais próximo da nossa realidade supera a nossa média de 4,5. A escritora Ana Miranda<sup>12</sup> escreveu um artigo para revista, Caros Amigos, (2000) que faz uma ressalva a este ínfimo índice da leitura em nosso país, segundo a mesma:

“No Brasil, se lê pouco. O nosso paradoxo: dizem que as pessoas não lêem porque os livros são caros, mas os livros são caros porque as pessoas não lêem, as tiragens são pequenas e o custo é mais alto, por exemplar. Essa é uma explicação simplista. A questão é cultural, profunda, vem desde o nosso passado colonial”  
(MIRANDA, 2000,p 25)

---

<sup>11</sup> D. João não ascendera à educação esmerada que o seu irmão primogênito tinha recebido, portanto, é de se admirar a sua enfática posição na defesa da estruturação da Biblioteca Real no Brasil. Neste período foi a maior das Américas.

<sup>12</sup> Ana Miranda é escritora, autora de *Boca do Inferno*, *Desmundo*, *Amrick*, *Dias e Dias*, entre outros livros .[www.anamirandaliteratura.hpgvip.com.br](http://www.anamirandaliteratura.hpgvip.com.br)

Em 2007<sup>13</sup> o Ministério da Cultura apresentou dados relevantes de exclusão cultural em nosso país, que só vem reforçar o propósito da leitura ou das leituras, aliada à necessidade de desenvolver em todo o nosso território, ações diversificadas que mobilizem a população a sair da situação amorfa que ora se apresenta como uma realidade que precisa urgentemente de ações que qualifiquem a vida cultural do povo brasileiro.

Alguns dados revelam a distância da leitura, em relação à população brasileira de forma assustadora, como; 73% dos livros estão concentrados nas mãos de apenas 16% da população; O preço médio do livro de leitura, na moeda corrente é de R\$ 25, 00, elevadíssimo quando se compara com a renda do brasileiro nas classes C/D/E;

Historicamente, no Brasil, a leitura quando não elitizada, esteve aliada às consideradas nocivas idéias de liberdade, de ações indesejáveis, de sentimentos inúteis, e, portanto um perigo para a restrita juventude que conseguia desenvolver a prática da leitura. Argumenta Abreu (2007) que, “os censores portugueses do século XVIII afirmavam que os romances eram um veneno que podia corromper a alma e o coração dos leitores”. (Abreu, 2007 p. 60).

Ainda no século XVIII, um médico reconhecido e respeitado na sociedade europeia, o suíço Samuel Auguste Tissot, chamava a atenção para os efeitos nocivos da leitura literária<sup>14</sup>, segundo ele a leitura “usa o espírito e esgota o corpo, sobrecarregando especialmente o cérebro, os nervos e o estômago” (Abreu, 2007 p. 65). Ora, o que não era indicado para os portugueses da corte acertadamente não era diferente na colônia,. Aqui a censura funcionava como um verdadeiro bloqueio cultural.

Entretanto, pesquisas mais recentes informam que a leitura no Período Colonial esteve marcada pela intensa oralização. Este aspecto me atraiu

---

<sup>13</sup> Os indicadores de exclusão cultural é fruto da pesquisa do programa Mais Cultura apresentado em Outubro de 2007, no primeiro Fórum de Cultura.

<sup>14</sup> Quando me refiro a esta questão, é para fazer lembrar que a leitura que fosse considerada útil não causava transtornos na saúde do leitor. O que se apresentavam como preocupantes eram os romances licenciosos.

bastante, não só pelo fato de identificar aspectos da leitura em grupo, dialógica, talvez, mas também, por sempre encontrar nas pesquisas realizadas, informações que confirmavam a leitura superlativamente cerceada, onde pouquíssimas pessoas tinham acesso aos livros, assim como os impedimentos colocados pela Igreja e o Estado. No entanto, há relatos que informam sobre a leitura oral, entre os iletrados, onde o leitor dava conta desta tarefa de forma contínua.

Esta ação ocorria normalmente nos ambientes de trabalho, ou como se costumava dizer, de labor. Vale lembrar que a arte de ler em voz alta, tem uma história longa e itinerante, citada e contada por autores de renome, como MANGUEL (2006) em Uma História da Leitura: no capítulo “A leitura ouvida”, FISCHER (2006) com a obra do mesmo título, que traz uma abordagem ao longo da História Ocidental, em tempos diferentes, onde se ressalta a introdução da pontuação, quando a leitura passa a ter mais adeptos da leitura silenciosa: Segundo MANGUEL,

“A antiga escrita em rolos – que não separava palavras, não distinguia maiúsculas e minúsculas nem usava a pontuação – servia aos objetos de alguém que estava acostumado a ler em voz alta, alguém que permitiria ao ouvido desembaralhar o que ao olho parecia uma linha contínua de signos”

Estas questões não são negadas, mas precisam ser relativizadas. Segundo o Historiador, Luiz Carlos Villata,<sup>15</sup> “letrados e populares tinham acesso ao saber livresco ouvindo a leitura dos que participavam de debates travados em torno dos livros.” (VILLATA, 2006). Ainda analisando a leitura pelo foco da escuta, BURKE (1992), reforça esta prática da leitura em grupo, de forma muito intensa

---

<sup>15</sup> Segundo Luiz Carlos Villata, autor do artigo “ler na Colônia”, não só os membros das camadas proprietárias, do sexo masculino, mas, escravos e ex-escravos, negros e mulatos, driblando as barreiras econômicas, sociais e culturais, também se fizeram presentes nas rodas da leitura coletiva, ainda que de modo secundário.

no final do século XVIII na França, relatando que algumas pessoas possuíam apenas alguns livros :

“A Bíblia, o almanaque, uma ou duas obras de oração, e os liam repetidas vezes, em geral, em voz alta e em grupo de forma que uma estreita variedade de literatura tornou-se profundamente impressa nas suas consciências” (BURKE, 1992,p. 204)

De qualquer forma o rigor da legislação portuguesa não perdeu o seu papel restritivo. É mister ressaltar o quanto é doloroso a incursão pelos caminhos da censura à leitura. No período da Ditadura Militar, (1964-1982) a censura aos livros podiam ser comparadas, em grandes proporções à violenta ação do que fez a Igreja Católica ao publicar o temeroso Index, e queimar em praça pública , montanhas de livros considerados perniciosos;

Este procedimento foi muito comum nos governos totalitários. Indubitavelmente, o que concorre com a arbitrariedade que dominou os 21 anos de coerção, e desrespeito total aos direitos humanos e à liberdade de expressão em nosso país.

Estas e outras ações no decorrer da nossa História constituíram uma forte ferramenta de impedimento ao acesso ao ato de ler livremente, criando arbítrios convenientes às questões de ordem política, moral ou religiosa:

“A cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprimem”. Antes mesmo que fosse reconhecido o direito do autor sobre a sua obra, a primeira afirmação de sua identidade esteve ligada à censura e à interdição de textos tidos como subversivos pelas autoridades políticas e “Religiosas” (CHARTIER, 2005 p. 23)

Hoje já não falamos em censura à leitura. A WEB, está aí para garantir a total liberação do que está no prelo, e não se ouve falar de livros censurados. Felizmente, pulamos este capítulo. Contudo, precisamos avançar para garantir a leitura para todos, o que implica na erradicação do analfabetismo, e após esta etapa, a criação de espaços eficientes de leitura.

E como o mundo tem avançado em passos largos para um futuro visivelmente inesperado, nos deparamos recentemente com um aparato que supera a impressora do alemão Johannes Gutenberg, (1439) e ao que tudo indica vai causar reações parecidas aos dos monges copistas. É sabido que os monges dos mosteiros não apoiaram a idéia da prensa, acharam que os livros impressos não poderiam reproduzir a beleza das iluminuras feitas à mão. Afinal, quem é que está ameaçando o livro impresso? Trata-se do KINDLE. Um leitor eletrônico de livros lançados pela loja virtual americana Amazon, uma tela digital capaz de reproduzir as páginas de qualquer livro e que, já é fato no mundo e chega ao Brasil pela AMAZON, ainda este ano, no mês atual.( outubro/2009)

Segundo CALENDÁ, em matéria publicada na Revista Super Interessante, a Câmara Brasileira do Livro que se reúne mensalmente na sede da Instituição em um Prédio de Pinheiros, em São Paulo, apresentou a seguinte preocupação :

“O que nos preocupa é um concorrente que vem desafiando o reinado do livro impresso, mantido há séculos, desde a Bíblia de Gutenberg: é o livro digital. A tecnologia esta avançando rapidamente. E nós, produtores de livros ainda estamos presos ao papel”.  
( CALENDÁ, 2009, p. 77).

Não poderia avançar na história da leitura, sem apresentar este novo artefato que nos impressiona pela rapidez que está chegando ao mercado e que acertadamente vai mudar a relação do leitor com o livro.

É óbvio que considerando as questões sócio-econômicas da nossa população, o *Kindle* não avançará em passos largos, porém não deixa de ser uma preocupação para os editores que pensam no futuro do livro impresso.

Você poderá levar uma biblioteca na sua mochila, pois é possível comportar no *Kindle* mais de 200 mil títulos do próprio aparelho, sem que pese, (250 gr.) e ainda por cima, com valores mais em conta do que o livro editado. Portanto, a fala de Ruy Castro ainda é procedente, mesmo se tratando dos Kindles que vêm por aí:

"O livro não é o único veículo para a formação do jovem, mas é o melhor. Com um livro nas mãos, tem-se tempo para o melhor entendimento, a fruição com prazer e o diálogo com o texto. Além disso, o livro é portátil, (grifo meu) podemos levá-lo conosco para qualquer lugar e, de preferência, perto do peito. É isso aí: o livro é o verdadeiro amigo do peito".

**Ruy Castro, escritor**

## 2.2 - GOSTAR DE LER...



“O vírus do amor ao livro é incurável, e eu procuro inocular esse vírus no maior número possível de pessoas.”

**José Mindlim<sup>16</sup>**

Circula uma premissa que “O gosto da leitura nasce na escola” Será? Não existem possibilidades de outros espaços? Não seria esta visão um tanto reducionista para o “gosto pela leitura?”.

Para esta discussão é importante investigar a trajetória escolar dos que estão na docência para compreendermos que caminho foi percorrido pelo professor – em suas dificuldades e possibilidades de acesso à leitura. No caso dos professores que participaram da Licenciatura em Pedagogia em Irecê muitas foram as dificuldades, indo desde o funcionamento precário da escola (a maioria oriundos da zona rural), onde faltava material escolar, papel, lousa, cadeiras, além dos aspectos estruturais e conjunturais macro como a ausência de políticas públicas que garantissem a estes(as) professores(as) o acesso à permanência na escola, quando alunos,.

A história da leitura se entrelaça com as histórias de cada um, com os nós do cotidiano, com a história da educação, do livro, da leitura, da escrita.

É bom salientar que a leitura permite ao leitor a capacidade de sentir, a qual é a mais ampla e profunda, do que a habilidade de se informar ou de se conhecer, segundo LIMA, (2002) “a experiência estética não visa ao domínio das coisas, mas a contribuir para o pensamento sobre a relação entre o pensável e o figurável”.

---

<sup>16</sup> - Bibliófilo e escritor brasileiro.



E ainda insistindo na necessidade de manifestar a magia da leitura, há uma infinidade de informações que nos permitem compreender que a leitura não é apenas a união do som ao grafema, esta situação ocorre no nível mais básico, na fase da aprendizagem da leitura, mas evolui junto ou o leitor, como explica FISCHER (1997), "Leitores freqüentes sempre se tornam leitores fluentes, os quais passam a maximizar o significado".

Comungo com a idéia de que a literatura é um texto para ser vivido, muito mais vivido, do que lido, no sentido técnico da palavra; - A sensibilidade é o cursor da leitura-. A leitura emocional é a mais comum de quem diz gostar de ler, talvez dê maior prazer, no entanto, "é pouco revelada e muito menos valorizada" (MARTINS 2006, p. 49,). Reforçando esta reflexão busco em TODOROV, os pensamentos que ele resgata lá na Antiga Grécia, nas raízes dos Filósofos, Horácio e Aristóteles, apresentando as razões emocionais de quem escreve e de quem lê:

"Segundo Aristóteles, a poesia é uma imitação da natureza, e, segundo Horácio a sua função é agradar e instruir. A relação com o mundo encontra-se assim, tanto do lado do autor, que deve conhecer as realidades do mundo para poder "imitá-las". Quanto do lado dos leitores e ouvintes, que podem é claro encontrar prazer nestas realidades, mas que delas também tiram lições aplicáveis ao restante da sua existência."

(TODOROV, 2009, p.46)

Na mesma linha não poderia desconsiderar uma bela reflexão do escritor Luis Fernando Veríssimo, que anotei em um desses encontros de educação. A frase estava lindamente ostentada em uma parede de um espaço intitulado, *sala de leitura*: <sup>17</sup>Não me contive, e a registrei na minha agenda: "Além de informar e educar, a leitura também ajuda a pensar. Nos livros está a reflexão organizada sobre o mundo que o jovem precisa para se orientar na vida. Sem falar, claro, no prazer e no enriquecimento que ele terá com a ficção e a fantasia"

---

<sup>17</sup> Foi em uma escola do interior Paulista ,Mairiporã. ( Em 2 de agosto de 2009)

Vários autores apresentam situações de pessoas que revelaram a relação terapêutica da leitura com as suas vidas. Um destes casos que atraiu a minha atenção enquanto pesquisadora, é um aspecto citado na *Autobiografia* de John Stuart Mill<sup>18</sup>. Todorov (2009), que faz a leitura da obra de Mill, transcreve que o mesmo estava acometido de uma terrível depressão, insensível a todas as alegrias, assim como a toda sensação agradável, e que todos os remédios que experimentara se mostravam ineficazes; após dois anos vivendo este tormento diário, sua angústia parece ter fim, a partir de uma leitura, que realiza por acaso e o arranca do torpor depressivo, por razões que não se pode delinear como de fato ocorresse uma leitura terapêutica, (grifo meu) mas pelas possibilidades de reação que o texto lido despertou no pensador:

“Trata-se de uma coletânea de poemas de Wordsworth. Mill encontra no livro a expressão de seus sentimentos sublimados pela beleza dos versos “Eles pareceram se a fonte na qual eu podia buscar a alegria interior os prazeres da simpatia e da imaginação, que todos os seres humanos podem compartilhar (...)”. Eu precisava que me fizessem sentir que há na contemplação tranquila das belezas da natureza uma felicidade verdadeira e permanente. Wordsworth me ensinou tudo isso não somente sem me desviar da consideração dos sentimentos do cotidiano e do destino comum da humanidade, mas também duplicando o interesse que eu trazia por eles” (TODOROV, 2009, p. 74)

Ainda insistindo nos vínculos pessoais e emocionais da leitura, cuidando em esclarecer que ela não seja, antes de tudo, uma *técnica de cuidados para a alma*. (Cuidando para que não se confunda com a literatura de auto-ajuda.) Contudo, atualizo um episódio relacionado ao psicanalista Sigmund Freud que por incrível que pareça ganhou o prêmio Goethe de Literatura; como sabido, não contemplava o aspecto científico da sua obra, mas uma premiação literária. Como um leitor voraz que foi, lia de tudo, de clássicos a obras populares, por compreender que a leitura literária abria novos caminhos para a imaginação.

---

<sup>18</sup> **John Stuart Mill** (1806–73), Britânico, foi um dos mais importantes filósofos e reformistas sociais do séc. XIX.

Pois bem, o fato a que me refiro, é uma solicitação de um certo editor, para que Freud elaborasse uma lista de dez bons livros, e Freud o respondeu com uma carta que longe de apresentar obras primas da literatura universal, falava de livros que ele considerava “bons amigos”. Observe o recorte do artigo<sup>19</sup> “Freud e a literatura”;

(...) “Bons amigos não são necessariamente pessoas excepcionais pela cultura, pelo conhecimento, pela sabedoria, pelas virtudes bons amigos são pessoas que temos particulares laços de afeto (...)”.  
(SINCALIR p.98, 2006)

Esta observação traduz o que é efetivamente necessário à proposta do incentivo à leitura. O reforço aos elos afetivos entre os leitores e o texto escrito, metaforicamente falando, é que poderá aproximar os livros dos professores e pessoas de um modo geral. Quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário. O leitor comum, que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida tem razão contra professores, críticos e escritores que lhe dizem que a literatura só fala de si mesma.

Ao falarmos do elo afetivo dos leitores com o livro, inevitavelmente, lembro-me de uma façanha que ouvia desde os tempos de acadêmica de História, e que agora reencontrei registrado na obra *Uma História da Leitura*, FISCHER, (2006) que remete à história de um grão-vizir da Pérsia, como um leitor voraz e ciumento com os seus livros, e quando viajava carregava a sua biblioteca acomodada em quatrocentos camelos, treinados para andar em ordem alfabética.

Tudo leva a crer que ele não só viajava na leitura, mas literalmente, viajava com a leitura. As possibilidades virtuais do mundo contemporâneo nos permitem levar uma caravana de camelos com coleções intermináveis de livros. São os novos tempos.

---

<sup>19</sup> O autor do artigo citado é Moacyr Sinclair, médico, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras.

Segundo TODOROV (2009), “a literatura pode muito”. Com esta frase ele inicia um capítulo da obra, *A Literatura em Perigo*, onde relata várias situações que dizem da importância da literatura na vida das pessoas, comparando-a com a Filosofia, com as Ciências Humanas, e solidifica os seus argumentos, ressaltando que a literatura tem um papel que ele classifica como vital. Veja o que diz o ensaísta, na íntegra.

“A literatura tem um papel vital a cumprir; mas por isso é preciso toma-la no sentido amplo e imenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, que apenas pode ensinar o desespero. Se esse leitor não tivesse razão, a leitura estaria condenada a desaparecer num curto prazo”(TODOROV, 2009, p.73)

O que é visivelmente atraente no texto literário é a franca possibilidade de conduzir o leitor a mundos imaginários, causando prazer aos sentidos e à sensibilidade das pessoas. A literatura transformou-se em várias partes do mundo em disciplina escolar, dada a sua importância para a língua e a cultura de um país, assim como para a formação de jovens leitores.

Considerando que a Literatura é a arte da palavra. Podemos dizer que, assim como a língua que ela utiliza, é um instrumento de comunicação e de interação social; ela cumpre o papel de transmitir os conhecimentos e a cultura de uma comunidade.

FISCHER, (2006), traz um rico relato sobre o ato da leitura e, conseqüentemente sobre a história da Leitura, onde ele, possibilita uma viagem aos primórdios dos tempos, das sociedades tribais à leitura do futuro. O mesmo traz um conceito amplo do que seja a leitura “a capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos”, não é uma resposta simples de se entender pois, segundo o mesmo autor, o ato de ler é variável, não é absoluto. Traduzindo estes questionamentos para a interpretação, sabe-se que interpretar é compreendida muitas vezes como a ação da leitura.

Recentemente, deparei-me com uma curiosa nota na Revista Vida Simples<sup>20</sup> que se intitulava “Anjos do livro”; Trata-se da “**biblioterapia**” apresentada pelas britânicas Susan Elderkin e Ella Berthoud, ambas especialistas em Letras; o serviço funciona, na School of life, utilizando o seguinte procedimento: após um diagnóstico realizado pelas terapeutas da leitura, as pessoas são aconselhadas a lerem obras que possam lhes trazer sabedoria e diversão; segundo as autoras “Nós ajudamos aqueles que perderam o hábito de abrir livros, procurando restaurar os prazeres da leitura”. Esta ação não pode passar despercebida pelos olhos de quem acredita nas diversas possibilidades da leitura, inclusive, como terapia. Há quem diga que lê para sonhar, ou para fugir de uma realidade que incomoda, ou para confirmar uma ideologia, ou para aprofundar-se em um questionamento, ou... Para a salvação da alma!

Por séculos, a leitura das escrituras sagradas é o acesso à salvação da alma, segundo conceitos religiosos de algumas religiões. Portanto, alvíssaras desta natureza só vêm confirmar a necessidade da *leitura nossa de cada dia*.

Não apresento a literatura aqui como objeto de estudo no sentido normativo, pois a idéia é realmente a de entender a Literatura como fruição, subjetiva desinteressada dos métodos e conceitos que a impulsionaram para um campo teórico mais complexo. O que nos interessa na perspectiva dos GELITS, é entender que:

“Frequentemente o texto literário suscita a seu respeito observações que não constituem propriamente o resultado de uma reflexão ou análise, de uma ocupação metódica, mas apenas o registro do sentimento, uma impressão, um julgamento emanado de subjetividade.” (SOUZA, 2004, p.16)

**Gostar de ler...** Foi com este título que apresentei a intenção que nos movia, para que de fato as pessoas se interessassem pelo ato da leitura, e para que esta ação se realizasse no indivíduo, já que ler é um ato solitário, ninguém lê como você, era preciso entender o que se lê, daí me vem a lembrança fatos

---

<sup>20</sup> Revista Vida Simples – ANJOS DO LIVRO, Outubro, 2008, p.15. [www.revistavidasimples.com.br](http://www.revistavidasimples.com.br)

como o de algumas cursistas que desistirem de dar continuidade aos estudos no livro *Raízes do Brasil*, HOLANDA (1982); Elas não conseguiam se aproximar do texto.

O gosto pela leitura não surtiu efeito para os dois cursistas desistentes. Não houve uma estratégia que funcionasse de forma eficiente para estas pessoas, ou elas criaram estratégias de resistência; ler é uma opção pessoal. Portanto, é compreensível. Enquanto líamos em conjunto, parecia que a compreensão fluía, mas, separadamente, a angústia de não concatenar o que seria *aventureiros com os conquistadores* ou *portugueses*, tornava-se uma dúvida crucial. Para estas pessoas, a continuidade no grupo poderia gerar o “desgosto pela “leitura”. Sabendo de antemão que quanto menos conhecimento e vocabulário se têm, mais difícil se torna começar a ler, e estes aspectos estavam presentes em uma das cursistas...

Eu mesma a aconselhei a optar por outro GELIT, já que *Raízes do Brasil* aconteceu em dois Ciclos, porém, fiz recomendações de leituras no que concerne à História do Brasil. Este capítulo de conhecer a própria história é uma recomendação imprescindível.

No Ciclo seguinte, os mesmos cursistas, entraram no grupo de um novo livro que eu estava orientando e passaram a gostar do que estavam lendo. Liam e entendiam, este é o melhor caminho para se aproximar da leitura. Melhor assim.

Não tenho dúvida da necessidade de que “cada um precisa buscar o seu jeito de ler e aprimorá-lo para a leitura se tornar cada vez mais gratificante” (MARTINS, 2006, p. 85)

A experiência com *Raízes do Brasil* foi um aprendizado significativo para entender as limitações que um texto traz para um grupo heterogêneo.

As pessoas não lêem no mesmo ritmo, e nem fazem deduções na mesma proximidade, os níveis de leitura não podem ser hierarquizantes, em um GELIT. *gostar de ler*, pode virar um “gostar de sobressair”. O que é pertinente evitar as atividades competitivas; é o melhor que fazemos para aproximar o grupo ao texto, ou o leitor ao texto, e conseqüentemente, a aproximação entre eles mesmos. A cooperação no ato da interpretação é uma ação que funciona.

O grupo evolui de forma bastante positiva e os cursistas se manifestam sem maiores receios.

É preciso respeitar estas nítidas diferenças. Ainda teimo em dizer que a leitura só se torna atraente quando é possível ler sem a responsabilidade de responder pontualmente sobre o que se leu. Volto a lembrar a MARTINS, quando flexibiliza o ato da leitura ao dizer que:

“Para diminuir a tensão, amenizar as dificuldades importa não considerar o texto como uma ameaça ou algo inatingível. Melhor relaxar, não se preocupar em decifrá-lo, em descobrir o sentido, mas cercá-lo ao modo da gente, pelo ângulo que mais atraia, mesmo parecendo algo secundário do texto.” (MARTINS, 2006, p. 86)

Finalmente para gostar de ler, é preciso escolher o que se vai ler. Fazer da leitura um hábito de prazer, e não uma obrigação. Ser leitor é uma postura de vida. Se não realizamos exercícios físicos por uma opção, e não o adotamos na nossa prática diária, com certeza o nosso corpo vai responder negativamente à sedentarização; o mesmo se aplica à falta de leitura a nossa mente, a nossa relação com o mundo, à memória, a nossa capacidade sensorial, a tão necessária experiência estética, vai nos aproximar da metáfora dos três tão conhecidos macaquinhos. Fica esta reflexão.



### 2.3 - PROJETO IRECÊ:



Por ser de lá  
 Do sertão, lá do cerrado  
 Lá do interior do mato  
 Da caatinga do roçado.  
 Eu quase não saio  
 Eu quase não tenho  
 amigos  
 Eu quase que não consigo  
 Ficar na cidade sem  
 viver contrariado.

*Lamento Sertanejo Gilberto Gil*

Irecê. Em tupi-guarani, águas subterrâneas. A 490 km da capital, uma cidade “sui-generis” com o clima de filmes de faroeste, e meninas que desfilam pelas ruas empoeiradas como se tivessem caído de Beverly Hills. É uma terra que em muitos aspectos, apresenta inúmeros contrastes; No início tudo é desconcertante, principalmente para quem veio pela primeira vez, a equipe UFBA /FACED, há oito anos atrás, exatamente em 2002.

Não tínhamos um Odorico Paraguaçu, mas chegávamos perto. Água “doce” ainda era uma novidade. Agora, as tubulações que vem de Mirorós serpenteiam várias cidades do território, e nós agradecemos aos céus por ficarmos livre da água pesada, salobra... Os meses sem chuva parecem ser eternos, nem lembramos que existe guarda-chuva, e nem nos importamos de



nos guardar do sol. O Feijão e o Sonho, novela que deixou um título permanente pra nossa situação atual, tratando-se da economia agrícola.. Não vale mais plantar no pó, (era uma prática antiga, entre os agricultores da região, que ocorria no mês de outubro) fica então, só a saudosa lembrança do poeta conquistense também catingueiro, Elomar Figueira de Melo, que resgata esta prática tão comum entre os nossos antepassados, com a belíssima canção, Arrumação:

Josefina sai cá fora e vem vê  
 olha os fôrro ramiado vai chovê  
 vai trimina ridusi toda a criação  
 das banda de lá do ri Gavião  
 chiquêra prá cá já ronca o truvão  
 futuca a tuia, pega o catadô  
 vamo plantá feijão no pó

**(Elomar Figueira de Melo –  
 Arrumação)**

Esta *cidade visível* entranhou nas ideias de um grupo corajoso de profissionais da UFBA-FACED, que se aninhou a outros mais,<sup>21</sup> educadores do município de Irecê, e em 2001, forjaram um projeto audacioso para os nossos tão arraigados conceitos; principalmente pela amplitude nas suas concepções filosóficas e pedagógicas. O projeto criou corpo, virtualizou, virou ação, inspirou estudos, e já é História!

No princípio era o verbo. Visitas, palestras, oficinas, reuniões, idas e vindas pela BR do Feijão, e o resultado de um intenso trabalho veio fertilizar a aridez de uma cidade que não só carecia de água, mas de outros alimentos, que circundam a evolução do ser, da cidadania, da essência humana.

O Projeto de formação de Professores em Irecê apresenta um currículo que aponta elementos que são considerados relevantes para uma formação

---

<sup>21</sup> Em 1997, com a mudança de governo em Irecê, na gestão do Prefeito Beto Lélis, a Educação tomou um impulso bastante favorável às mudanças, o que possibilitou esta parceria com a FACED. Digamos que apesar da aridez descrita no texto, o terreno estava preparado para o cultivo de novos projetos, novas idéias. Havia pessoas interessadas nesta mudança e o projeto ganhou vida.

contemporânea de professores. É no eixo temático, **Educação e Linguagens** onde se explora a maior gama possível de linguagens, que entre ações que variam da **Literatura, Cinema, Cartografia** como ciência e arte, à **Matemática** como raciocínio lógico. **As Artes**, como “conteúdo sensível” (Programa de Formação continuada, (2003, p. 23) O que me inspira de imediato a buscar nos Titãs, quando faz a denúncia poética da nossa pobreza, em alimentar as pessoas com algo mais do que “comida e água”.

A gente não quer só comer,  
 A gente quer prazer pra aliviar a dor  
 A gente não quer só dinheiro,  
 A gente quer dinheiro e felicidade  
 A gente não quer só dinheiro,  
**A gente quer inteiro e não pela metade**

(*Arnaldo Antunes/Sérgio Brito/ Marcelo Fromer*)

Não conseguiria evoluir neste capítulo sem trazer à tona e mesmo que de forma aligeirada, a “*Cidade Isaura*”, uma cidade onírica que é apresentada por Calvino, na sua instigante obra, um de seus mais celebrados livros, “As Cidades Invisíveis” (*Le Città Invisibili*)<sup>22</sup>. Com uma prodigalidade de detalhes que nos remete às dinâmicas de cada cidade, (as cidades deixam de ser um conceito geográfico para se tornar o símbolo complexo e inesgotável da existência humana) todas com nomes femininos; Olívia, Zobeide, Ipávia, Isidora, Dorotéia, etc. Cada uma tem características próprias, cada uma com a sua identidade, com sua aparência, um significado, etc. E foi no percurso da leitura, que encontrei a cidade ISAURA. Em muito esta cidade nos representava... Observe as coincidências no fragmento abaixo:

“Presume-se que Isaura, a cidade dos mil poços, esteja situada acima de um profundo lago subterrâneo, a cidade se estende exclusivamente até os lugares em que os habitantes conseguiram extrair água, escavando na terra longos buracos verticais: o seu perímetro verdejante

---

<sup>22</sup> Ítalo Calvino, publica em 1972, o seu livro mais celebrado, As Cidades Invisíveis, no qual Marco Pólo descreve ao imperador Kublai Khan as cidades que visitara em suas viagens – lugares surreiais que, apesar de não existirem, convencem não somente a Khan, mas também ao leitor. (BERCITO, 2009, p.23)

reproduz o das margens escuras do lago submerso, uma paisagem invisível condiciona uma paisagem visível, tudo que se move à luz do sol é impelida pelas ondas enclausuradas que quebram sob o céu calcário das rochas”. (CALVINO, 1990, p. 24)

Parece-me uma cidade íntima, concebida nos recônditos do sertão baiano, povoada de poços artesianos. Literalmente falando. Que tal Irecê?

E assim é que vamos partir para a compreensão do Currículo e Planejamento do Projeto Irecê. A compreensão do Currículo e Planejamento do Projeto Irecê é fundamental para se ter um melhor entendimento da existência e desenvolvimento dos GELITS; Existe toda uma prática vinculada ao currículo que se desprende da ação convencional dos cursos acadêmicos, e propicia uma ação que permite novas inspirações, de forma contínua e abundante.

Eu diria que é muito próximo da ilustração de uma cornucópia aberta. No entanto, o que está aberto é também um labirinto, e como todo labirinto, os caminhos não estão sinalizados, podemos muito bem encontrar paredes onde achávamos que era a saída, ou chegar à saída mais rápido do que planejávamos, ou ainda, dar voltas, ir e vir, até que o labirinto se abra com outras rotas para serem percorridas. Esta ilustração aplica-se à idéia do curso, que opta pela formulação do Campo das possibilidades pensadas, “ pensado como o propiciador de uma construção curricular mais em processo e menos como um modelo a ser aplicado”. (Carvalho et ali. 2007 p.40)

O Programa de Formação de Professores da Faculdade de Educação, em parceria com a Prefeitura Municipal de Irecê, (2003) ofereceu o curso de Licenciatura em Pedagogia aos professores efetivos da Rede Municipal de Irecê. Trata-se de uma iniciativa experimental, em que:

O objeto de estudo dos professores no curso, é o processo educativo, a educação em seu acontecer cotidiano, nos diversos espaços da prática social em que se processa traduzido mais especificamente, na ação docente que confere

sentido e organicidade, às diferentes ênfases do trabalho pedagógico, que constitui na base comum de formação dos profissionais de educação (UFBA/FACED, 2003, p. 27).

A estrutura curricular está dividida em Ciclos, que correspondem aos semestres letivos da Universidade Federal da Bahia, perfazendo um total de seis Ciclos. Os estudantes do curso são chamados de professores-cursistas, são professores-estudantes, que integram ao Curso de licenciatura em Pedagogia e que desenvolvem no percurso acadêmico reflexões e estudos aliados a sua prática. Durante os Ciclos foram oferecidas Atividades Curriculares que estão estruturadas por Eixos Temáticos. As Atividades compreendem: Registro e Produção (diário de ciclo, memorial e produção livre), Temáticas (seminários, projetos, grupos de estudos, oficinas, cursos e palestras) e as que ocorrem em Exercício.

Os GELITS, (Grupos de Estudos Literários) e os GECINS, (Grupos de Estudos Cinematográficos), estão localizados nas Atividades Temáticas, pensados e concebidos como grupos de estudos.

Neste curso os (as) professores (as) têm a possibilidade de construir seus percursos de aprendizagem, estando atentos às necessidades que se apresentam para sua formação na contemporaneidade. Assim, a cada ciclo, diversos tipos de atividades foram oferecidas para que os professores optassem pelo(s) caminho(s) que queriam trilhar, integrando-as no percurso da sua própria aprendizagem. É a Pedagogia do A-con-te-cer.

Por sua vez, as atividades desenvolvidas nos grupos literários se manifestaram como principal foco de investigação para a realização da análise realizada.

Neste processo de investigação, procurei sistematizar as informações desenvolvidas, ressaltando que, o que parecia uma ação simples, grupos de leitura com a pretensão de ler e analisar e discutir o que se leu, emergiu para um fenômeno coletivo, proporcionando *insights* que inevitavelmente concorreram para uma atividade mais complexa do que se pensava inicialmente. É o que concebemos como centros instáveis, “ora o professor é o centro, ora o aluno, ora outro ator ou mesmo um elemento físico”

(UFBA/FACED, 2003, p) poderá ser o centro de uma determinada ação ou momento pedagógico.

Citando JOHNSON, “a aprendizagem também será um tipo de emergência de mais alto nível, formando-se a partir de componentes simples”. (JOHNSON, 2003, p. 33)

O ambiente em que se proporcionou a criação dos grupos literários apresentava e apresenta (ainda na segunda turma do Curso) aspectos inusitados diante da proposta inicial. As pessoas trazem as suas idiossincrasias, e a leitura precisa fazer este necessário movimento, no concernente às referências pessoais; são os agentes externos inferindo no processo que emerge para uma ação mais complexa. Sem que houvesse uma orientação com teor de bula, ou seja, indicação, direcionamento, controle, as ações, foram de certa forma, se auto-organizando para uma atividade que se acrescentavam outras necessidades, como: o ato de ler, metodologia da leitura, aspectos filosóficos da leitura, o entendimento da interpretação, a estética da recepção, o discurso dos textos, etc. até, enfim, começarmos a leitura do livro proposto que por sua vez, ao “abrir-se” para os (as) leitores(as) também desencadeavam ações impensadas.

Esta proposta assume, teoricamente, uma política de movimento que, após cuidadosa investigação, deparei-me com o pensamento de JOHNSON, (2003), ou seja, vivenciamos um sistema que: “múltiplos agentes interagindo dinamicamente de diversas formas, seguindo regras locais e não percebendo qualquer instrução de nível mais alto”, definem de forma elementar, comportamentos complexos. Estamos vivenciando uma ação que segue regras simples, mas que se desdobra em ações não planejadas que emergem das variações, das recepções do texto, do endereço de cada leitor, que tem o seu lugar, a sua história, e assim os caminhos se ampliam e o planejado não é uma ação sólida, flexibiliza-se a partir das manifestações do grupo o que é sinalizado; Assim ocorreu quando líamos “Quando Nietzsche chorou”, “Raízes do Brasil”, “Dom Quixote de la Mancha”, “Código Da Vinci”, “Odisséia” etc..

A importância da Leitura no processo de formação docente ao longo do curso foi nitidamente marcada pelo o ineditismo da atividade e as perspectivas advindas desta ação que evoca a idéia do *tornar-se*, ou como se chega a ser o que se é, os professores-cursistas não vão ser idealizados, elas desenvolvem o entendimento de si mesmas. Como leitores e leitoras, a ação não é diferente; As pessoas passam por um processo de identificação. As leituras realizadas, respondem circunstancialmente, a emoções diferenciadas, ou à satisfação, ao embevecimento, à serenidade, ou ao contrário, desencadeiam angústias, incredulidade, inquietações, dor, etc.

Importa neste quesito a inferência, apresentada por Correia (1997) “o leitor traz para o texto um universo individual que interfere na sua leitura” (CORRÊA, 1997 p.42) A formação, deste ponto de vista, é uma ação que se constitui em colaboração com as atividades propostas.

Aqui valem algumas lembranças de cursistas que reagiram de forma imprevisível diante das leituras que faziam; muitos não refreavam as emoções e iam à forra com o autor; Foi o caso da professora que lia *O apanhador no Campo de Centeio*<sup>23</sup>, (SALINGER) que indignada com o vocabulário do escritor, negou-se a terminar a leitura; Dizia que o texto em nada acrescentava, e que a atitude da personagem principal, um adolescente no início dos anos 50 nos EUA, era um péssimo exemplo para a educação pela insolência, rebeldia, etc. contudo, resolveu ler até o final pra ver que castigo o mesmo teria; Outra cursista que lia o *Código Da Vinci*, escondia o livro embaixo da cama, para evitar que o filho adolescente continuasse a leitura de uma obra tão “desrespeitosa” (O filho já estava envolvido com o enredo dinâmico de Dan Brown)

Na idéia de formar bons leitores, professores e orientadores inspiraram em uma dimensão favorável o desejo de ler, considerando que é possível encantar-se com a leitura, e esta ação é própria de quem se aventura por áreas desconhecidas. O desconhecido, trata-se neste contexto das variáveis do texto, são as chamadas relações não formuladas entre o leitor e o texto, ou melhor, a literatura e o texto. É a Indeterminação – “que não é exclusiva ao texto literário,

---

<sup>23</sup> Relato oral da orientadora , Ivanete Pereira do GELIT que fazia o estudo do *Apanhador no Campo de Centeio no Ciclo Seis*.

mas nele se acentua” LIMA (2002), e que nos leva aos caminhos incertos da leitura e as várias possibilidades de conexão do leitor com o texto. O autor sai de cena, o que importa na leitura, é o diálogo que o leitor passa a ter com o texto, com a situação, e as inferências são fundamentais neste quesito.

“É na posição do leitor que se encontram as credenciais mais fortes para quem quer discutir o perfil do indivíduo que, livro aberto nas mãos, no silêncio da sua leitura, pergunta ao escritor que não pode esquivar-se da resposta: Trouxeste a chave? Com ou sem chave, leitor e escritor são faces da mesma moeda, não obstante, as quedas-de-braço em que às vezes se confrontam”

(LAJOLO, 2002, p.34)

Quando iniciamos a leitura do livro Quando Nietzsche Chorou, havia uma hostilidade premente nas falas dos leitores e nas impressões que ora se manifestavam. Por motivos eminentemente interpretativos, esta situação foi mudando de forma gradativa, à medida que o autor dinamizava a figura do filósofo; Nietzsche passou a ser o “herói” da história, e as exclamações desprendidas eram de cuidado, preocupação e penalizados com as histerias e dores permanentes que acometia a personagem.

A leitura literária emergiu de forma simples no primeiro ciclo e foi sendo ampliando, como um leque que se abre apresentando figuras convidativas, à medida que avançávamos no tempo. Se no primeiro ciclo tínhamos apenas um GELIT, nos que se seguiram todas as professoras, orientadoras locais, ganharam mais uma atribuição – Encontros com a literatura. Os GELIT(s) se agigantaram. As leituras tomaram corpo, a intimidade com autores que outrora eram tratados como desconhecidos, passavam a acenar para nós, (equipe do projeto) como uma vitória que absorvíamos em pequenos e deliciosos goles.

A criação de espaços que facilitaram esta ação, possibilitou a uma considerável parcela dos cursistas a sua descoberta ou desenvolvimento como leitores o que evidencia a necessidade de neutralizar a complexidade do ato de ler. Sobre este questão, os autores da leitura, que concorrem com os autores dos

textos, apresentam em seus depoimentos o que foi este contato com a leitura literária no processo de formação. Para Juscileide Nunes, gestora de uma escola rural localizada no povoado de Itapicuru.

Quando me sentia obrigada a fazer alguma coisa não conseguia produzir sentido. Mas, esta sensação mudou ao participar dos estudos literários, porque a história do meu itinerário de leitura foi respeitada através das estratégias utilizadas por Rúbia Margareth, às quais mudaram as minhas concepções sobre as práticas leitoras.

A leitura literária, além de promover, divertir e refletir contribuiu para ampliação do meu universo cultural  
(NUNES, 2006, p. 51).

Joelma Portugal, que atualmente assume a gestão de uma escola de Educação Infantil na zona urbana, enviou um depoimento que fortalece a idéia de que ler amplia a compreensão do professor dos mundos conhecidos e desconhecidos.

“Para mim foi uma experiência de extrema importância. Abriu outros horizontes, pude compreender a leitura literária com um novo olhar. Participei de discussões riquíssimas que me possibilitou uma nova concepção do que é adentrar em uma leitura coletiva e participativa. É ir além do que está posto pelo autor.”  
(PORTUGAL, enviada por e-mail, em 24/nov. 2007 –gruposliterárioufba@yahoo.grupos)

Após a conclusão da primeira turma, iniciamos o grupo de discussão virtual; a ideia era manter a dinâmica da discussão com os que estivessem dispostos a dar continuidade a esta atividade, já na perspectiva de leitores em rede, e fora do Curso. Tivemos um bom número de adesões, mas as minhas dificuldades pessoais, (mudança de cidade, período sem a web de forma regular, etc.) impediu para que houvesse um melhor entrosamento e consistência na atividade do grupo.

Entretanto, inicialmente a sensação que tive, era de que estávamos mais uma vez reunidos em torno de uma prosa literária. O início deste momento deu-se com algumas iniciativas animadoras, como os e-mails postados por Juscileide Lima, Josevâni Conceição, Lucieide Menezes e Neuma Conceição:



“Que bom poder discutir o que aconteceu nos grupos literários, eles nos fizeram crescer em relação ao grau de contato com a leitura. Confesso que a minha intimidade maior com a leitura foi a partir dos estudos literários.” Leide  
(LIMA, enviada por e-mail, em 24/nov. 2007 – gruposliteráriosufba@yahoo.grupos)

“Margô adorei ser convidada para fazer parte desse grupo iniciei a leitura do livro: A menina que roubava livros de Markus Zusak. Logo, logo estarei compartilhando ele com vocs, (sic) Agora que já temos de volta um grupo virtual.  
Bjão! (CONEIÇÃO enviada por e-mail, em 01/nov. 2007 –“ gruposliteráriosufba@yahoo.grupos)

“Foi sem dúvida uma experiência maravilhosa, conhecer fatos e histórias que antecederam os fatos e as histórias dos autores (livros) foi ainda muito mais importante e enriquecedor. Que tal se criarmos um grupo assim, como o da faculdade? Será que cumpriríamos? Poderia ser até mesmo por aqui, porém que lêssemos o mesmo livro, fizéssemos comentários, marcaríamos data e sugestões de leitura/filmes/documentários.  
Não garanto muito, mas... tá lançado o desafio.”  
(MENEZES, depoimento enviado por e-mail, em 01/nov.2007– gruposliteráriosufba@yahoo.grupos)

” Legal demais!!! Amei a idéia... acredito que este será um espaço de ricas aprendizagens e excelente ampliação cultural, parabéns!  
Atualmente estou lendo O menino do dedo verde e O caçador de pipas.  
bejim”  
(CONEIÇÃO, enviada por e-mail, em 01/nov. 2007 – gruposliteráriosufba@yahoo.grupos)

O grupo virtual que criei após o término da primeira turma está composto por 15 pessoas que apesar de não estarmos na ativa, ainda de constituem como

grupo, com poucas e espaçadas participações. Creio que está faltando um atrativo, uma figura que dinamize a discussão para uma retomada mais consistente dos gruposliterarios@yahoo.grupos. Acho interessante esta avaliação que as egressas Neuma Conceição e Juscileide Pereira realizaram, pois sintetizam de forma muito ampla e clara o que outros mais também postaram na lista.

“Participar dos grupos de estudo literário, foi uma das atividades mais marcantes do período acadêmico, pois pude ampliar ainda mais minhas vivências literárias. As discussões sempre, acrescidas das diversas linguagens. (filmes, músicas, poemas...) me possibilitou reflexão favorável ao entendimento das obras estudadas. Penso, que independente da Universidade devemos continuar com estes momentos, que seja por(neste espaço) como também poderíamos marcar alguns encontros por aqui. Sei, que todos têm uma carga horária pesada, mas a leitura é para ser prazerosa, se organizarmos, poderemos sim realizarmos belos e ricos encontros literários, quem sabe até, promover um evento maior em que mais pessoas, possam desfrutar do universo mágico dos livros. A realização do sarau literário, foi um ótimo momento de socialização de obras, que tal começarmos esta discussão aqui? Saudações/Literárias.”  
(CONEIÇÃO enviada por e-mail, em 01/nov. 2007 – gruposliterariosufba@yahoo.grupos)

Neste comentário a egressa “Leide”, Juscileide Pereira já realiza um comentário mais amíúde da sua relação com os livros e a dificuldade inicial do contato com dois grandes clássicos; Raízes do Brasil e Dom Quixote de La Mancha.

Quando surgiram os grupos de Estudos Literários, senti-me "obrigada" a fazer a inscrição porque só gostava de ler livros técnicos. O primeiro livro que comecei a ler no grupo literário foi Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda, mas não tinha interesse nenhum, a única preocupação era a nota, sendo assim, nas primeiras leituras não conseguia absorver nada, pois as vozes não se misturavam com outras, via uma leitura inerte, fechada, estagnada, não via espaço, e tampouco, a possibilidade de recriar o texto, de descobrir outros significados. Era como se estivesse “cega”. A “cegueira” só diminuiu após a leitura da segunda parte do livro de Raízes do Brasil, pois a cada

capítulo lido já conseguia estabelecer uma conexão local.

Mas me tornar uma verdadeira amante da leitura mesmo, foi com a leitura do livro Dom Quixote de La Mancha de Miguel de Cervantes, pois a cada página lida surgiam as emoções, sofria com as tragédias, me envolvia com os problemas, ficava indignada com as injustiças cometidas...

Tudo isso aconteceu devido à utilização das diversas linguagens utilizadas e/ou estratégias usadas pelos orientadores. Elas nos transformaram em leitores críticos, que responde ao texto recriando-o ou ultrapassando os limites do texto, que ora chora, ora ri, que se apaixona ou se revolta.

Portanto, ficou a certeza que voamos mais alto, enxergamos mais longe, saímos da superfície linear da decodificação do texto. Hoje, traçamos pontes que se entrelaçam com a nossa visão de mundo, direcionamos os múltiplos olhares, sustentamos nossos argumentos, ou melhor, posicionamos diante do texto e até da vida.

O que mais me encantou nos grupos de estudos literários foi o acolhimento da nossa identidade cultural, fomos construindo as trilhas do nosso caminho através das diversas leituras, pois elas se tornaram o caminho essencial que viabilizou a nossa conexão com o mundo.

(LIMA, enviada por e-mail, em 24/nov. 2007 – gruposliteráriosufba@yahoo.grupos)

Devo salientar, que no período em que realizava os convites aos egressos resolvi estender o convite para outros (as) professores(as) de espaços diferentes, pois já não éramos mais o GELIT, e sim uma bela germinação do que os grupos de estudos podiam fazer além do curso; Aí temos mais um depoimento virtual de uma professora de História, Nelma Cistina Dourado Pereira Nunes, que se encantou com a proposta e postou as suas primeiras impressões, do que seria este grupo literário virtual. “Eu nunca participei de nenhum grupo literário estou adorando a idéia. Um livro legal é "O livreiro de Cabul" vale a pena conferir. Em outra mensagem, já entrosando com o grupo ela responde:

O livro " Livreiro de Cabul" é uma obra agradável de se ler, com uma linguagem jornalística. Descreve a vida das mulheres sob o regime do talibã, eu nunca vi nada mais pavoroso, é uma opressão sem fim. Para entender melhor assistam também o filme

Osama( não tem nenhuma relação com o Bin Laden). (Postado no Grupo Virtual, Qua, 28 de Nov de 2007 9:51 )

Nas palavras de Manguel (1987) “ler em voz alta, ler em silêncio, ser capaz de carregar na mente bibliotecas íntimas de palavras lembradas são aptidões espantosas que adquirimos por meios incertos” (MANGUEL, 1987p. 85).

Enfim, tudo que testemunhamos nos GELITS nos leva a crer que, em uma estrutura curricular notadamente rígida e linear há uma dificuldade nítida, mas não impossível, no que se refere à ação descrita de forma que flua os saberes humanos mais ligados ao espírito, à afetividade, ao emocional, observando a relevada importância que ocupa este espaço. A leitura Literária supostamente é uma delas.

Quando estava colhendo as falas postadas no Grupo Virtual, fiquei em dúvida onde poderia encaixá-las, já que mais à frente apresento um capítulo que dá voz aos leitores; no entanto, é um momento que denominei de “entrelinhas”, uma clara metáfora do que ocorria nos encontros, entre os encontros, enfim, no cotidiano do GELIT. Por este motivo, intui que estas falas coadunavam com a proposta do Programa de Formação de Professores, que na sua estrutura apresenta a criação de Projetos de Comunicação Virtual, e que neste momento atual na condição de egressos, os e (as) pedagogos (as) poderiam já estar compondo uma outra fase da sua formação em um outro momento do Projeto. O olhar de distanciamento, de maturidade das falas, reflete o que foi feito e principalmente o que virá.

### 3 – 0 A-CON-TECER



Palavras pra dizer  
 De novo o que foi dito  
 Todas as folhas em branco  
 Todos os livros fechados  
 Tudo com todas as letras  
 Nada de novo debaixo do sol  
**TITÃS**

Paradoxalmente, mas não tão paradoxo, este capítulo, não será o movimento de virar as páginas com os dedos, levando pela pontinha da página, uma após a outra até que, inerte o livro chegue a sua página final. Aqui se inicia um processo de *virar as páginas*, que em muito se aproxima de virar as coisas. É o **A-CON-TECER**.

Sair do seu contexto estático e mostrar-se. É o movimento que está inerente à dissertação, a apresentação do objeto, o objetivo, - **O tento e as coisas** -; É a metodologia que norteou este trabalho como uma sombra benéfica ativando as ações, explicando as razões, e esclarecendo a falta da razão suplantada muitas vezes pela emoção. - **Caminhos por onde andei** -, diz das entrevistas, do sentido que foi dado às perguntas, às respostas, às leituras dos teóricos, e o cruzamento das minhas leituras com os textos que já trago na minha existência literária.

E fecho o capítulo com uma boa “prosa” – **Conversa ao pé da prateleira** -, uma busca de informações que se estruturam em entrevistas e conversas bem pretensiosas com os funcionários da Biblioteca Hermenito Dourado.

E aí surgem desejos de falar do modo de fazer e ver as coisas, que ninguém sente ou sabe mais do que quem pesquisou. Os GELITS podem existir e existem em toda parte do mundo, mas não se repetem em seus formatos. Eles são únicos, como cada pessoa o é.

Daí vem a minha fome de palavras que sejam só nossas, sem espelhos, mas que sejam espelhos, considerando, que já somos reflexos, é assim que a

pedagogia do A-con-tecer, compreende o a-con-tecer, tecendo no dia-a-dia , as coisas que não são pensadas como estruturas fechadas, mas estão no “reino” das possibilidades.

A mania acadêmica de citações é tão imperativa nos trabalhos acadêmicos que se chega a comentar quando não o fazemos. Se temos lá as nossas bem domésticas citações que se originam, e ninguém tem dúvida disso, das mais variadas leituras que fazemos da vida, e ousamos pouco das citações que nascem em contexto tão originais, quanto ao dos renomados teóricos, mas ainda nos retraímos no uso de nossas PALAVRAS, é quando retomo a epígrafe dos Titãs, gigantes mesmos, para poetizar a nossa necessidade de usar as palavras sem pedir licença, pois elas têm a liberdade de transitar em nossas páginas, elas *acontecem* e *tecem* o texto que vem do seu sentido original “têxtil”.

Palavra eu preciso  
 Preciso com urgência  
 Palavras que se usem  
 em caso de emergência  
 Dizer o que se sente  
 Cumprir uma sentença  
 Palavras que se diz  
 Se diz e não se pensa  
 Palavras não têm cor  
 Palavras não têm culpa

Primeiro as ideias, mas, são as palavras que fazem **acontecer** esta pesquisa. E Caetano este arquiteto das palavras me desconcerta quando digo que vou ser restrita às citações, mas, são “Outras Palavras”:

“Outras palavras  
 Nem vem que não tem, vem que tem coração,  
 tamanho trem  
 Como na palavra, palavra, a palavra estou em  
 mim  
 E fora de mim  
 Quando você parece que não dá  
 Você diz que diz em silêncio o que eu não desejo  
 ouvir  
 Tem me feito muito infeliz mas agora minha filha:  
 Outras palavras...”

Caetano Veloso

### 3-1 O TENTO E AS COISAS:



Pois o desejo de ler, como todos os outros desejos que distraem nossas almas infelizes, é capaz de análise.

Virginia Wolf

A presente dissertação traz como objeto de análise e investigação o processo de formação de leitores, a partir do desenvolvimento das ações literárias realizadas no Curso de Licenciatura em Pedagogia em Irecê, constituídas com os **Grupos de Estudos Literários**. Estes foram realizados ao longo de três anos do Curso, na primeira etapa e, já presente, em mais de um ano da nova turma de formação de professores, observando as ressonâncias das leituras na qualificação dos cursistas, no que concerne ao ato de ler, interpretar, analisar e contar.

Principalmente, ampliar o campo de leitura dos docentes no que diz respeito à discussão dos textos (livros, filmes, músicas, poemas e quadros) sugeridos em suas múltiplas dimensões.

O Grupo de Estudos Literários tornou-se uma **Tertúlia Dialógica e Literária**<sup>24</sup> a partir do momento que proporcionou o encontro coletivo dos professores-cursistas periodicamente, possibilitando um diálogo em que a idéia motriz não

---

<sup>24</sup> O nome tertúlia literária era a denominação dada aos encontros e conversações de intelectuais espanhóis geralmente celebrados em famosos cafés tradicionais. Segundo o dicionário de Aurélio Buarque, tertúlia é um substantivo feminino que remete ao agrupamento de amigos, assembleia literária, ou reunião familiar.

era a validade do que se falava, mas os diferentes argumentos, percepções e sensações produzidas pela leitura em pauta, o que envolvia os cursistas de forma democrática, aberta, sem restrições à fala.

Esta análise é fruto da compreensão de que o texto literário nem sempre suscita observações metódicas, o que torna possível a manifestação de um sentimento, impressão, julgamento, que é nutrido pela subjetividade. Contribui para o fortalecimento desta idéia o argumento de Souza, quando diz:

“Contrariando a sólida tradição de que a literatura se presta a tornar-se um objeto de estudo- de caráter normativo, ou descritivo – especulativo – desenvolveu-se uma posição que pretende subtrair o texto literário a esse circuito intelectualista, para restituí-lo à fruição subjetiva e desinteressada de métodos e conceitos, próxima àquela espécie de desarmamento teórico próprio do leitor comum.” (SOUZA , p. 17, 2004)

Neste sentido, argumento sobre a necessidade do trabalho com a literatura nos currículos dos cursos de Licenciatura (no caso analisado, Pedagogia); E fortalecendo esta proposta, é profícua a ressalva de Todorov (2009) “lembra que o que se destina a todos é a Literatura, não os estudos literários”.

É por acreditar em uma concepção que não reduza a literatura aos literatos, que precisamos reorientar a ação do currículo para a necessidade dos atores curriculares, no caso em foco, a leitura literária; na medida em que este trabalho possibilita descortinar o uso de diferentes linguagens e textos para a formação do (a) professor (a), principalmente, da Educação Básica.

Outra questão que fortalece este argumento é apresentada por BLOOM:

“na defesa de um espaço restrito para os estudos literários, o que inclui a definição de uma literatura essencial e a reacomodação dos cursos universitários e de crítica e a diferenciação entre estudos literários e estudos culturais”( PINTO apud BLOOM, 2004, p. 39)

O que temos, mais comumente, é a Literatura como disciplina, no geral, restrita ao Curso de Letras. Mas, a experiência vivenciada na Licenciatura em



Pedagogia, Irecê viabilizou indagar a respeito da democratização da literatura e da leitura literária, a partir dos Grupos de Estudos Literários (GELITS), ocasião em que foi permitido compreender melhor a importância da formação de leitores e sua contribuição na construção do perfil dos educadores e educadoras e quiçá, profissionais de áreas diversificadas.

Com a dissertação, **“Tertúlias Literárias e Dialógicas no Projeto Irecê”** investigo a dimensão das ações literárias desenvolvidas na Licenciatura, partindo de elementos já percebidos no percurso do Curso em Irecê, com um destaque para a descoberta da Literatura, não só como um objeto de questionamento ou problematização, mas principalmente como uma ação essencialmente dialógica.

“Os diálogos construídos por diferentes vozes, tendo como referências primeiras de análises os trechos dos livros de literatura selecionados, possibilitavam, estabelecer comparações e interpretações das condições de vida e de trabalho vividos em diferentes tempos” (PRESTES, 2005 p. 53)

Neste contexto, importa informar que a descoberta da Literatura pela maioria dos/das integrantes, ocorreu durante o Curso, quando nos debruçamos nas diversas atividades dos Estudos Literários. Os GELIT(s) se constituíam como verdadeiros centros dinamizadores de elementos culturais; nos encontros semanais, estávamos sempre alternando elementos como a música, cinema, poesia, quadrinhos, imagens, litogravuras, como alimentadores do texto literário em pauta.

No período da infância dos professores-cursistas, a descoberta do livro, segundo suas vivências literárias relatos<sup>25</sup>, deu-se em um clima que nem sempre foi o esperado “encantamento”. Até por que, os métodos pelos quais aprenderam a ler, segundo relato dos mesmos, não alargavam os horizontes da leitura. O Projeto do Curso trouxe, com a atividade dos **Grupos de Estudos Literários**, momentos descritos pelos professores cursistas, como o de revelação, de encantamento frente às obras dantes desconhecidas, como

---

<sup>25</sup> Os relatos foram lidos nos memoriais, no período que realizei a orientação dos grupos, durante cinco anos. (Na primeira e segunda turma)

um contato com um mundo a ser descortinado, é como “lançar mundos no mundo”<sup>26</sup> pelo viés da leitura e da Literatura, em seus diferentes estilos, manifestando-se através da ficção, filosofia, história, poesia, crônicas, etc.

A experiência que vivenciamos no processo deste curso de Licenciatura em Pedagogia também logrou excelentes resultados na leitura de obras clássicas de cunho filosófico e histórico, sem perder a idéia de que esta era uma ação aberta para o diálogo, sem o peso da avaliação quantitativa.

Uma destas experiências, por exemplo, ocorreu quando lemos, o clássico, Raízes do Brasil (2002), e muitos se surpreendiam, na medida em que iam lendo e se deparando com algo que deveras já conheciam, ou seja, a ideia do português como aventureiro. Foi um dos aspectos que observei, já era conhecida, mas não era um conhecimento sistematizado, como relacionaram ao ler a obra. Para Calvino, “(...) um clássico, não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou) acreditávamos saber, mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro.” (CALVINO, 1991 p.14)

Nos encontros dos GELITS, importava a qualidade das discussões e o debate participativo, o envolvimento – coletivo e individual - e o ambiente de reflexão e interpretação que se estabeleceu em cada encontro realizado.

Darton<sup>27</sup> ilumina esta ação descrita, a de que a orientação para o ato de ler atrai o leitor ao livro de forma que a leitura torne-se uma ação “apetitosa”, é a percepção que obtive quando o autor apresenta no capítulo, *História da leitura*, a eficiente estratégia adotada por Rousseau, em relação à sua obra *La Nouvelle Héloïse*<sup>28</sup>, segundo o autor, o filósofo usou uma orientação prévia para a leitura da obra:

---

<sup>27</sup> A obra organizada pelo historiador Peter Burke, “A escrita da História: novas perspectivas” tem a valiosa colaboração do Professor de História da Universidade de Pinceton, Robert Darnton que se refere à História da Leitura.

<sup>28</sup> O livro foi recebido como um dos maiores *best-sellers* da época. De 1761 a 1800 teve cem edições ou contrafações, número enorme para o século XVIII. Romance do pensamento de Rousseau que suas obras iriam teorizar, *Nova Heloísa* é a sensibilidade e o lirismo de seu autor aprofundando o tema das relações

“Deu instruções a seus leitores como lê-la. Atribuilhes (sic) papéis e os proveu com estratégias para compreender a sua novela. O novo modo de ler funcionou tão bem que La Nouvelle Héloïse tornou-se o livro mais vendido do século” (DARTON, p. 202, 1992).

Esta indicação, entre outras, sinaliza-nos para nós, de como é válida a idéia de orientar grupos de leitura, atentando para uma melhor interpretação e a necessária compreensão do que seja a recepção do texto, o prazer estético da leitura; o que, nos faz colocar em perfeita sintonia com o pensamento de Sinclair: “A casa da literatura tem muitas portas; não importa por onde se entra, importa entrar”. (SINCLAIR, 2007, p. 16)

Com a proposta do Currículo aberto do Projeto Irecê, foi possível apresentar a cada ciclo de trabalho, um cardápio de obras literárias de origens diversificadas, permitindo aos professores-cursistas escolherem a obra que desejavam ler.

A evolução desta prática nos possibilitou refletir o quanto a leitura descritiva e crítica poderiam integrar à sua vivência ao perceberem o mundo, repensar as relações e ampliar a prática social de cada um deles.

Há toda uma série de ferramentas e linguagens fora da prosa científico-educacional que possibilitam enriquecer, aguçar, ampliar e problematizar a compreensão sobre as pautas e práticas curriculares. A leitura literária é uma delas; Incluindo aí, romances, poesias, fábulas etc;

A nossa metodologia (GELITS) aproximou-se bastante do “Descretivismo”, ação muito presente nos nossos encontros, partindo do princípio de que esta atitude “consiste em limitar a uma descrição a análise de texto literário e a teorização a seu respeito, sem pretender fixar normas para a sua elaboração e avaliação”. (SOUZA, 2004) A leitura transcorria de forma fluida, com a

---

humanas, examinando ou relatando acontecimentos sobre vários pontos de vista onde o espaço físico e o espaço interior ampliados têm mais tempo para serem elaborados.

perspectiva de uma análise mais voltada para a compreensão do que se lia, enveredando em alguns momentos, por outros textos<sup>29</sup> que explicassem melhor a obra em pauta. Não era de o nosso interesse adotar uma ação normativa ou preceptística<sup>30</sup>. Muito embora a crítica literária estivesse presente em nossos propósitos metodológicos literalmente voltada para a prática da análise de obras literárias sem a preocupação de aprofundar na teoria da literatura; não foi foco do nosso trabalho o estudo de métodos, princípios e conceitos relacionados à Literatura.

A análise desenvolvida proporciona a compreensão da idéia contida no objeto de estudo que faz referência à leitura descritivista, observando a metodologia utilizada com o propósito de revelar a proficuidade da leitura como fruição em um ambiente de estudo, ou seja, no meio acadêmico. Em tempo, trago uma benfazeja fala do Historiador e escritor Joel Rufino que traduz um pouco do que foi o papel da Literatura na perspectiva dos GELIT(s).

“Literatura é uma forma de conhecimento distinta da sociológica, antropológica e política. Seu objeto é distinto: o ser humano naquilo que ele tem de mais original, as relações de família (desejo, ódio, inveja, fraternidade, afeto, etc.)”.(RUFINO, p.9,2005)

Importava neste curso de Licenciatura em Pedagogia a sustentação de espaços que permitissem a leitura e discussão das obras escolhidas, observando as dimensões dos textos lidos com vista à apreensão no contexto escolar, no que se refere às atividades em exercício, no plano individual, assim como a inserção da interpretação no âmbito sócio-econômico, político, e histórico.

Tenho a clara impressão de que, a leitura compartilhada, tornou-se um momento de prazer, em um curso de formação de professores. Observe como Hegel caracteriza a arte, segundo o indivíduo, (...) “pela criação

---

<sup>29</sup> Outros textos, nem sempre se referem à linguagem escrita, mas também textos fílmicos, poéticos, pictóricos, etc. Um exemplo; quando estávamos lendo o Código Da Vinci, fizemos uma verdadeira incursão pelas obras de Leonardo Da Vinci, o mesmo ocorreu com as litogravuras de Debret, na ocasião da leitura de Raízes do Brasil.

<sup>30</sup> Feição adquirida pela poética e pela retórica clássica que consiste em estabelecer normas ou preceitos orientadores da elaboração do texto literário e de sua apreciação crítica. Opõe-se a atitude chamada descretivista. (SOUZA, 2004 p.76)

artística, pode satisfazer a sua necessidade geral (...)", segundo o "filósofo, o prazer na leitura é visto como retirar do mundo exterior a sua dura estranheza".

"Podemos, então na colheita dos primeiros resultados e das primeiras perplexidades, tentar corrigir os rumos, procurando resgatar, no novo percurso, o já tanto adiado projeto de democratização da leitura."

Marisa Lajolo

Reforço este aspecto do **prazer**, com base nos expressivos teóricos alemães da estética da recepção, mais notadamente, JAUSS, (2002) que retoma esta questão em uma prodigiosa discussão, que proporciona correr atrás dos tempos em que o prazer é negado no ato da leitura diante das instâncias filosóficas e da religião; Sabe-se o quanto o hedonismo foi expurgado das ações sociais dos cidadãos medievos, e que no avançar da história a leitura no meio intelectual pouco era vista com este propósito, apesar de que no cotidiano das pessoas, esta sempre foi a primeira intenção, "o prazer do consumidor"<sup>31</sup>. JAUSS esclarece:

"O prazer, entretanto não é um elemento do texto, não é um resíduo ingênuo; não depende de uma lógica de entendimento e da sensação; é uma deriva, algo ao mesmo tempo revolucionário e associativo e não pode ser assumido por nenhuma coletividade, por nenhuma a mentalidade, por nenhum idioleto"(LIMA, apud JAUSS, 2002, p.101)

A discussão do prazer estético não para por aqui, há um episódio que marca esta relação no período que estávamos lendo Quando Nietzsche Chorou, (QNC) a personagem, como já citado no capítulo anterior, assumiu aos poucos o lugar de herói na percepção dos leitores, e a aceitação do filósofo

---

<sup>31</sup> R. Barthes, O prazer do texto (Le plaisir du texte) Paris, 1973, p. 39.

que antes desconheciam totalmente passa a assumir um lugar de peso nas tertúlias, que acertadamente é explicado por Freud, quando este apresenta a necessidade do herói na literatura. Segundo o piscanlista, este não é só um dos devaneios do cotidiano, mas manifesta-se também na literatura, quando o leitor pode;

“Gozar-se como uma figura importante e se entregar de peito aberto a emoções normalmente recalçadas, pois o seu prazer tem por pressuposto a ilusão estética, ou seja, o alívio da dor pela segurança de que, em primeiro lugar, trata-se de um outro que age e sofre, na cena, e, em segundo lugar, de que se trata apenas de um jogo, que não pode causar dano algum à nossa segurança pessoal”.

Assim, passou a constituir-se também como objetivo desta dissertação, uma compreensão desta intrincada relação entre o leitor e a leitura. Inicialmente não era a tônica desta questão que impulsionava a pesquisa, mas no A-contecer do curso, tornou-se imprescindível passear pelos espaços da estética da recepção, sinalizando que é uma forma de avançar na idéia do imanetismo.<sup>32</sup> Com ressalvas que a crítica imanetista considera a obra literária apenas em sua fase textual. Há um desprezo aos elementos históricos, sociais e emocionais. A estética da recepção é uma alternativa à burocracia do imanetismo. No entanto, são poucas informações sobre a crítica literária no Brasil, e há quem afirme que não temos atualmente, manifestações neste sentido, é o que afirma BRAFF (2006), “Há críticos, mas não há crítica.”.

Outra vertente foi a análise dos testemunhos dos que vivenciaram o processo de leitura concomitantemente com a assimilação de novas tecnologias, observando que paralelo ao desenvolvimento dos Grupos Literários a leitura e escrita nos meios eletrônicos também se desenvolveram de forma prodigiosa, e que as leituras da página virtual diferem da leitura do livro impresso, em que o tempo não é o elemento essencial de controle.

---

<sup>32</sup> A crítica imanetista é uma doutrina que sustenta ser a fé uma exigência de profundas necessidades do íntimo do ser e não uma graça provinda de Deus.

Registrou-se um avanço gigantesco neste sentido; os cursistas passaram a integrar mundo virtual como autores de textos em plataformas interativas, a exemplo do Moodle, Blogs, Twikis, etc. Sem dúvida, esta interação era precedida da leitura do que o outro escreveu. Este aspecto é significativo para um curso que pensa na Formação no processo. À medida que os cursistas escreviam e postavam comentários, estavam processando uma construção e desconstrução das falas e textos já postados, que permitiam aos leitores realizar leituras de si mesmo ao longo de um período. Ressaltam-se aqui os méritos da leitura virtual, na qual o texto escrito é uma outra forma de ler.

Sem dúvida, há uma fecundidade de gêneros interativos, que se fizeram presentes de forma ostensiva na construção do leitor e principalmente na condição dos cursistas como produtores de textos.

“A tela informática é uma nova máquina de ler”, o lugar onde uma reserva de informação possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para um leitor particular. Toda leitura em computador é uma edição, uma montagem singular” (LÉVY, 1996, p.41)

Há de se destacar a temporalidade na ação literária. Não havia prazos predeterminados para ler. Encontrávamos-nos semanalmente e nos situávamos em que posição ou capítulos se encontravam os leitores (as) na intenção de desenvolver atividades que se estendessem a todos, ou quase todos, visto que a homogeneidade é um dado irreal. Cada um tinha seu tempo, e isto era visto como uma regra a ser respeitada e não a instituição de uma regra que “ditava” o tempo da leitura.

Adotamos a perspectiva de Macedo (2007), para quem “o ato complexo de aprender passa pela compreensão da temporalidade e nela a historicidade de cada um” (MACEDO, 2007 p.115).

A leitura requer tempos subjetivos - extra hora-aula, extra ciclo. É o tempo de cada um mergulhar nas amarras do texto, deixar-se prender, deixar-se soltar;

o ato de virar uma página, de voltar a página, de ler e reler , acionar a barra de rolagem, clicar o mouse, é o que costura o seu tempo mágico .

Outro aspecto a ser investigado neste projeto é o acesso aos livros pelos professores-cursistas - como se deu durante o processo de vida destas pessoas, e como ocorre atualmente. A aquisição de livros pelos participantes dos grupos literários foi um forte aliado da idéia de formação de leitores. A leitura multiplicou-se no entorno dos cursistas e, partindo da informação dos mesmos, familiares e amigos envolveram-se com a obra que estavam lendo ou que já tinham concluído.

Percebemos neste período, que os professores na sua grande maioria vinham de uma experiência de literatura de “mosaico”. Como nos diz Almeida,

“Conhecer com citação ou fragmentos os grandes nomes da literatura, da história e da ciência é quase uma prática virtual de leitura. Gerações informadas apenas por textos dos livros didáticos passaram ao longo da experiência da leitura e do prazer de conviver com outros livros. O exercício da leitura apenas como consulta direcionada não promove a formação do leitor como sujeito que está à procura das respostas às suas próprias indagações ” (ALMEIDA, 1998 p.13)

Esta realidade esteve muito presente nos relatos dos professores-cursistas, que diziam conhecer “tal obra” por terem lido um trecho da narrativa em um livro didático, mas não conheciam o livro na íntegra. Esta cena foi muito comum quando nos deparamos com a obra Dom Quixote de la Mancha CERVANTES, (2005). Portanto, importava nesta pesquisa analisar o percurso de leitura destes professores, os desdobramentos que ocorreram no ritmo da leitura que se apropriou do espaço da formação dos cursistas, observando como as informações foram incorporadas e atualizadas na sua prática, e como se perceberam como leitores.

Muitos cursistas, leitores e leitoras, apresentaram relatos de leituras prazerosas, outras vezes sentiam-se confusos, ou indignavam-se com



questões indesejáveis diante de seus conceitos<sup>33</sup>, sorviam as infelicidades dos personagens, e até somatizavam algumas ações<sup>34</sup>, enfim eram sensações que iam do mistério à curiosidade com as leituras desenvolvidas, o que nos leva a crer que “amar a leitura é reconhecer-se como continuidade do que se lê”. (LANDEIRA, 2006 p14).

Esta é uma questão que venho abordando no corpo da pesquisa, a *recepção*, ou seja, as formas de apropriação da Literatura pelos leitores.

“Autores e livros são fundadores da discussão que repensa a mescla entre leitura e escritura e a possibilidade de estabelecer ou ensinar critérios de leitura” este complemento de PINTO,( 2006, p. 46) nos dá uma outra dimensão da recepção do texto, e a ideia de mesclar, o que permite pensar no caráter interpretativo e não só no analítico.

A vivência com esta linguagem não veio isolada. A exemplo da leitura de *Raízes do Brasil*, (1982) aglutinou outras linguagens como a música, poemas, filmes e documentários, o que significava outra forma de ler o mesmo texto, e fortalecer a relação do leitor com o livro.

É instigante uma reflexão do filósofo Foucault referente a uma conferência realizada em Bruxelas, onde o tema em foco era a Linguagem e a Literatura, e o pensador ao desenvolver os questionamentos sobre os aspectos referidos, soprou aos bons ventos que “a linguagem é o murmúrio de tudo que é pronunciado e ao mesmo tempo, o sistema transparente que faz com que, quando falamos, sejamos compreendidos” (MACHADO, 2005 p. 140,)

É também, objetivo desta pesquisa, ler e analisar os registros dos leitores, sobre suas leituras e sensações, além dos significados que os diferentes textos trouxeram para cada um. Neste sentido, concordo com Burke: “a leitura não é simplesmente uma habilidade, mas uma maneira de estabelecer

---

<sup>33</sup> A leitura do Best-Seller , *Código Da Vinci*, foi uma provocação sem precedentes. Com toda a velada insatisfação que diziam sentir ao de ler sobre as questões consideradas sacras, corriam as páginas desenfreadamente, como se estivessem perseguindo o bandido que lhe roubou a verdade de todos os tempos.

<sup>34</sup> Uma curiosidade, na ocasião em que estávamos lendo “Quando Nietzsche chorou”, era comum entres os leitores a queixa de dores de cabeça, e os mesmos responsabilizam as malditas enxaquecas ao mal que abatia o filósofo com dores temerosas e permanentes, que segundo eles, também eram acometidos quando liam o livro.

significado, que deve variar de cultura para cultura, (...)" (BURKE, 1992 p.233)

Aliada a esta questão ressalta-se um ponto de suma importância para a eficiência da pesquisa: as inferências realizadas pelos leitores, considerando que importa saber como os cursistas deduziram com seus raciocínios através de/com seus conhecimentos prévios nas obras que leram. Segundo Hercules Corrêa, "as inferências ocorrem quando o leitor busca fora do texto informações e conhecimentos adquiridos pela sua experiência com os quais preenche os vazios textuais". (CORRÊA, 1997 p.39).

Observa-se que cada um deles traz um universo individual, o eu psicológico e social, e que redundando no encontro do leitor com o texto, ou o contrário, um desencontro que pode gerar frustrações, o que indubitavelmente demanda uma pesquisa sobre a compreensão da leitura. No que se refere a este aspecto reservo um capítulo desta investigação, *Nas entrelinhas dos GELITS*, onde dou voz às inúmeras anotações que registrei no percurso das atividades e aos comentários dos(as) cursistas garimpados nos diários de Ciclo; trata-se de falas, sensações, inquietações, e observações que surgiam de forma espontânea nos encontros literários, assim como os depoimentos que já estão presentes também nos memoriais.

O diálogo com o texto é um ato presente na leitura individual; E aqui, roubo as palavras do escritor e professor de Letras, Gabriel Perissé, que acrescenta um aspecto muito rico do diálogo:

"Dialogar é entrar no movimento do *lógos*. Diálogo que é monólogo a dois, ou a três, ou a quatro. Solidão e encontro. Ler com este espírito de estudiosidade, a urgência da reflexão sem urgência. Um interrogar-se sobre a vida e a morte, o ser e o nada, o tempo e o amor, os vitais superando o banal, o superficial, a resposta pronta" (PERISSÉ, 2006, 121).

Os diálogos que ocorriam nos grupos eram verdadeiros momentos de catarse, nem sempre a favor da leitura, ou melhor, não havia uma concordância com o

escrito, mas proveniente da provocação surtida pelo texto literário. Chegamos a adotar uma expressão que está muito presente na obra, *Quando Nietzsche Chorou*, (2002) que era “limpar a chaminé”

Uma fala do personagem Dr. Joseph Breuer, mestre do jovem Freud, quando convidava Nietzsche para os extensos diálogos que os dois realizavam reveesando-se no papel de paciente e analista, nós denominávamos esta ação como “hora de desabafar”, e assim procedíamos, em valiosos momentos os cursistas faziam dos aforismos de Nietzsche o pano de fundo para as suas falas.

No o processo da pesquisa, está posto a necessidade de verificar a incidência das aquisições literárias e da freqüência dos professores à Biblioteca Municipal Hermenito Dourado, a partir da expansão do seu acervo na linha literária.

Tais questões se configuram em um fator importante para compreender como se deu a política da Biblioteca para a aquisição dos livros, que pode ter ocorrido a partir do aumento da procura dos professores como também para atender a demanda do Curso, em estreita relação com os ciclos subseqüentes do projeto.

A Biblioteca aumentou não só o acervo em número de livros, como na qualidade do que se adquiria em termos de títulos atualizados e outros recursos lingüísticos e textuais (CD(s), documentários, pinacoteca, filmes).

A condição atual da Biblioteca municipal reflete a prática do Projeto Irecê, que promoveu a leitura com a perspectiva de quem vive de fato o Século XXI, pelo fato de não nos apegarmos somente ao texto impresso, mas absorvendo um leque diversificado de linguagens favoráveis ao diálogo dos leitores com as obras apresentadas.

A Biblioteca é a única do município, pelo menos com o porte de uma Biblioteca Municipal, talvez por esta razão já necessite de ampliação para hospedar um acervo que a cada dia cresce para atender os novos cursos que estão chegando na região , a maioria deles, Cursos à Distância, mas que exigem um acervo bibliográfico por semestre, podendo inclusive, na falta dos livros concorrer para a não aprovação do curso.

Sobre este aspecto retomaremos no capítulo, *Conversa ao Pé da Prateleira*, que trata da pesquisa voltada para o crescimento da Biblioteca e as ações que foram desenvolvidas em torno da mesma.

Fica assim, apresentada a idéia do TENTO, o que se quer, e as COISAS, o que acontece em torno do TENTO.

### 3.2 - CAMINHOS POR ONDE ANDEI

Frases eu invento

elas voam sem rumo no vento  
procurando lugar e momento  
onde alguém também queira cantá-las

Vendo os meus sonhos

e em troca da fé ambulante  
quero ter no final da viagem  
um caminho de pedra feliz.

**Milton Nascimento**



Uma incômoda lembrança. Quando era estudante de Magistério, as aulas aconteciam no ritmo mais lento que já pude observar na minha vida de estudante, isso, quando já conseguia realizar reflexões mais críticas, mesmo que carecessem de melhores e mais profundos fundamentos.

As conhecidas aulas de Didática eram teoricamente o espaço para conhecer “os manejos” da aula (era assim que nos *instruíam*). E foi neste período que pela primeira vez, ouvi a palavra Metodologia;

Entre ouvir e fazer havia uma longa distância, Na proposta apresentada em sala de aula, a professora de Didática Geral (que nunca nos falou em Comenius), quando resolvia “teorizar”, repetia quase que diariamente, “quem sabe aonde quer chegar é preciso conhecer os caminhos”.

Mais alguns quarteirões da minha vida, esta palavra entrou na minha existência pela via da disciplina de Metodologia Científica, na licenciatura do Curso de História; onde nos informaram que este era um instrumento adequado de apoio ao trabalho didático-Científico na Universidade.

E assim conheci a palavra Metodologia, com a finalidade da *metodologia* nas atividades acadêmicas. Depois descobri que vivemos organizando a nossa vida com métodos pensados ou não previamente, mas que estão na ordem do dia organizando as nossas ações e dando formato as coisas que fazemos.

No Curso de História, o docente utilizava uma disciplina em que o *método* de trabalho consistia em ditar tudo, para que copiássemos, até hoje me lembro de um livro diminuto que nós consultávamos; o autor era um Rui de tal... Não me lembro o sobrenome.

E assim fica o registro de como a metodologia entrou formalmente na minha vida. No momento, fico com a definição de metodologia apresentado pelo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, para darmos início ao processo que cunhei como *Caminhos por Onde Andei*. (CUNHA, 2007, p. 517): “ordem que segue na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar um fim determinado”. Do gredo *méthodos*, de meta-e *hodós* via, caminho’, já no sentido de ‘investigação científica ‘.

É chegado o momento em que a metodologia entra na minha vida acadêmica como a “espinha dorsal” da minha pesquisa, e eu já na lida da pesquisa, dialogando com os teóricos, dando forma a minha investigação, ainda pecava pela escassez de informações que definiriam a minha opção metodológica. Ela estava presente desde o primeiro pensamento sobre o que iria fazer. Mas era preciso delinear, fazer presente, o que já era fato nas ações de pensamento.

Foi este andar despreocupado, mas intencional, desde o início, que me fez reforçar a idéia de que a pesquisa é pessoal, autônoma, criativa, mas que não deve afastar-se do rigor. O espaço da orientação/orientadora não diverge dos aspectos apresentados, ao contrário, inspira as ações de modo que o processo da pesquisa seja audacioso sem perder a autonomia.

Fiz a opção pela pesquisa qualitativa por permitir uma compreensão mais apurada da realidade dos cursistas, Relembrando que a pesquisa é pautada em uma investigação do processo de formação de leitores a partir dos Grupos de Estudos literários desenvolvidos no Curso de Licenciatura / em Pedagogia no Projeto Irecê, através da imersão do pesquisador no contexto e a perspectiva interpretativa da condução da pesquisa.

É um objeto original, o que não significa “novidade”, mas pela possibilidade de explicitar ou analisar um objeto que já é bastante focalizado no meio acadêmico, o ato da leitura, porém com nuances originais, que é um grupo sistemático de leitura, que se apresenta como componente curricular, de um curso de Formação de Professores.

Um outro aspecto que fortalece a opção pela pesquisa qualitativa deve-se também ao fato do Projeto Irecê, apresentar na sua essência, uma “prática pedagógica que, exercida em uma dinâmica de horizontalidade tenha como máximas fundamentadoras o respeito aos processos cotidianos e a valorização plena do sujeito”. (Grifo meu) (UFBA/FACED- 2003, p.4) que não é mensurável.

Neste íterim, andei peregrinando por outros espaços que diziam respeito a pesquisa, antes mesmos de confirmar a minha opção pela pesquisa qualitativa. E nas leituras que realizei neste processo ainda de indefinição, me afinei com uma reflexão de KINCHELOE, um *bricoleur*, A palavra francesa *bricoleur* descreve um faz-tudo que lança mão das ferramentas disponíveis para realizar uma tarefa. Segundo os atores do livro , Pesquisa em Educação conceituando a Bricolagem, e o poder que a bricolagem tem de ampliar os métodos de pesquisa e construir uma modalidade mais rigorosa de conhecimento sobre a educação:

A busca metodológica de ordem tão desejada por muitos pesquisadores das áreas social, política psicológica e educacional, esta baseada na crença cartesiana de que todos os fenômenos devem ser desmembrados em suas partes constituintes para facilitar a investigação. A análise do mundo , neste contexto, torna-se fragmentada e desconexa. Tudo é estudado de forma separada em nome do rigor. O objetivo de integrar conhecimentos de distintos domínios e compreender as interconexões que moldam , por exemplo, o biológico e o cognitivo, é irrelevante no paradigma da ordem da fragmentação. O sentido que vem do inter-realcionamento, se perde e as questões relativas ao propósito e a sua

compreensão à condição humana são postas de lado em uma orgia de correlação e descrição triangulada.. A informação é esterilizada e a compreensão do que vale a pena explorar abandonada. (KINCHELOE, 2007, p.4 )

O procedimento metodológico adotado combinou ações envolvendo formas diferenciadas na busca de informações que estruturaram o corpo da pesquisa. O campo de ação, como já foi apresentado, ocorreu no Projeto Irecê, e precisamente, na cidade de Irecê.

- Pesquisa documental e bibliográfica que possibilite compreender a filosofia do Projeto Irecê em sua fundamentação para os Grupos de Estudos Literários.

A pesquisa bibliográfica permeia as etapas apresentadas com o propósito de fundamentar as ações vinculadas à formação dos professores-cursistas. Valendo-me dos estudiosos e teóricos como Roger Chartier, Magda Soares, Paulo Freire, Maria Helena Martins e Marisa Lajolo, parto para a compreensão da concepção da leitura, e da Leitura literária, assim como a dimensão da literatura, das políticas públicas voltadas para a leitura, as tertúlias literárias e dialógicas, e enfim a democratização da leitura.

Com os dois últimos autores, Martins e Lajolo, o diálogo foi muito intenso e salpicou quase todos os capítulos, observando que a tônica da pesquisa é a leitura, e como bem sabemos, a leitura do mundo. Não poderia progredir em níveis satisfatórios se não houvesse um mergulho na história da leitura na escola, nas rotas da leitura, em seus diversos espaços e abraçar com a paixão comedida, aqueles que defendem a leitura literária, a exemplo de LAJOLO (2002, p.11) quando lindamente diz:

“Se por não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário”.

Um capítulo em especial, da obra de LAJOLO, (2002, Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo, me atraiu bastante no que se refere ao objeto da



presente pesquisa. Trata-se da leitura do texto, “Os leitores, estes temíveis desconhecidos”. Pelo fato de tratar de um tema que esteve presente na minha prática como orientadora dos GELITS em ciclos diferentes, onde as pessoas traziam as suas diferenças, e tudo começava novamente, pois não existem técnicas milagrosas para harmonizar o convívio do texto com o leitor, como é bem colocado no capítulo , “leitor e escritor são faces da mesma moeda”, (LAJOLO, 2002, p. 33).

E neste jogo de cara e coroa, a minha intuição era sem dúvida a metodologia norteadora; Era a percepção, a observação cuidadosa da recepção da leitura do grupo, o GELIT, que apontava as ações, as atividades, as diversas formas de ler, e esta postura foi reforçada com as proposições teóricas que não me deixaram afundar em atividades infrutíferas que os desviassem dos propósitos da leitura.

As informações que ora trazia para reflexão foram obtidas na relação direta com o objeto e conduziram a vínculos mais visíveis de causa e efeito. Aí, já ocorria, instintivamente, a pesquisa qualitativa no decorrer do processo, as anotações que fiz durante todo este tempo, nos cadernos dos Ciclos, restauraram esta atividade de forma profícua.

Com Michel Foucault, encontrei reflexões que dizem das palavras, linguagem e literatura, principalmente na obra, **Foucault, a filosofia e a literatura**; Confesso que inicialmente fiquei um tanto atordoada com as profundas reflexões de um pensador de muitas faces, o que desnorteia uma pesquisadora com leituras intempestivas. Procurei em Foucault as reflexões significativas que li em outros autores a respeito da sua valorização da linguagem literária como alternativa de valorização do homem; não foi uma leitura debalde, mas foi preciso disciplinar o meu raciocínio e a minha sanha pelo conhecimento diferente, pois Foucault nos leva a “passear” por uma diversidade de assuntos, como a loucura e o louco, a medicina clínica e o doente, a sexualidade, etc.

Contudo, nos encontros e desencontros destas leituras, consegui me equilibrar na profícua leitura de um texto inédito, resultado de uma conferência pronunciada pelo mesmo, ainda em 1964, onde o filósofo abre um leque de questionamentos sobre “O que é a literatura?”. É um estudo arqueológico da

Literatura que o filósofo distingue em momentos diferentes. A linguagem, a obra e enfim, a literatura.

Não tinha como não ancorar boa parte das minhas reflexões no tão celebrado pensador, é o que se percebe ao longo do texto dissertativo, pois a literatura aparece para Foucault como:

“terreno privilegiado em que se efetua uma experiência extrema de pensamento. Abertura para loucura, por certo, que supõe a ousadia de flutuar sobre o sentido, de acolher significados provisórios, de reinventar palavras- em suma de habitar um espaço sem se fixar num lugar. Os escritores que se abandonaram a esta aventura não estavam decididamente, em terra firme ”. (MORAES, 2004, p.49).

Certos pensamentos não configuráveis na prática de leitura literária, ou melhor, no desenvolvimento dos GELITS, foram aflorando na investigação foucaultiana, quando ele diz que o discurso literário autêntico exige o risco da proximidade com a loucura. Esta situação é visível quando nos aproximamos do texto literário com a lupa da interpretação dos sentidos. Afinal, quem era Dom Quixote? E os personagens dos diversos contos brasileiros, existiram além do momento não tão lúcido de quem os escreveu? Bentinho foi um devaneio de Machado de Assis? Ou um homem real que viveu um romance virtual com a indecifrável Capitu? Não tenho como não discordar de MORAES ( 2004, p 49) quando ele retoma e explica Foucault nos informando que o “discurso literário autêntico exige o risco da proximidade com a loucura”.

Encontrei em Jean Paul Sartre e com as suas imprescindíveis **considerações sobre a literatura**, a compreensão admitida que a leitura literária abre novos caminhos para a imaginação. Esta contribuição foi acionada nas estratégias das atividades desenvolvidas nos GELITS, que, inexoravelmente passeava pelas diversas linguagens da arte, que sem dúvida permitem a subjetividade.

Além da literatura e do teatro que esteve muito presente nos nossos encontros, a pintura e o cinema também tinham um forte apelo para o melhor empenho do

nosso trabalho. Sartre aproximou-se muito da pintura, da música e do cinema, gêneros que são bem analisados em seus textos. Daí a leitura de vários artigos, que eu prefiro chamar de um flerte da pesquisa. Mais do que ler Sartre, eu optei por autores que o interpretam, o que facilitou a compreensão da minha investigação. Se bem que a prosa literária está muito presente nas suas obras.

A minha redenção em relação à leitura dos cursistas, a interpretação que advinha de suas reflexões, foi salva com o conhecimento que obtive na leitura da estética da Recepção com Luiz Costa Lima, que organiza uma série de textos de teóricos alemães;

Esta leitura potencializou a minha relação com os cursistas-leitores no que se referia ao ato de ler. A estética da recepção é um termo traduzido do alemão, “*Rezeptionäes-thetik*” e designa os trabalhos voltados para o estudo da recepção que o leitor dá aos textos quando os lê.

A leitura da obra reverberou em um capítulo que considero o mais significativo deste trabalho dissertativo, trata-se das falas dos leitores; “Nas Entrelinhas dos Grupos Literários”. Os cursistas assumem a palavra, a interpretação, e como conceberam os diversos textos lidos. Como propõem os teóricos da estética da recepção, o privilégio da literatura, deixa de residir somente na obra, no autor, no emissor; Foi lendo Jauss, Iser, Stierle e Sartre <sup>35</sup>, que percebi a já reconhecida necessidade de dar voz aos protagonistas da leitura, não existe leitura, sem a ação interpretativa do leitor. O leitor é que dá o sentido à leitura. Não obstante, me vi um tanto perdida nesta investida, até encontrar a referida obra de Luiz Costa Lima que é reconhecidamente no Brasil, como o introdutor da questão em pauta. Precisava compreender teoricamente a importância deste aspecto, para organizar o capítulo com a merecida propriedade.

Pierre Lévi tornou-se uma leitura obrigatória, pela própria estrutura do curso, onde o ambiente de rede formou-se de fato um espaço virtual de comunicação, de publicações nas plataformas interativas, com a **virtualização do texto**, os hiper-textos, grupos virtuais de discussão, etc. Algo que nunca presenciei na minha existência de educadora.

---

<sup>35</sup> Os autores citados acima, Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser, e Karlheinz Stierle, Hans Ulrich Gmbrecht, Harald Weirich, compõem com os seus textos de estética e recepção a obra organizada por Luiz Costa Lima, com exceção de Sartre que aborda esta questão no texto **O que é Literatura?(1947)**

Pois bem, este pensador que “nasceu na Tunísia, tem nacionalidade canadense, diz que tem coração brasileiro, mas é de Paris que espalha as suas idéias” (NASI, 2009, p 95). A obra que serve de lastro para as questões que trago nesta dissertação, partem do renomado “O que É o virtual?” (1998). Há quem diga que quando Lévy o escreveu, a internet ainda estava na creche. O livro ascende uma série de discussões que remetem às ações também desenvolvida no Projeto Irecê, quando apresenta a virtualização, as máquinas, como um instrumento de aproximação da Humanidade, em vez de assumir a fala apocalíptica de muitos pensadores que prevêm um futuro dominado pelas máquinas;

Ele traz a possibilidade, de pensarmos, organizarmos e agirmos melhor diante do futuro galopante. A proposta que salta aos olhos na sua obra é construção da Inteligência coletiva. Como bem diz Lévi: “Ninguém sabe tudo. Todo mundo sabe algo. Formar e reformar coletivos inteligentes é a alma do conhecimento” (NASI, apud. LÉVI, 2009, p 95).

Faço jus a Ítalo Calvino, citado por diversas vezes neste trabalho, pelo fato dele ser um escritor inspirador da leitura, da imaginação, pela razão que ele confere à leitura e pela tão necessária e dolorida distância que ele nos coloca, na condição de leitor que, ainda temos muito a percorrer quando ele apresenta a introdução de **Por que ler os clássicos**.

Só para configurar esta distância da qual falo, transcrevo um fragmento que ele comenta: “Na França se começa a ler Balzac na escola, e pelo número de edições em circulação, se diria que continuam a lê-lo mesmo depois” (CALVINO, 2005, p. 10) e mais adiante fala “Deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras, mais importantes de juventude”. (CALVINO, 2005, p. 12). Conheci Calvino, através da minha orientadora, que tanto quanto o autor me inspira a pensar na leitura e na literatura de forma profunda e responsável.

Conhecendo a **História da Leitura**. Esta ação desenvolveu-se através de uma prodigiosa pesquisa bibliográfica, a qual me reporta inicialmente a autores que desenvolvem estudos referentes à História da leitura ou literatura narrando com uma riqueza de informações as conformações da leitura ao longo do tempo.

O exemplo de: Peter Burke e Alberto Manguel, Steven Roger Fischer, com eles naveguei pela longa jornada da leitura, dos leitores, e do texto, através de um rico material para a reflexão dos caminhos tortuosos da leitura até o acesso ainda que não tão amplo, mas em plena construção, a leitura virtual.

Era necessário conhecer de forma mais profunda a vias da origem da leitura. Há um intrincado caminho de motivações para a leitura, que remota desde as plaquinhas de argila da Suméria, com a escrita cuneiforme, aos nossos cibertextos, e às diversas plataformas, moodles, blogs, etc.

Com as leituras dos autores citados acima, e uma série de textos fígados na WEB, reconhece-se que assim como houve uma infinidade de motivações para a leitura, em outras proporções também se registra uma infinita lista de proibições por motivos mais variados possíveis.

Como o ato de ler adentra á intimidade do leitor, e o faz criar ou conhecer outras formas de ver o mundo, cria-se assim uma liberdade, que, em vários momentos da História da Humanidade, era inconveniente para um grupo. Supostamente, quem estava no poder. Convém ressaltar que a costura das informações dos autores citados contribuíram de forma enfática e extremamente generosa para a construção do capítulo Navegando pela História da Leitura.

Alberto Manguel com **Uma História da Leitura**, abriu uma janela para a minha concepção de implicação, quando ele, ao contar de forma mais amíúde possível a trajetória da leitura e dos que escreviam, como escreviam, sobre os primeiros registros, as regras impostas, as limitações, outrossim, apresenta a sua própria trajetória como leitor, no capítulo, O aprendizado da sua própria Leitura. E que bom leitor se tornou este menino; Lá pelas tantas, ele relata que foi leitor do grande poeta argentino, ensaísta e cientista, Jorge Luis Borges, quando este não estava em condições de realizar as suas próprias leituras, por perda de visão.

Com BURKE, em **A Escrita da História** traz um solene capítulo que trata **da História da Leitura**. Foi uma generosa leitura que, sem dúvida alguma, enriqueceu esta pesquisa, pelas informações mais inesperadas para fortalecer a ideia dos Estudos Literários, quando é apresentado um manual de Rousseau

orientando os seus leitores a ler uma de suas obras. Segundo as pesquisas da época o sucesso da leitura repercute por esta razão. Este é um aspecto que apresento no corpo da pesquisa, enfatizando os encontros de orientação.

Há um contexto filosófico muito amplo no que concerne à Fenomenologia. O termo *fenomenologia* foi empregado em várias acepções, por vários pensadores, ao longo da História da Filosofia, entretanto, a concepção que uso nesta pesquisa é a concebida por Edmund Husserl (1859-1938), ou seja, a *fenomenologia husserliana* pelo fato de atender ao meu desejo de apresentar-se sem a máscara da imparcialidade. O que me norteou neste processo, foi a nítida compreensão de que o pesquisador implicado se observa também no tempo vivido. Há intencionalidade. Daí a fenomenologia:

“um método que visa encontrar as leis puras da consciência intencional. A intencionalidade é o modo próprio de ser da consciência, uma vez que não há consciência que não esteja em ato, dirigida para um determinado objeto. Por sua vez, todo objeto somente existe enquanto apropriado por uma consciência. "Sujeito" e "objeto" constituem, para esta concepção, dois pólos de uma mesma realidade.

conteúdo@algsobre.com.br

Apresento um aspecto fundamental na proposta metodológica. Trata-se da minha *implicação* nas atividades desenvolvidas nos grupos de estudos literários que propõem uma investigação Husserliana no que concerne à fenomenologia.<sup>36</sup>

Neste aspecto, analiso o meu cotidiano como orientadora dos GELITS e principalmente como pesquisadora da presente dissertação, procurando visualizar uma melhor compreensão da minha prática na ação da leitura com os cursistas, as metodologias que emergiam desta ações, e as reações procedentes, etc.

Portanto, não cultivando a ideia de que a minha pesquisa não tenha experiências prévias, concluo que, mesmo de forma precária a minha trajetória literária, como leitora e como educadora influenciou diretamente no maior

---

<sup>36</sup> De forma sintética, a fenomenologia é uma investigação que ocorre em primeira pessoa, narrada pelo eu que vivencia as mais diferentes experiências. O filósofo Edmund Husserl (1859-1938) é o fundador da fenomenologia, uma das correntes filosóficas mais influentes do século 20.

envolvimento com os Grupos de Estudos Literários, é o que relato no capítulo, **Minha Existência Literária;**

“constitui-se nestas experiências , o que a tradição fenomenológica denomina de pré-reflexivo, uma trajetória que a *posteriori*, na pesquisa, vai se constituir em intensa reflexibilidade, campo de estudos implicacionais”

(MACEDO, 2004, p. 48)

Devo admitir que ser sujeito da investigação não é um processo simples. Estar implicada com o que faz, significa estar envolvida, engajada, é abraçar e deixar-se levar pela comoção das leituras, das reações, enfim, sensibilizar-se com o desejo.

Esta ação que no campo da fenomenologia denomina-se “região de inquérito” está longamente apresentada, enquanto experiência vivida no capítulo já mencionado, Minha Existência Literária, e na minha condição de pesquisadora que esteve durante todo o processo do Curso, envolvida com as ações do GELIT como pessoa que protagonizava, e que também era protagonista. Na leitura do cotidiano, sentia os altos e baixos do grupo, sofrendo com as quedas e regozijando-se com as surpresas que a leitura proporciona quando o grupo está mergulhado na leitura. Cada momento era sorvido e absorvido com a expectativa de quem se envolve para o sucesso da atividade.

- Para produzir os textos descritivos me vali dos relatos dos professores cursitas, partindo da leitura dos **diários** e **memoriais**, tendo como foco a pertinência aos grupos literários no processo de formação dos envolvidos, assim como, um farto registro do cotidiano dos grupos, anotados em meus cadernos de orientação que me acompanharam a cada ciclo.

A leitura dos **memoriais** ocorreu ainda no período da orientação, naquele período eu era orientadora de um dos grupos de orientação-local, uma ação bastante favorável ao conhecimento da história dos cursistas que permitiu uma incursão pela trajetória de leitura dos mesmos. Não só apresentava fatos já conhecidos por muitos de nós, como a leitura que era desenvolvida nas

escolas, ou seja, destinavam a ensinar a ler, não para o prazer ou para o conhecimento, mas apenas para instrução.

Outras questões de ordem sócio-econômicas e culturais também vieram à tona com as referidas leituras do texto memorialístico. Enfim, confirmava-se em cada ciclo que a fome/carência da leitura era um mal a ser tratado em um período tão longo quanto a existência destas pessoas. Há quem discorde, mas é nisto que acredito.

Os **Diários de Ciclo** foram instrumentos importantíssimos para acompanhar o processo da vivência nos GELITS.

São o espelho real das reações à leitura, ao livro, aos desconfortos/ confortos que estes trouxeram; os estranhamentos aos temas abordados, as citações que utilizavam como um resultado positivo das leituras realizadas, o sacrifício, o prazer. Enfim, as leituras que realizei de mais de uma dezena dos Diários dos/das Cursistas, observando que muitos deles tinham realizado quatro GELITS, o que corresponde a quatro Diários de Ciclo, fomentou de forma generosa o capítulo “Nas Entrelinhas do GELITS”. Onde eu apresento a fala dos autores da leitura, apresentando de forma analítica as citações que norteiam o propósito da investigação.

Concluo que não é uma tarefa fácil, apresentar uma metodologia de pesquisa; Os caminhos são diversificados e é o perfil do/da pesquisador(a) que vai definir os rumos da pesquisa; incluindo, principalmente os teóricos com quem se deseja dialogar, com a clara compreensão da contribuição que estas leituras podem trazer para o amadurecimento da investigação. É um leque que se abre e insinua de forma bastante generosa, é preciso ser cuidadosa na hora de escolher.

Em alguns momentos da pesquisa bibliográfica, enveredei por leituras pouco aproveitáveis, e neste processo de ir e vir, pensar como fazer, e finalmente explicar o caminho percorrido, é, sobretudo, meticuloso. Cansa, é um desdobramento do que foi feito, mostrando as vias e justificativas pelas escolhas. Contudo acredito, de que seja esta, a melhor forma de atingir ou chegar perto, do que ser quer.



### 3.3 - CONVERSA AO PÉ DA PRATELEIRA

Na minha cidade tem canetas, canetas, canetas  
 Esvaindo-se em milhares, milhares, milhares  
 De palavras retrocedendo-se confusas,  
 Confusas, em delgados guardanapos  
 Feito moscas inconclusas  
 Andam pelas ruas escrevendo e vendo e vendo  
 Que eles vêem nos vão dizendo, dizendo.

**Guardanapos de papel**  
**Milton Nascimento**



Os livros são aparentemente silenciosos. Que sensação estranha a que temos quando nos deparamos com prateleiras imensas, apinhadas de livros com tomos que se afinam, enfileiram-se, e fechados, parecem que aguardam quem os libertem para simplesmente soltar as palavras.

Aqui cabe um pouco a retomada histórica do papel social que as Bibliotecas cumprem. Segundo Júlio Pimentel Pinto a ideia da Biblioteca<sup>37</sup> derivou-se de uma preocupação de Aristóteles em “preservar a literalidade das falhas da memória”. ( 2004, p. 33 ); Percebe-se que foi uma grande iniciativa para evitar a provisoriedade das memórias individualizadas. Portanto, mais do que o silêncio dos livros que falam o que está muito presente no espaço da Biblioteca, é a memória.

A verdade é que precisamos retroceder no tempo, lá nos primórdios da escrita, para compreendermos a lição de Alexandria<sup>38</sup>, “onde se sabe que a memória

<sup>37</sup> A palavra biblioteca em grego , designa tanto um local que abriga livros, como uma prateleira instalada, por exemplo, dentro de um templo. ( Scientiafic American Brasil, p.46, 2006)

<sup>38</sup> No decorrer do século III a.C., a Alexandria tornou-se a maior cidade do Mediterrâneo. É neste contexto que surge a Biblioteca, neste sentido, ainda paira a dúvida, se a Bibiloteca, era uma extensão do museu ou uma instituição independente. Vale lembrar que a Biblioteca foi criada com um rigor metodológico que valorizava a autenticidade dos manuscritos. A Biblioteca de Alexandria, cresceu bastante na dinastia dos Ptolomeus. ( Scientiafic American Brasil, p.47, 2006)

erigida no espaço biblioteca assume ares coletivos, e opera como depósito do que já se sabe e do que precisa ter a sua perenidade assegurada. Seu princípio é metaforizado na misteriosa biblioteca de Alexandria, que guarda e acumula livros para a posteridade”

Esta concepção Biblioteca-memória, começa a tomar corpo nas buscas que tenho realizado de forma muito recente. Está claro que o livro é um depositário de memórias; o que se viveu, o que se pensou, biografia, bibliografias, destinam-se a um objetivo que se associa ao prazer, à fruição, como também à eficiente função que a leitura nos proporciona, que é a de ler para lembrar.

Mais uma vez, reporto-me a PINTO:

“Ler para lembrar, lembrar para escrever; este é o percurso completo que a biblioteca indica ao projetar o conhecimento de um tempo no futuro e garantir a sua persistência nos livros depositados, nas muitas leituras e reestruturas que se fazem deles”. (PINTO, 2004, p. 35)

A eficiência da Biblioteca se traduz, principalmente, no armazenamento da memória coletiva, considerando que cada livro é a ponte que liga o passado ao presente. Se considerarmos o exemplo da biblioteca de Alexandria, veremos que o patrimônio humano daquele período, foi acomodado, metaforicamente falando no espaço que se tornou a Biblioteca. Um local para acomodar livros que cumpria e cumpre a função de ordená-los, colocá-los em uma posição que nem sempre será o de “estáticos”. A partir do momento que o leitor toma posse da leitura instala-se o lugar da crítica, da subversão, as informações são processadas, reconstruídas; E assim reconstruímos de forma contínua as ações do passado. Daí a Odisséia, Dom Quixote, a Divina Comédia, e outros mais estarem na contemporaneidade. Vieram para a prateleira.

Estas questões não estavam tão claras ,quando entrei na sala da Biblioteca Hermenito Dourado, <sup>39</sup>hábito que realizo com muita freqüência, o silêncio

---

<sup>39</sup> A Biblioteca leva este nome, em homenagem ao seu principal doador de livros . Um acervo com obras jurídicas, livros de literatura Universal, assim como livros originais em Inglês, Francês e Espanhol.

reinava nas prateleiras e as poucas pessoas balbuciavam sobre qualquer coisa, ouvia-se apenas entre um farfalhar de folhas e alguns balbucios o movimento de folhas que avançavam entre dedos, não tão ávidos e um olhar despreocupado de quem procura algo, sem pressa, mas passeando á deriva pelas páginas.

Neste íterim, apresentei um questionário em fase de elaboração, e sem muitas minúcias ao professor Elias Maia, a Ana Márcia e a Tereza Dourado, que estão em atividade no referido espaço desde o início do Projeto Irecê, e que iriam conceder-me a gentileza e o esforço do seu trabalho para apresentar os dados solicitados.

Levei apenas o esboço, queria a opinião do grupo sobre o que era possível ser acrescentado, ou modificado. Infelizmente fui informada que a pasta que continha as informações até 2006 não se encontrava na Biblioteca, tinha sido levada para outro espaço e até a presente data não foi localizada. Vale ressaltar que a Biblioteca ainda está sendo informatizada, os funcionários começaram neste ano de 2009, a digitar o acervo organizando-o por pastas, mas mesmo assim em um programa básico que não atende às necessidades da organização pretendida.

Durante o período que transcorreu o curso, desde o seu início, percebe-se a olhos vistos que houve uma considerável ampliação do acervo técnico. Mesmo que não tenhamos os dados de 2002 até 2006 para conferir. (Bibliografia de referência) e sem dúvida alguma o acervo literário, aliado a outros elementos de leitura, como DVDs, CDs, coleção de pinturas, (Pinacoteca).

Na perspectiva de melhorar o atendimento, ampliou-se o quadro de pessoas para atender o público. No primeiro semestre de 2009 a Biblioteca passou a funcionar à noite, com o claro propósito de ser aberta para o público que só dispõe deste turno para freqüentar a biblioteca.

Esta conversa possibilitou conhecer as pequenas histórias que cercam este espaço, que me deixaram um pouca surpresa, por revelações instigantes e fizeram com que eu me aproximasse mais do cotidiano da Biblioteca, de forma que este capítulo se alongou mais do que o previsto. É o que ocorre quando optamos pela pesquisa qualitativa, os limites se expandem a cada momento.

Nessa direção a investigação abre o seu foco no movimento dos cursistas na procura dos livros, revistas, periódicos e similares que permitissem de forma

qualitativa e quantitativa visualizar de fato o que ocorreu na construção da leitura.

Interessa informar que a Biblioteca tem cadastros de pessoas de todo território de Irecê, atraindo os discentes dos cursos de Pedagogia que fizeram Rede UNEB, e já partiram para a pós-graduação. O acervo é diversificado, principalmente para o público de nível superior, e médio.

Em 2005<sup>40</sup> o acervo era totalizado em **1.587** livros, ao longo de quatro anos ampliou-se para **6.652** livros, o que significa que foram adquiridos **5.065** livros, uma média de **1.300** livros por ano.

Os empréstimos também foram ampliados nestes últimos quatro anos, em 2006, a média de visitantes por ano, era de apenas **820** pessoas, atualmente, a freqüência está em torno de **7.200**. Creio que a Biblioteca tem atualmente um movimento mais dinâmico.

Quanto ao gênero, as mulheres são mais freqüentes, fazem mais empréstimos e são as que mais lêem romances ou outros livros do gênero literário. Só em 2009, contabilizaram-se empréstimos e freqüência de **4.880** mulheres, enquanto os homens estão em uma margem de **1.550**.

Em conversa com os funcionários eles alegam que o curso de Pedagogia tem um número de mulheres superior aos dos homens, em contrapartida, o curso de Música que funciona no mesmo espaço, tem um número equilibrado. Porém em 2006, as mulheres caíram bastante na referida freqüência onde se contabilizou **695** durante todo o ano, é como se apenas uma média de duas pessoas do sexo feminino fosse à Biblioteca durante um dia. Percebe-se que o espaço da Biblioteca estava vivendo um verdadeiro marasmo. No mesmo período os homens eram raros na biblioteca, ou seja, em um ano, só **295** compareceram.

Na nossa conversa ao pé das prateleiras, eles advertem que os professores-cursistas e egressos, utilizam livros das pequenas bibliotecas das escolas que têm recebido coleções de renomados autores brasileiros, e algumas adaptações de clássicos..

Tive acesso aos dados que apresentam a freqüência dos docentes da rede, e a relação de outros freqüentadores que não fossem da rede. A partir de 2007, a

---

<sup>40</sup> Os dados apresentados baseia na unidade anual. ( 2006 a 2009)

freqüência vai caindo gradativamente, ou seja, 2007 / 250 docentes, 2008 – 211 docentes, 2009 – 130 docentes.

No período de maior pico, quando a primeira turma estava na ativa, (2006) o número de empréstimos aos docentes era muito alto; A proporção era de **690** de freqüentadores da rede e **35**, que nós classificamos de outros.

Um fato que deve ser considerado é que no início do Curso a Biblioteca não era Municipal. Era uma sala diminuta que funcionava no espaço físico da secretaria e atendia aos professores da Rede, após dois anos do início do Curso é que passou a ser a Biblioteca Municipal de Irecê, e com isto amplia-se a popularidade do espaço ganhando novos freqüentadores.

## 4. OS LIVROS



Tropeçavas nos astros desastrada  
 Quase não tínhamos livros em casa  
 E a cidade não tinha livraria  
 Mas os livros que em nossa vida  
 entraram  
 São como a radiação de um corpo negro  
 Apontando pra a expansão do Universo  
 Porque a frase, o conceito, o enredo, o  
 verso  
 (E, sem dúvida, sobretudo o verso)  
**É o que pode lançar mundos no  
 mundo.**

Caetano Veloso

Neste capítulo reservo um merecido espaço para apresentar os *protagonistas dos GELIT(s)*, observando a relevância dos livros trabalhados. Sem dúvida, os livros, estas ferramentas concretas, ocuparam e/ou desencadearam as ações dos Grupos de Estudos literários.

No entanto, relutei bastante em defini-los assim. Pairava uma dúvida frágil, seriam eles os autores? Ou os autores e atores dos Grupos seriam os leitores, ou sejam os professores-cursistas? A epígrafe que apresento no início do capítulo é fundante neste sentido. Acabei definindo-me pelo protagonismo para os livros, quanto a autoria e à atuação ficaram como ações desenvolvidas pelos (as) cursistas.

Optei em apresentar os livros por Ciclos, assim como as orientadoras locais, que trabalharam com os Grupos de Estudos Literários, o que não impede observar os gêneros diferenciados que foram trabalhados ao longo do curso. Neste diversificado leque literário há os que trouxeram reflexões filosóficas,

Históricas, comportamentais, emocionais, e os que, traduziram um universo pouco conhecido pela maioria dos leitores. Vamos aos livros:

Ciclo Um - 2004 /1 -Quando Nietzsche Chorou - Orientação, Rúbia Margareth.

Ciclo Dois-2004/ 2 -Quando Nietzsche Chorou - Orientação, Solange Maciel.

Ciclo Dois-2004/ 2 - Emílio ou a Educação - Orientação, Emanuela Dourado.

Ciclo Dois-2004 /2- Raízes do Brasil I - Orientação, Rúbia Margareth.

Ciclo Dois-2004 /2 - O mundo de Sofia I - Orientação, Soraya P. Dourado.

Ciclo Três -2005/1- Emílio ou a Educação II - Orientação, Emanuela Dourado.

Ciclo Três -2005 /1 - Raízes do Brasil II - Orientação, Rúbia Margareth.

Ciclo Três -2005 /1 - O mundo de Sofia II - Orientação, Soraya P. Dourado.

Ciclo Três- 2005 /1 – O Homem que sabia contar - Orientação, Solange Maciel.

Ciclo Quatro -2005/2 - O nome da Rosa - Orientação, Emanuela Dourado.

Ciclo Quatro-2005/2- Capitalismo para Principiantes - Orientação, Rúbia Margareth.

Ciclo Quatro - 2005/2- Código da Vinci, – Orientação, Rúbia Margareth.

Ciclo Quatro - 2005/2- Olga - Orientação, Soraya P. Dourado.

Ciclo Cinco – 2006/1- Dom Quixote de La Mancha, Miguel de Cervantes- Orientação, Rúbia Margareth.

Ciclo Cinco – 2006/1 - O apanhador no Campo de Centeio - Orientação, Ivanete Pereira.

Ciclo Cinco – 2006/1- Crônicas de Clarice Lispector, - Orientação, Solange Maciel.

Os Saraus Literários ocorreram no final do Curso, Ciclo Seis. Houve todo um processo de escolhas de livros, que inicialmente ocasionou uma Feira de Livros, ou exposição na abertura dos Saraus, que permitiam aos professores-cursistas fazerem as suas livres escolhas. Devo informar que as obras ofertadas eram todas elas de cunho memorialístico. Uma grande variedade de

obras memorialísticas, (biografias, autobiografias, ficções ) que compuseram o sarau literário.

Ciclo Seis - 2006/2 – Sarau Literário I - Orientação, Rúbia Margareth.

Ciclo Seis - 2006/2 - Sarau Literário II - Orientação, Solange Maciel.

Ciclo Seis - 2006/2 - Sarau Literário III - Orientação, Ivanete Pereira.

Na segunda turma do curso, iniciado em agosto de 2008, os grupos de estudos literários trouxeram as obras:

Ciclo Um – 2008/1- 1808 - Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil, Laurentino Gomes; Orientação - Rúbia Margareth.

Ciclo Um – 2008/1 - A menina que roubava livros – Orientação, Fabrizia Pires.

Ciclo Um – 2008/1 - O mundo de Sofia – Orientação Solange Maciel

Ciclo Dois – 2009/1. Os cem melhores contos brasileiros do século XX, Orientação - Rúbia Margareth.

Ciclo Dois – 2009/1. A coletânea de Machado de Assis – Orientação, Solange Maciel.

Ciclo Dois – 2009/1. A distância entre nós - Orientação, Fabrizia Pires.

Ciclo Três – 2009/2. – Cidades Invisíveis - Orientação, Fabrizia Pires

Ciclo Três – 2009/2. – Leite Derramado - Orientação, Solange Maciel.

Ciclo Três – 2009/2. – A Odisséia - Orientação, Rúbia Margareth.

Ressalvo que nesta segunda turma, já iniciamos com três livros, e não somente um; O Ciclo Dois e Três também se repetiu com três, e esta talvez seja a tendência que deverá nortear os ciclos seguintes.

Devo dizer que diante do repertório de ações que foram geradas nas leituras dos livros oferecidos em cada Ciclo, optei pela descrição mais amíúde das ações que acompanhei de perto, não obstante, sem deixar de realizar comentários das atividades que permearam os demais GELITS.



Há uma situação que é demasiadamente interessante para a apresentação deste texto dissertativo; Cada livro fez a sua história, não havia forma como pensar que uma metodologia do anterior ia ser aplicada no próximo GELIT, considerando que também os leitores protagonizaram estas grandes e profícuas alterações que sem dúvida deram aos GELITS, uma identidade.

Obras diferentes requerem caminhos diferentes para serem lidas. Muitas ferramentas foram utilizadas como parceiras da interpretação do texto literário. Música, poesia, cinema, não foram as únicas linguagens presentes; As atividades plásticas, como construção de painel, desenhos em lixas, colagens, bate-papo virtual, (chats), resenhas, teatro, e até a mímica eram utilizados para temperar os encontros com a matiz que fosse interessante ao tema do momento.

Esta relação de linguagens ilustra a multiplicidade de formas pela qual a educação se realiza e que tem contemplado os conteúdos por meio de uma grande variedade de linguagens. As linguagens diversificadas a cada dia estão aportando nos espaços escolares, como novos e necessários veículos pelo qual a educação/comunicação deve acontecer.

#### 4.1 - Quando Nietzsche Chorou<sup>41</sup>



Como fonte de prazer e sabedoria a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos limites da escola.

Marisa Lajolo

No primeiro ciclo, foi ofertado apenas um livro, ***Quando Nietzsche Chorou***, da autoria do americano, Irvin Dom Yalon.<sup>42</sup> Esta atividade teve a participação de 40 cursistas. Foi preciso dividir a turma, em grupos menores. Fizemos três grupos em turnos diferentes. Não houve uma orientação ostensiva neste sentido; Após o primeiro encontro concluímos (nós e os professores cursistas), que seria muito difícil realizar a leitura em um grupo deste porte.

Outra questão que tomou um rumo diferente do pensado inicialmente. A orientação dos Grupos. A princípio as três orientadoras locais também trabalhariam com o livro. Não seria eu a única orientadora do GELIT. Portanto, acordamos que pelo fato de já ter lido o livro, iniciaria o contato com os três grupos, enquanto as demais davam conta da leitura. Não deu outra, abracei a atividade, e junto ao grupo fomos delineando o que seria interessante para compreensão da obra. A metodologia foi pensada a partir das dificuldades dos leitores (as) no que concerne ao ato da compreensão e assim, traçamos a leitura de Quando Nietzsche Chorou ( QDN).

Sabia de antemão que a obra QDN, era uma leitura singular, que iríamos experimentar a narrativa literária aliada aos conceitos filosóficos que inevitavelmente estão presentes na fala de Nietzsche, além das incursões no mundo da psicanálise, com as presenças de Freud e o Dr. Breuer, que cuidam

<sup>41</sup> Primeira turma, Ciclo Um – 2004 -1

<sup>42</sup> Irvin Yalom, orienta terapia de grupo. É autor também da obra *A cura de Schopenhauer*. Seus livros têm em comum a tentativa de procedimento terapêutico, que ocorrem em séculos diferentes.

deste aspecto, é uma leitura similar à leitura do Mundo de Sofia, que também foi trabalhado no Curso, nas duas turmas. Esta junção – Filosofia e Literatura- foi muito salutar para a leitura proposta, pois como ressalta TODOROV, “a literatura faz experiências singulares, já a filosofia maneja conceitos. Uma preserva a riqueza e a diversidade do vivido, e a outra favorece a abstração, o que lhe permite formular leis gerais” (TODOROV, 2009, p. 77)

Tivemos as dificuldades iniciais, a de não ter o livro em mãos e por ser o começo de *tudo*. Quando uso a expressão “*de tudo*”, trago principalmente a questão crucial do início dos GELITS;propiciar o desenvolvimento do hábito da leitura.

Em uma sondagem inicial<sup>43</sup>, foi apresentado aos professores-cursistas um instrumento que pedia o registro de livros que já tinham lido, de revistas que liam, o que estavam lendo no momento atual, que livros ou revistas que tinham em casa, se assinavam ou compravam jornais, etc. A coleta das informações, mostrou que os professores-cursistas não tinham o hábito de leitura, liam de forma esporádica, e ficou evidente que estavam muito aquém da nossa expectativa ( professores e orientadores).

Diante deste quadro restava apostar no fascínio que o livro poderia despertar e nas artimanhas da sedução que poderíamos emprestar à metodologia trabalhada. Quando o texto chega à mão do leitor, os sentidos pensados pelo autor se descompõem para aceitar os signos e significados que o leitor o empresta. Para Sócrates, “Interpretação, exegese, glosa, comentário, associação, refutação, sentido alegórico e simbólico, tudo advinha não do próprio texto, mas do leitor” (MANGUEL, 2006, p.77).

É como bem diz Calvino “as razões do fascínio de um livro (seus poderes de sedução são bem diferentes do seu valor absoluto) são feitos de tantos elementos imponderáveis.” (CALVINO, 1993, p. 141)

---

<sup>43</sup> Consta nos Anexos o resultado desta sondagem.

Os primeiros procedimentos foram ações que anunciavam a leitura e discussões sobre o hábito de ler, como ler, informações de ordem prática e metodológica que permitissem compreender as estratégias da leitura e que assim, encontrassem melhores formas para desenvolver o ato de ler.

Como consequência imediata da compreensão da leitura, antecipei informações que seriam profícuas para aquele momento inicial do GELIT. Foi com esta preocupação que enveredamos por uma necessária análise inicial das especificidades dos textos; narrativos e dissertativos, assim como resumo e enredo. Como o primeiro livro a ser lido era eminentemente narrativo - Quando Nietzsche Chorou- a compreensão deste gênero foi fundamental para uma melhor interação com o texto.

Citando CUNHA “O texto narrativo é construído com a utilização de imagens, ações, personagens, cenas e a sua leitura implica envolvimento emocional, identificação afetiva, afinidades eletivas entre valores do leitor e do texto” (CUNHA, 1992, p.11). E no decorrer da leitura, visualizei o quanto esta citação é verdadeira.

Além desta investida , passeamos, pode-se assim dizer, pelos conceitos de leitura, da literatura, e do texto. Este último teve um maior interesse por parte dos cursistas, pois já se evidenciava nesta fase do Curso, que “outros” textos seriam integrados às nossas atividades, (fílmicos, musicais, poéticos, etc.). No entanto, era fundamental compreender o significado do texto na concepção científica e filosófica. Com certeza, no futuro eles seriam capazes de criar novos conceitos, que pudessem diferir do apresentado por CUNHA:

A palavra texto significa tecido. Por isso é que se fala em indústria têxtil para referir-se à indústria de tecidos. No caso, porém, de textos, no sentido dos objetos especiais que transmitem pensamentos e documentam tradições, a acepção de tecido dá-se em outro contexto. Texto , neste caso, significa, não a composição dos fios, mas a composição de significados por meio de entrelaçamento físico de sinais apropriados. Um conjunto de palavras formando uma frase escrita, por exemplo, constitui um texto, pois há uma

composição de significados, formando nomes , verbos, artigos, etc., e entrelaçamento de sinais letras , traços fisicamente construídos sobre o papel ou sobre a rocha, o mármore, enfim, qualquer outro suporte de escrita ou de inscrições. (CUNHA, 1992, p.07).

Este procedimento metodológico não aconteceu em todos os ciclos; O que me leva a crer, que a ausência deste procedimento (apresentar os conceitos de leitura, literatura, texto, etc.) nos ciclos subseqüentes, era pela permanência da maioria dos cursistas no GELIT. Esta situação, sinalizava para uma repetição e os cursistas aprendem com a vizinhança, alguns já traziam as informações que outros já tinha comentado, ou outra forma de transmissão. Contudo, ainda se se fazia necessário um ritual de questionamentos que permaneceu em todos os Ciclos: Como ler em grupo? O que vai ser atraente para estas pessoas? Quando e como vamos nos encontrar?. Quem já o leu o “quê”? Que livro estão lendo? Por que escolheram esta atividade? Que esperam do livro que vão ler? E por estas e outras indagações dava para traçar a expectativa inicial dos leitores e o novo livro. Novos leitores, portanto.

Em seguida partimos para a etapa do conhecimento que os mesmos tinham do livro, as inferências que podiam ter do citado filósofo. O que eles já sabem de Nietzsche?

Chegamos à conclusão de que o filósofo era um ilustre desconhecido da maioria do grupo; Estava eminente a necessidade de apresentar Friederich Nietzsche, de forma acadêmica ( a obra filosófica de Nietzsche) mas sem distanciar do nosso propósito, a leitura do romance como o carro chefe da atividade .

Estava em jogo um grande desafio que era apresentar um filósofo que muitos pensadores de diferentes épocas dedicaram-se a interpretar e a pesquisar a obra Nietzscheana. O próprio romance, diz bastante do que representa a filosofia de Nietzsche; O livro, no meu ponto de vista, é poético, tem um caráter aforismático, e foge da condição densa que está presente nas obras de Nietzsche.

Todos adquiriram o livro “Nietzsche em 90 minutos” (STRATHERN, 1997). Foi um momento de leitura para consulta e as informações chegaram aos grupos de forma entrecortada pelas falas de quem ainda estava em pleno processo de descoberta: “quem leu esta parte?”, “viram o que a irmã dele fez?”, “foi amigo do compositor alemão, Wagner”. Inicialmente os detalhes da vida pessoal do filósofo chamaram bastante a atenção dos cursistas; Estavam conhecendo primeiro o homem, as suas relações emocionais, interpessoais e daí, advieram outros comentários que um ou outro dizia ter ouvido ou lido, como “aquele que disse que Deus estava morto”. Neste momento, compreendi que as ideias se perpetuam com mais intensidade do que o autor. E foi a partir desta informação que nos inserimos no mundo Nietzscheano.

Não poderia deixar de registrar o quanto foi profícua a discussão do “Deus Morreu”. O livro em si, já permite uma boa discussão sobre esta questão de forma que na roda de discussão chegamos à conclusão do grupo, o que eles interpretaram naquele momento, o que pode mudar posteriormente, com as discussões que derivaram do próprio texto.

Quando alcançamos o capítulo onde Nietzsche trava o diálogo com Breuer sobre esta questão, nos deparamos com o inesperado; A compreensão da frase do filósofo que veio reforçada com a interpretação de Foucault, (texto que levei para discussão) e que funcionou como um mediador no esclarecimento desta questão com os cursistas. Como já dito anteriormente, o próprio livro desenvolve um raciocínio que amplia esta informação de forma fácil. Ficaram como esclarecimentos mais próximos do que discutíamos as palavras de Foucault:

(...) “Deus morreu, isto é, que a modernidade significa o desaparecimento dos valores absolutos, das essências, do fundamento divino e o aparecimento de valores humanos, demasiados humanos” (...). (MACHADO, apud Foucault, 2005, p. 86).

Foi como uma ducha fria nos ressentimentos dos cursistas como leitores, daí o inesperado, uma delas dizia que só estava lendo, porque entrou no grupo sem saber que Nietzsche era este “excomungado” literalmente falando. Mas iria permanecer no grupo. É assim que os dogmas vão ruindo, na discussão.

Hoje eu poderia esclarecer de uma outra forma a tão polêmica situação, usando do raciocínio do filósofo italiano Gianni Vitimo, que entende;

“a morte de Deus, Não como uma enunciação metafísica da morte de Deus (...) A anunciação possibilita que se instaure uma profunda suspeita – de que não se pode mais considerar uma verdade sem os seus véus. Se não é mais possível crer que em uma verdade que não possua véus (apud Nietzsche, 1882) há que se abrir espaço para as diversas e talvez infinitas interpretações da existência”

Entretanto, quando o autor Yalon, revela sabiamente o pensamento humanista de Nietzsche, o grupo se encantou com a nova interpretação que conseguiram ter uma compreensão mais filosófica do romance. A beatitude foi substituída por um bem-estar favorável às novas ideias. Afinal vislumbrar espaços para a criação de novos sentidos é a principal obra de Nietzsche.

Existia todo um mundo desconhecido que atiçava a curiosidade dos cursistas, mas era preciso indagar para aflorar os questionamentos, foi uma prática socrática. Eu diria que a maiêutica como processo dialético e pedagógico esteve presente neste processo inicial de forma muito evidente.

A história de Nietzsche estava entrançada com a História do seu país. O território Administrativo da Prússia não existe mais, portanto, não foi possível visualizar no mapa, mas era necessário que eles entendessem a questão da Unificação Alemã para participar dos episódios que marcaram a vida do filósofo, enquanto soldado, na Guerra Franco-germânica.

É a necessidade em esconder uma cicatriz adquirida no campo de batalha que Nietzsche passou a cultivar o imenso bigode que é a marca da sua caricatura. E como a leitura nos revelou, a sua cicatriz ia além de uma marca indesejável no lábio superior, era uma cicatriz que remetia a sua moral enquanto cidadão germânico.

*Freud por ele mesmo*. Mais um manual que nos levou a crescer nas investigações que derivavam do livro. Inicialmente, tive o cuidado de ressaltar a ideia ficcional do livro cruzando-o com situações reais. Ou seja, todos os personagens existiram, mas nem todos se cruzaram se conheceram ou estabeleceram a relação que está presente no livro. Freud, por exemplo, conheceu Breuer, mas nunca esteve com Nietzsche. Porém os três têm contribuições reais na história da filosofia e da psicanálise, e estas pertinências o livro apresenta com grande maestria. Os cursistas passaram a entender o que se faz em um consultório de psicanálise, filosofaram sobre os aforismos da obra “Humano, demasiado humano”, entenderam o que seria aforismo, estranharam quando leram que a histeria era uma doença feminina, discutiram o Poder na perspectiva de Nietzsche, trazendo exemplos práticos da vida dos mesmos, para a interpretação da obra.

E quanto à *Histeria*, passaram a brincar com a situação, mas eu percebia que esta curiosidade aticava a ler mais sobre Freud.

Bem, os cursistas adquiriram o terceiro livro no primeiro ciclo de leitura; Confesso que estas atitudes me alegravam de forma demasiada. Comprar o livro, cobiçá-lo para realizar a leitura ao seu bel-prazer, grifando, anotando, dava uma idéia de que o leitor não estava realizando uma leitura efêmera, estavam se movimentando na direção da formação de leitores, de fato. Quem lê e sente o convite à leitura, acertadamente quer ter o livro, formar o seu acervo particular, e quem sabe escolher um livro de cabeceira.

*Freud por ele mesmo*, é um livro - clipping, que traz de forma bastante acessível, a biografia de Sigmund Freud, de em um formato muito curioso, é como se ele mesmo estivesse contando a sua trajetória de vida, enquanto pessoa, estudante, cientista, e na seqüência as relações que vão surgindo na construção do grande e genial decifrador dos enigmas humanos. Foi através da leitura de Freud por ele mesmo, que surgiram os personagens do livro, (exceto Nietzsche) e ilustrações de Lou Salomé, Breuer, em ilustrações que permitiam ver as imagens. Foi um deleite para a turma ver a figura de Lou Salomé.



Foi na leitura do referido livro que a ficção mesclou-se com a realidade; Líamos em grupo de forma um tanto aligeirada, mas que ganhava pontos na discussão; Foi bastante enriquecedor. Íamos pontuando as informações, e esta forma de ler em grupo, enriqueceu bastante a nossa atividade. Eu lançava as provocações que desencadeavam buscas, pesquisas, etc.

Durante a leitura do livro QNC, os cursistas ficaram encantados com a descrição de Lou Salomé. Uma professora-cursista chegou a comentar que “quem traz o nome Salomé não é gente que se pode confiar, Salomé pediu a cabeça de João Batista” outra lá comentou, “e esta vai pedir a cabeça de Nietzsche”, sorriamos com as observações que representam as inferências do lugar de cada um. Mas de fato o autor descreve Salomé como:

“uma mulher de extraordinária beleza: Testa altiva, queixo forte e bem esculpido, olhos azuis brilhantes, lábios cheios e sensuais, e os seus cabelos louros prateados, se reuniam em um coque alto, expondo-lhe as orelha e o pescoço longo e gracioso” (YALOM, 2003, p. 11)

Lou Andreas Salomé é apresentada por estudiosos da época como alguém que viveu a paixão com paixão e talvez por esta razão provocou paixões desenfreadas por onde passava, e isto até uma idade avançada, Não é à toa que sabemos dos seus mais exacerbados apaixonados como: Rilke, Nietzsche, Paul Rée, Tausk e, ao que parece, até mesmo Wagner sucumbiram ao seu encanto e à alegria de viver que transpirava em cada um de seus gestos .

Segundo pesquisadores Freud, que alimentou uma amizade de 25 anos com a bela russa, não parece ter sido indiferente à graça da discípula que ele qualificou de “raio de sol”.

É bom lembrar que o livro é marcado por outros personagens femininos também fortes que são descritas pela beleza física e ações de intervenção na vida dos personagens; É o caso de Mathilde, esposa de Breuer, Ana O. também paciente de Breuer e finalmente Martha Bernays noiva de Freud.

O livro sugeria uma série de atividades. Era um cotidiano rico de “coisas para fazer” nos nossos espaçosos encontros semanais de apenas três horas. Mas mesmo assim fomos procurando conhecer o que era novo e possível a todos, sem o medo de errar na dose e afastar os leitores do prazer de conhecer Nietzsche. E foi assim que tivemos o nosso Dia dos “Aforismos”<sup>44</sup>. A sala estava fora a fora, estampada com as citações do filósofos; Foi solicitado que as pessoas passeassem entre as frases e escolhessem a que quisessem comentar, aos outros era permitido concordar ou não com a interpretação do/da colega, e neste movimento começamos a filosofar. Ainda tenho anotado em um caderno que me acompanhava nos encontros, os aforismos que apresentamos, e que posteriormente, apareciam nos Diários de Ciclo, memoriais, etc.

Vejam alguns deles: "O medo é o pai da moralidade.", "Quanto mais nos elevamos, menores parecemos aos olhos daqueles que não sabem voar.", "A grandeza do homem consiste em que ele é uma ponte e não um fim; o que nos pode agradar no homem é ele ser transição e queda.", "Um procura um parceiro para os seus pensamentos, outro alguém a quem possa ajudar: É assim que nasce uma boa conversa." etc.

E foi assim que nasceu de fato uma boa conversa, o grupo adorou o exercício de discutir os aforismos e a cena mais interessante do dia, foi a de todos sacarem as canetas e anotarem tudo que estava exposto. Depois eu vi, onde foram parar.

"Sem a música, a vida seria um erro." (Nietzsche, 1888). Percebi que unanimemente, todos manifestaram o total desconhecimento sobre o compositor, Wagner que é citado no livro. Era o momento de a música chegar até o grupo. Criamos uma atmosfera favorável para receber Wilhelm Richard Wagner, compositor, maestro, teórico musical, ensaísta e poeta alemão, considerado um dos expoentes do Romantismo e dos mais influentes compositores de música erudita já surgida, e assim compartilhamos de um bom chá de canela e erva-cidreira. O CD, exalando as belas óperas, e no meio da

---

<sup>44</sup> Aforismos - são frases que expressam, de maneira condensada uma idéia, um fato ou uma regra. Há filósofos que utilizaram muito essa forma de escrever; atualmente, os aforismos continuam sendo usados por alguns pensadores, como os filósofos da linguagem.

escuta, nos inspirávamos com o aroma do incenso de alfazema; volta e meia retomávamos ao livro para lembrar da presença do mesmo naquele ambiente. Falamos da grande admiração que Nietzsche alimentou em relação ao compositor e os motivos que os envolveram em um fatal conflito de ideias, como bem apresenta o livro e que provocou o fim de uma grande amizade.

E eis que depois de tantas investidas, pesquisas na Internet, apresentações de várias obras de Nietzsche, (eles liam apenas o prefácio), ou a folha de orelha, como se apresenta alguém a outro; pois bem, surge em um dos encontros matutinos, um simpático rapaz, representante da Editora Martin Claret, munido de uma variedade de livros de Nietzsche, com preços populares e ainda dividindo em parcelas... não deu outra, muitos saíram de lá, com as obras em mãos. A vontade de poder, O Anticristo, Assim falava Zaratustra, Para além do bem e do mal, Humano demasiado Humano, etc.

Muito fizemos, e muito ficou por fazer, fechamos o Ciclo Um do GELIT, com uma festa que parecia ambientar-se em Viena. Em uma manhã fria, colocamos Wagner para o deleite dos ouvintes (diga-se de passagem, que muitos acharam as operas horríveis), mas fomos em frente; Servimos chocolate quente, bolo de chocolate com passas, (algo que lembrasse os lanches que Mathilde servia para Freud e seu esposo Breuer), chás. Usamos “xícaras” em vez de copos descartáveis, e no meio disto tudo, não faltou quem lembrasse de algum aforismo para repetir, e assim, Quando Nietzsche Chorou, criou raízes no projeto, de forma que foi repetida a atividade no ciclo seguinte.

## 4.2 – RAÍZES DO BRASIL.<sup>45</sup>



Guitarras e sanfonas  
 Jasmins, coqueiros, fontes  
 Sardinhas, mandioca  
 Num suave azulejo  
 E o rio Amazonas  
 Que corre trás-os-montes  
 E numa pororoca  
 Deságua no Tejo  
 Ai, esta terra ainda vai cumprir  
 seu ideal  
 Ainda vai tornar-se um império  
 colonial.

FADO TROPICAL – Chico  
 Buarque, Ruy Guerra.

Aqui iniciamos uma verdadeira aventura. Um embate entre leitor e livro que se presenciava no avançar das páginas como um verdadeiro desbravamento. Devo confessar que não foi uma tarefa fácil. Tornar acessível uma obra clássica, com uma linguagem marcada pelo eruditismo do grande Historiador Sérgio Buarque de Holanda, era uma façanha e tanto, só para lembrar que o AURÉLIO, traz o verbete desbravar, como “tornar manso, domar, amansar”.

Eu não tive este entendimento no período em que líamos, mas tomando a distância e analisando o que os Cursistas diziam das suas leituras nos Diários de Ciclo, percebi claramente que nós estávamos amansando o texto, trazendo outras linguagens textuais que proporcionavam esta aceitação.

Dos textos fílmicos, à poesia, e à música, restou a certeza que lemos melhor quando lemos em consonância com outras linguagens, outras ferramentas ampliam as possibilidades de compreensão, principalmente, quando se trata de

<sup>45</sup> Primeira turma – Ciclo dois – 2004/ 2

uma obra do cunho de Raízes do Brasil. Esta questão ficou bem evidente nas palavras da cursista Juscileide Lima:

“Após uma semana de atividades, um filme para assistir em pleno domingo, mas apesar do cansaço foi ótimo, porque houve comentários de cada fragmento, isso facilitou a compreensão. Tenho dificuldades para compreender a linguagem fílmica, mas esse foi diferente. Assistir filme com uma nova perspectiva de aprendizagem no contexto histórico foi fantástico, pois permitiu-me a compreensão de alguns fatos históricos , que até o momento não havia compreendido.” (LIMA, 2004, p )

Episódios marcantes ocorreram neste período de leitura, como um fato de uma cursista que entrou em pânico, chorando copiosamente, quando relatava pra mim que não conseguia avançar uma página lendo individualmente. A cada linha, ela tinha três, quatro palavras que ela não entendia. As interrupções que segundo ela, ocorriam por conta da consulta ao Dicionário a deixava mais atordoada ainda.

Daí vinha um sentimento de incompetência que quase a deixou fora do GELIT, ainda na primeira etapa. Infelizmente, acabou saindo na segunda etapa, com a certeza que foi um exercício dolorido mas necessário. A avaliação que fez, foi a de que aprendeu a estudar um texto; antes só lia sem se dar conta da interpretação.

Por outro lado, quando líamos em grupo, e comentávamos o que estava sendo lido, facilitava para a referida cursista, ela se situava melhor. Foi aí que entendi que o GELIT, pelo menos nesta obra, precisava cumprir esta etapa, desenvolver a leitura oral coletiva. E assim o fizemos. Lendo os diários que era registram este período, confirma-se esta necessidade, Veja o que diz Lucieide Lopes:

“Conhecer a nossa origem brasileira por Sérgio Buarque de Holanda é sem dúvida uma oportunidade ímpar, e melhor ainda com a orientação, na coletividade. (grifo

meu) pois não é uma obra fácil de ler(sic) e interpretar , procurar saber nas entrelinhas como se deu as origens dos nossos povos, suas características, como viviam, e ver quantas heranças nós temos desde os tempos primórdios”.( LOPES, 2003, p. 5)

Havia semanas que nos encontrávamos duas vezes, uma para leitura em grupo, e outra para trabalhar com filmes, textos e músicas que estavam inseridos no contexto.

Para completar a façanha, lamentavelmente, boa parte dos integrantes, (41 componentes) desconhecia fatos fundamentais da História do Brasil. Cronologicamente, não conseguiam organizar a história do país, nas fases político - administrativas, e no geral estavam totalmente desnorteados em aspectos cruciais para a compreensão do que somos em uma perspectiva histórica. E aqui cai bem a observação de CALVINO, ao pé da letra: (...) os clássicos servem para entender que somos e aonde chegamos “(...)” (2006 p.16),

A obra precisava de tempo para cumprir a sua passagem de forma satisfatória. Cada palavra desconhecida, cada antítese que surgia, era uma parada obrigatória, não havia pressa neste momento. Afinal era RAÍZES DO BRASIL, e por estas tão bem escritas páginas, sorvemos todas as mazelas de uma leitura que requer outras tantas leituras. Interessa neste íterim, validar o que Calvino arremata no que se diz respeito à leitura de um Clássico; “(...) o rendimento máximo da leitura dos Clássicos advém para aquele que sabe alterna-la com a leitura de atualidades numa sábia dosagem” (...).

Com esta preocupação, desenvolvemos dois Ciclos para concluir a leitura.É esta flexibilidade que o currículo permite. Assim como é válido lembrar que dois componentes optaram por não continuar.

Contamos com verdadeiros aliados na leitura de Raízes. Outros textos que evidenciavam o cotidiano do Brasil Colônia, em tempos diferentes, a exemplo

de vários textos coletados de revistas segmentadas de História que revelam fatos curiosos e atrativos para a leitura.<sup>46</sup>

Como não poderia deixar de estar presentes, a leitura fílmica ilustrou o que Holanda, dizia em vários de seus capítulos, mas que se tornava invisível aos olhos de muitos deles.

Daí veio a ideia de criar sessões dominicais de cinema, e assistimos, aos filmes, Desmundo, A Missão, Carlota Joaquina, A Muralha, Xangô de Break Street, 1492, Conquista do Paraíso, Mauá o imperador do Brasil, etc.

Inicialmente coletivamente, e depois em grupos pequenos de acordo com a localização dos cursistas em suas escolas. A segunda opção surgiu para atender a demanda de filmes que a cada capítulo surgia como estímulo para visualizar a História do Brasil em cinema. Já não era possível ocupar todos os domingos.

Os cursistas pegavam os filmes indicados trocavam entre si e traziam para os encontros.

Assim, retomávamos as discussões, fazíamos alusões à leitura, debruçávamos no texto intensivamente, com dicionários ao lado, outros livros de História, e fechávamos o encontro com músicas e poesias que permitiam alargar os horizontes de Raízes do Brasil, se é que podíamos realizar esta proeza. A leitura das litogravuras de Debret e outros artistas franceses que aqui deixaram este legado de importância inegável foi muito interessante. Fazíamos intervenções sobre o cotidiano que se manifestava nas gravuras, e daí para entender outros aspectos do livro, já era um bom caminho andado.

No nosso primeiro encontro, eu pensei em aproximar o grupo do livro com a apresentação do "Filho do Homem", Francisco Buarque de Holanda. Foi um momento de surpresas. Segundo eles, nunca imaginaram que Chico Buarque fosse filho de um Historiador, muito menos Sérgio Buarque de Holanda.

Levei um texto da Revista Nossa História, intitulado "De Sérgio para Chico, de Chico para Sérgio" foi uma mão na roda.

---

<sup>46</sup> estes textos estão separados na secretaria acadêmica do espaço UFBA em uma pasta que se refere ao GELIT – Raízes do Brasil.

Era um texto de Chico que trazia as impressões e lembranças da família, e vice-versa; Sergio Buarque também deixou em registro os elogios e as impressões que tinha do filho compositor.

O autor do texto, Francisco Alambert, apresenta no artigo um texto onde Sérgio Buarque de Holanda, fala das músicas preferidas, composta pelo filho “Das suas músicas todas, gosto mais de A Banda, Pedro Pedreiro, Roda-viva e Carolina”; Coincidentemente, segundo Alambert:

“Em discurso feito em 1967, quando recebeu o título de Cidadão Paulistano , o compositor declara “que Pedro Pedreiro espera o trem num subúrbio paulista, Juca é cidadão relapso do Brás, Carolina é a senhorita da janela de Boa Vista e a Banda passou , por incrível que pareça, no Viaduto do Chá, em clara direção ao coração de São Paulo “.( ALAMBERT, 2004, p. 47)

O passo seguinte foi ouvir as músicas mencionadas, e conversar um pouco sobre elas. A Banda era destacadamente a mais conhecida.

Após a escuta e discussão das músicas fiz um ciclo no quadro, coloquei o nome de Sérgio Buarque de Holanda no centro, e pedi que o grupo fosse apresentando o autor, através do texto que tinham em mãos.<sup>47</sup> Foi um processo bem dinâmico com uma boa participação. Alguns ainda se perdiam em devaneios sem conseguir localizar as informações. De qualquer forma, foi assim que eu apresentei aos mesmos que é necessário conhecer a biografia de quem escreve a obra. Não basta saber que HOLANDA é um historiador, mas entender a itinerância do autor, já nos deixa em um nível de aproximação maior com a obra.

A leitura do livro passou por dois momentos, Ciclo Dois e Ciclo Três. A primeira fase foi a de tirar leite de pedras. Gradativamente, usando de toda artimanha possível fomos conseguindo adentrar no universo de Holanda e de nossas

---

<sup>47</sup> O texto, De Sérgio para Chico e de Chico para Sérgio apresenta uma linha cronológica e biográfica de ambos. Inicia com o nascimento de Sérgio Buarque de Holanda em 1902, em São Paulo e segue por esta linha.



raízes, que segundo os cursistas, era uma questão de costume, eles já sentiam que as dificuldades iniciais do prefácio estavam sendo superadas, com a participação de todos.

Fica o registro de que o Prefácio foi lido com o rigor de uma avaliação. Quem o escreveu foi Antônio Cândido que apresenta de forma exuberante o significado do livro no nosso cenário histórico-social e a grandeza que representa Raízes do Brasil como um clássico indispensável para todos que desejam, de fato, conhecer os aspectos mais racionais, que explicam o que somos e para onde vamos.

Apresentei um roteiro mostrando tópicos que estavam inseridos no prefácio e pedi que em grupo os identificassem, para enfim entendermos a proposta do livro. As queixas e os comentários favoráveis começaram também por aí:

Ao ler o prefácio feito por Antônio Cândido, começo a perceber a história a partir da vivência de muitos na qual os mesmos favoreciam a reflexão e o interesse pelo Brasil e trazia a história de uma forma não convencional através de informações dos momentos marcantes da história do país, onde podemos notar a metodologia dos contrários, ou seja, a história de maneira dinâmica de contar os fatos. (CONCEIÇÃO, 2004, p.7)

Esta foi uma descoberta que me alertou para os ciclos seguintes. Se o texto não está sendo claro, suspendem-se as demandas (mesa redonda, seminários, e apresentações isoladas) , estas ações não ajudam ao grupo como um todo. Notadamente, surgem as competições e perde-se a necessária razão do GELIT, ou seja, uma Tertúlia Literária de fato.

Foi com esta compreensão que resolvemos trabalhar os capítulos com a ajuda dos que tinham uma melhor compreensão. A obra RDB não permitia devaneios, ao contrário de Quando Nietzsche Chorou, o imaginário ficava apenas por conta do cenário que compunha o contexto histórico.

Estávamos diante de um clássico que se propunha à interpretação do passado em função das realidades sociais, econômicas e políticas. Portanto, a proposta era estudar mesmo. E assim fizemos.

Dividia a sala em grupos e entre eles, discutiam o capítulo em pauta e após o tempo determinado, um grupo adiantava-se para apresentar o que foi compreendido, enquanto os demais interferiam sinalizando com o que concordaram, ou como entenderam e assim por diante. No final, sempre tínhamos uma música, poema ou imagens de litogravuras, cenas de filme para serem analisadas.

É chegado o dia de apresentar a música chave de Raízes do Brasil, “Fado Tropical”. Foi um exercício que funcionou; O jogo consistia em identificar no texto o que era do Brasil, e o que era de Portugal. Fica a observação da cursista Jadilza Rocha que relembra este momento:

“Ao lermos o capítulo I, Fronteira da Europa, ouvimos a música Fado Tropical de Chico Buarque, que retrata os contrastes do Brasil e Portugal. Chico utiliza a linguagem dos contrários bem parecido com a do livro, tal “Pai/ Sérgio, tal filho/ Chico.” ( ROCHA, 2004, p. 7)

Realmente, como está apresentado na epígrafe deste capítulo, o mundo luso se misturava com o país tropical, cabia a eles, separar estes aspectos, tão poeticamente arrumados. Gostaram da melodia, pediram para repeti-la; Foi uma atividade que provocou envolvimento. Neuma Conceição também fala deste momento no seu diário de ciclo dois, de forma bem positiva:

Que coisa maravilhosa deixar adentrar pelos ouvidos a bela voz de Chico Buarque de Holanda, fazendo com que a nossa alma flutue sobre a história do Brasil, deste jeito todos nós vamos apaixonar pela História. Gostei muito do esquema que Margarete nos passou hoje, na qual divide por período ( pré-colonial, Brasil Colônia, Brasil Império, e Brasil República) Assim vai ficar mais fácil entender o livro.  
( CONCEIÇÃO, 2004, p. 17 )

E mais músicas que tivéssemos. Os poemas são verdadeiros aliados dos momentos literários como este. Quando nos lançamos ao capítulo II, que apresenta a índole dos portugueses, o projeto de colonização que ele traz para o Brasil, eu comecei a sentir que a leitura, apesar de trazer aspectos muitos interessantes, precisava ser amenizada com uma música que falasse tudo, com poucas palavras. E nós faríamos a parte do reconhecimento poético no texto apresentado. Caetano clareou a tarde com a música “Argonautas”. Todos se emocionaram com a simplicidade dos versos que se inspiram em Fernando Pessoa, e faz a gente entender a essência do vício pelo mar que tinham os portugueses, ou o vício pela conquista? Ou pela aventura? Foi uma outra discussão bastante produtiva:

O Barco!  
 Meu coração não aguenta  
 Tanta tormenta, alegria  
 Meu coração não contenta  
 O dia, o marco, meu coração  
 O porto, não!...  
 Navegar é preciso  
 Viver não é preciso...  
 (Os Argonautas, Caetano Veloso)

Todo o Ciclo foi pontuado por músicas que refletiam, de uma forma ou de outra, poeticamente os estudos que realizamos na primeira etapa do GELIT, Raízes do Brasil. E decidimos que no seminário final, deveríamos apresentar o livro na plenária, com os valiosos enxertos das músicas associando-os aos comentários dos capítulos já lidos.

As músicas selecionadas precisam ser aqui registradas, pois delas, é que advieram os comentários dos cursistas; Foi um trabalho de fôlego, pois se propuseram a estudar os capítulos para apresentarem uma aula musicada. O painel musical ficou assim:

**Os Argonautas** – (Caetano Veloso) – apresentado por Agnaldo Freitas, Verbênia Cordeiro, Euclébia Sodré, **Fado Tropical** (Chico Buarque/ Rui Guerra) apresentado por Maria das Graças e Jadilza Rocha, **Suor da Terra** (Raíces

da América) apresentado por Maria Arlinda, Rizodalva Dourado, e Vera Vasconcelos. **Cio da Terra** – (Chico Buarque) Lirian Dourado, Lindney Porto – **Índio** – (Caetano Veloso) Cecílio, Fátima Antonieta, Amélia. **VIDA DE NEGRO-** ( Dorival Caymmi ) Cláudia Lima, Lucieide Menezes e Neuma Conceição. Os nomes dos cursistas aparecem neste parágrafo na clara intenção de deixar manifestar o protagonismo que sempre esteve presente nas atividades.

Observando que muitos que optaram por não participar desta atividade, (o grupo era composto por 41 cursistas) tiveram como alternativa montar um painel que utilizassem a linguagem plástica. Foi outra atividade muito interessante, que foi apresentada internamente, para todo o grupo e alguns convidados.

O projeto ainda não tinha adquirido um *data-show*, e assistir os filmes em uma TV era extremamente desconfortável; A solução era alugar um ambiente, na verdade um bar, que abria aos domingos pela manhã “exclusivamente” para o nosso grupo.

As sessões iniciavam às 10h e quando terminavam as discussões que eram paralelas à exibição do filme, ficávamos um pouco por ali, descontraindo-nos ouvindo música e refrescando-nos com uma cervejinha gelada. Era a forma de compensar a atividade no domingo.

Na segunda etapa da leitura, progredimos de forma bastante satisfatória. Não havia mais a necessidade de ler durante os encontros; Invertemos o processo, os encontros passaram a ser articulados para a apresentação dos capítulos, previamente estudados, e aliados a estes continuávamos com a proposta dos textos e poesias, e os filmes que ocorriam nos sábados ou domingos.

Já havia uma maior aceitação ao formato dos capítulos de RDB. Eu sugeria que eles (as) identificassem os subtítulos sugeridos nos capítulos e eles(as) partiam para esta atividade que era uma forma de organizar as ideias, concatenar as informações de Holanda com o que estava no início do capítulo. Este estágio tinha que ocorrer.

Uma coisa estava claro para todos que; Os recursos que o autor utilizava não obscureciam as emoções em função de uma linguagem rebuscada, erudita,

não era o que se chama de “tecniquices”. Tanto, que pegávamos algumas expressões para analisar e percebíamos o conteúdo amplo e complexo que surgia em uma linguagem quase poética, a exemplo de: “Somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra”, outra, “Nada como o mar para os portugueses como os portugueses para o mar” e finalmente, “cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso”. Ao longo da obra, HOLANDA, como bem traduz ALEMBERT nos surpreende com expressões que:

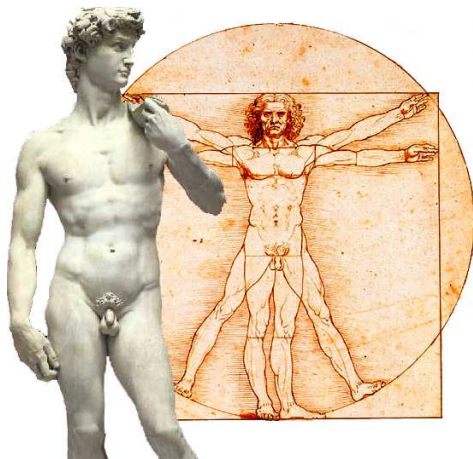
“ao lado do homem lúdico, há o intelectual “sério” , prestes a revolucionar papel do engajamento intelectual no contexto brasileiro pós-modernista, no mesmo momento em que o filho sambista, bem comportado na aparência, era e ainda é um pensador crítico dos desvios do Brasil”.( ALEMBERT, 2004, p. 51 )

Finalizamos a segunda etapa de forma mais livre, mais consciente, todos já estavam envolvidos com a temática do livro e cientes de que tínhamos conhecido ninguém menos do que um dos três grandes “intérpretes do Brasil”, ao lado de Gilberto Freire (Casa Grande e Senzala, e Caio Prado Jr. História Econômica do Brasil).

Talvez pela forte inspiração que o livro produziu no grupo, resolvemos montar uma peça que ilustrasse tudo o que se viu no livro. A idéia era que todos participassem: E assim fizemos, nós nos dirigimos, escrevemos o texto, fizemos o cenário e... fomos para o palco. Ficou tudo muito confuso, mas o grupo não sentia esta confusão. Era entretenimento e conhecimento se entrelaçando, algo difícil de realizar. A sensação era de que estávamos misturando, miscigenado, as falas o texto, o contexto. Foi uma tentativa e o grupo em si guarda boas lembranças deste atrevimento.

Entretanto, maior atrevimento, foi a proposta do Curso, em colocar como uma das atividade, do grupo de estudos literários, a leitura de Raízes do Brasil ; Foi algo como transpor um vale de caminhos incertos, mas com a sede de quem tinha certeza de que alcançaria uma bela lagoa prateada, repleta de histórias que precisam ser reveladas.

### 4.3 – O CÓDIGO DA VINCI.



A paciência faz contra as ofensas, o mesmo que as roupas fazem contra o frio; pois se vestires mais roupas conforme o inverno aumenta, tal não poderá te afetar. De modo semelhante a paciência deve crescer em relação às grandes ofensas; tais injúrias não poderão afetar a tua mente (paz de espírito) Leonardo Da Vinci.

Em uma análise conjunta feita pela equipe do Projeto Irecê, decidimos que o Best Seller de Dan Brown, seria interessante para deslançar discussões de ordem teológicas, filosóficas, históricas e principalmente dogmáticas.

Sem dúvida, a obra que tanta polêmica causou na sua estreia literária, também provocou reações de desaprovação e incredulidade entre os participantes do Grupo. O GELIT tinha um total de 28 cursistas. Os encontros ocorriam nas sextas-feiras, oportunidade em que avançávamos nas leituras realizadas em casa para discutirmos as leituras individuais, mas sempre com a perspectiva de aliar novas informações aos textos que estavam impregnados de curiosidades e provocações, as mais variadas possíveis. No primeiro encontro como já era hábito nos GELITS, discutimos os horários, as pontuais orientações sobre a escuta e a fala e outras questões próprias de um início de trabalho.

Como já estávamos em um ciclo razoavelmente avançado, a discussão sobre a metodologia foi oportuna, já que muitos vinham de outros GELITS, com outras orientadoras e mesmo os que estiveram comigo já tinham amadurecido algumas opiniões sobre este aspecto, e já era o momento de opinar como gostariam de ler em grupo.

Antes da primeira investida à leitura realizamos a apresentação do autor da obra Dan Brown. Como já foi dito neste trabalho dissertativo, conhecer o autor aproxima o leitor da obra, além de entender que a História do autor compete com a obra que apresenta.

Dan Brown tornou-se um famoso escritor no início de 2004 quando teve quatro dos seus livros cogitados na lista dos mais vendidos, dentre eles, "**O Código Da Vinci**". O escritor conta com uma grande aliada, a sua esposa Blythe, pintora e historiadora de arte, que colabora com as pesquisas para seus livros. O autor reside em New England, nos Estados Unidos, bem, na seqüência foram apresentados imagens do autor, críticas ao seu trabalho, capas de outros obras, e detalhes da sua biografia.

Na mesma oportunidade apresentei ao grupo os livros (além de revistas e periódicos) que tinha adquirido, para facilitar a compreensão do CDV;

Se bem que o meu desejo era que eles manuseassem os livros e revistas enquanto estivessem em grupos, fizessem anotações, enfim incorporassem um pouco do leitor-pesquisador.

Impressionante como cada livro traz um formato de trabalho que não é possível repetir. Eles têm vida própria, que nos obriga a tornar as atividades independentes, únicas, próprias de cada trama, de cada texto, de cada autor. Não há como criar um padrão de trabalho para os GELITS e repeti-los a cada livro. É a "história" do livro que indica as estratégias. Os leitores também mudam, transformam-se no ritmo da proposta e pegam o rumo da obra. Mesmo que discorde do autor. Foi o caso do CDV. A leitura é sinestésica. E é esta característica que devemos empregar nos GELITS.

Vamos à leitura. Inicialmente não houve estranhamentos, todos estavam no ritmo do romance policial, observando que Brown tece uma narrativa com grande poder de entretenimento. Que é uma peculiaridade dos Best Seller.

Há um clima de suspense que o livro propicia e por ser, notadamente uma leitura fácil, o processo da leitura se desenvolveu muito rápido. No segundo encontro, uma cursista, Márcia Judite, já tinha lido toda a obra!

Por ser uma obra ficcional, os desdobramentos da leitura diferem da leitura de um texto puramente pragmático<sup>48</sup>; no entanto, o livro passeia pelos dois campos, a ficção é o pano de fundo, sem dúvida, mas as alusões aos aspectos históricos, artísticos, filosóficos e teológicos são notadamente aspectos reais, que se confundem com a ficção.

Neste caso a recepção do texto pelo leitor, inevitavelmente, tornou-se uma tarefa que se aproximou da decodificação dos enigmas, se bem que a ficção, mesmo sem a trama apresentada por BRONW, é complexa. O teórico alemão STIERLE, introduz um questionamento muito pertinente em relação aos textos ficcionais, trata-se de um estudo intitulado, “O que significa os textos ficcionais?” O estudioso nos revela que “A História da Ficção, é a história do crescimento da sua complexidade, que, em cada caso indica o nível da complexidade mais alta da constituição do texto.”

O Código Da Vinci, (CDV) traz um ritmo de leitura fácil; Os capítulos, tem o movimento de uma novela policial. Era impossível não prender a atenção do leitor (mas tínhamos cursistas que não se sentiram atraídos, pela leitura).

O que não impediu que esbarrássemos em questões complexas, como o desafio aos Dogmas cristãos e à ortodoxia. O fato dos cursistas adiantarem a leitura favoreceu as nossas investidas em outras fontes de pesquisa que focavam as variadas questões presentes na obra.

Enveredamos pela história e pelos questionamentos apresentados, de forma aligeirada, porém, como as revistas e periódicos da época estavam “devastando” os temas abordados, havia sempre alguém trazendo textos que investigavam a história de Maria Madalena, as Sociedades Secretas, os primórdios das seitas cristãs e os mistérios dos quadros de Da Vinci, etc. Já havia sinalizado para o grupo que usaríamos textos complementares, documentários, filmes, etc. Como já fazíamos anteriormente, a associação com as outras linguagens, torna-se a cada momento que avançamos no tempo, indispensável.

---

<sup>48</sup> pragmatismo - doutrina que adota como critério da verdade a utilidade prática, identificando o verdadeiro com o útilpt.wiktionary.org/wiki/pragmatismo



Foi chegado o momento de apresentar ao grupo o grande renascentista que empresta o seu nome para dar título ao livro. A presença de Leonardo Da Vinci é sentida em todo o romance como uma poderosa influência sobre Jacques Saunière, o homem cujo assassinato dá início à história. Foi um encontro à parte; Levei um DVD bem interessante que apresenta a biografia de Da Vinci, além de suas excentricidades, traços da sua obra, e informações pontuais sobre o ilustre renascentista e suas habilidades polivalentes. Infelizmente não tenho os créditos do DVD, foi um empréstimo de um amigo, que o levou antes que eu pudesse anotar pelo menos o título. Sabia apenas que se vendia em Banca de revistas, como suplemento de uma destas revistas segmentadas.

No encontro posterior foi desenvolvido um esquema histórico-cronológico no quadro, com a ajuda dos que se sentiam estimulados a participar. Brown passeia em velocidade incrível entre a antiguidade ao mundo contemporâneo. Portanto fizemos um esquema simples que “arrumava o quebra-cabeça. Na antiguidade iríamos encontrar, Jesus, Madalena, O Santo Graal; Os cavaleiros templários, na Idade Moderna, o Renascimento/ Leonardo Da Vinci, e enfim na fase contemporânea o “Opus Dei”. Foi tudo muito rápido, mas o livro sabia ajustar estes fatos de forma bem atraente.

Na ocasião assistimos ao filme a, Última Tentação de Cristo, polêmico filme do célebre Martin Scorsese<sup>49</sup>. O filme propõe uma instigante re-concepção da vida de Cristo não somente à luz da sua ação divina, mas das inconfessáveis fraquezas humanas, pensadas por Scorsese.

---

<sup>49</sup> **lançamento:** 1988 (EUA). "A Última Tentação de Cristo" **título original:** (The Last Temptation of Christ) é uma fita bem pessoal do mestre Martin Scorsese. O filme é um pouco extenso demais, são aproximadamente umas 2 horas de 40 minutos. Baseado na obra literária de Nikos Kazantzakis foi rotulada pelos fiéis religiosos como indecorosa e execrável

A proposta do filme surgiu pelo fato de que o diretor leva às telas a possibilidade de Jesus ter optado por seguir uma vida comum, e que tivesse esposa, filhos e um cotidiano igual ao dos homens da sua época. Aspecto que é fartamente ventilado no livro. A reação ao filme provocou uma forte discussão que se misturava ao livro, e as questões mais próximas à Maria Madalena.

O sucesso do livro só aconteceria se debruçássemos em outras fontes que permitissem compreender as questões levantadas pelo CDV. Era inevitável a investigação das obras citadas na obra CDV- e permitir que o grupo também analisasse e chegasse as suas próprias conclusões. As obras do artista são usadas como pistas a serem seguidas pela sua neta, Sophie Nevue.

Copiei as imagens de vários sites e as organizei para serem apresentadas ao grupo usando o data – show. A apresentação não se limitou apenas aos quadros citados no CDV, mas à pinacoteca que foi possível encontrar:

A santa Ceia, A virgem e o menino, São João Batista, Retrato de Cecília, Homem vitruviano (que chamou bastante a atenção por ser uma das primeiras citadas no livro e é a posição em que encontram Jacques morto) A adoração dos reis magos, virgem dos rochedos, Mona Lisa, etc.

Sem dúvida, a **Última Ceia** foi o quadro que mais despertou comentários. Alguns cursistas mais crédulos chegavam a se revoltar diante do que os colegas sinalizaram, sobre a semelhança de João com figura feminina.

Procurando “amenizar” dos ânimos elevados procurei situa-los na proposta da leitura que funciona estrategicamente na possibilidade de usar a ficção para interpretar fatos obscuros da História. Outros romancistas fizeram e fazem o mesmo. Preencher estas lacunas com situações que “afinam” com contexto histórico, mas necessariamente não afirmam como fatos verdadeiros.

No desenvolvimento do CDV, aos poucos vamos reconhecendo que a Maria Madalena é sob vários aspectos a estrela do romance. Em outro romance da autoria de Antoinette May “Cláudia, a mulher de Pilatos” esta situação também é apresentada, só que de forma explícita, narrando, de fato, o casamento de Jesus Cristo com Maria Madalena.

Já era chegado o momento de apresentar o polémico documentário, que gravei da GNT, focalizando a História de Maria Madalena e que propunha uma revisão crítica do CDV. A reação dos cursistas foi mais equilibrada, o documentário apresentavam pessoas que concordavam com algumas ações e o objetivo da atividade foi alcançado – Debater – Discutir o livro.

O perfil deste grupo era bem diferente dos demais. Alguns pegaram o livro devido ao fato de se encontrarem em dívida com o eixo temático, ou seja, durante o curso não pegaram nenhum livro, então estavam em uma situação de “altamente recomendados” no sentido de optarem por um GELIT, já que não tinham feito no decorrer do curso. Tínhamos dois componentes ouvintes que não faziam parte do curso, já eram pedagogos, e estavam participando como curiosos. O grupo como todos os componentes de cursistas era formado por pessoas de religiões diferentes. A maioria notadamente era católica.

Neste período eu estava orientando dois GELITS que apresentavam características afins no que se refere ao perfil apresentado. O outro grupo era “Capitalismo para principiantes”.

O que pude perceber após o documentário no grupo de CDV é que as questões levantadas pelos teóricos, historiadores e teólogos, levaram as pessoas a falarem, discutirem, e pesquisarem. Sentiram-se mais à vontade para indagar, colocar as indignações diante do que leram, principalmente em relação ao suposto casamento de Maria Madalena com Jesus.

Houve um momento que algumas pessoas avançaram bastante na leitura, enquanto outros estavam se arrastando, mais lento do que o permitido. Esta situação prejudicava a discussão dos temas, enquanto alguns já queriam discutir o Opus Dei, outros ainda estavam envolvidos com a biografia de Da Vinci. Fato que me levou a mapear a leitura; exemplo: Márcia, p. 60. Fabiano, p.23, Lucieide p.16, Ariston, p. 55, etc. Após este procedimento, fomos segurando um pouco os que estavam mais avançados e os outros foram instados a lerem mais rápido.

Constatarei que, não era o ritmo da leitura que estava pegando, mas o compromisso com a leitura. Após uma séria conversa, nos equilibramos. É neste momento que a gente percebe que em um GELIT, a obra

indiscutivelmente, assume o papel secundário; o leitor sim, este é o centro da nossa atenção.

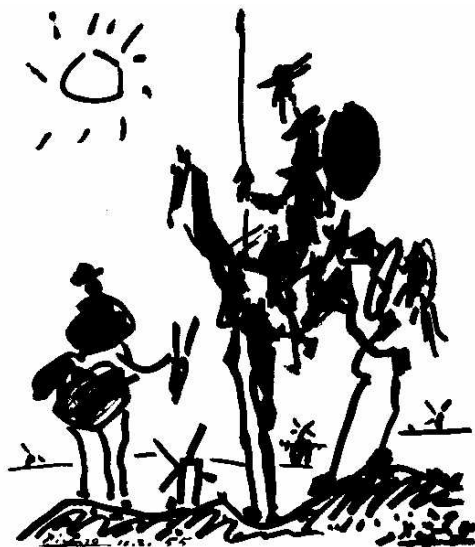
Concluimos a leitura do livro com uma proposta instigante, ou seja, cada um deles assumiria a condição de críticos e realizaríamos uma dinâmica onde todos pudessem oralmente apresentar a sua crítica ao livro, ou não. Como era um grupo formado por 15 pessoas, facilitava, a participação dos componentes. Eles pesquisaram sobre o que desejavam opinar, apresentaram os argumentos e organizaram um texto com esta intenção.

Muitos não conseguiram desenvolver a postura de crítica ou de quem estivesse resenhando, falavam mais da “falta de responsabilidade do autor”, pois, criticava o Papa, o Vaticano etc. Um dos cursistas achava que Dan Brown deveria ser excomungado. Uma das componentes se sentiu agraciada no contexto do romance, pela relevância que está dá às mulheres, é a idéia do Sagrado Feminino; Outros colocaram a importância que teve pra eles, a leitura, mesmo com todas as polêmicas, por trazer assuntos dantes desconhecidos, a exemplo dos Cavaleiros Templários, Opus Dei, Priorado de Sião etc.

A ideia das mensagens subliminares que existem nas obras e o próprio Da Vinci foi também alvo da atenção de muitos leitores.

Foi uma atividade na qual a fala dos cursistas preponderou e foi ampliada, considerando que muitos outros que não eram do grupo, compareceram no auditório para escutar. Os comentários os deixaram curiosos. Achei tudo muito bom. A idéia do livro foi movimentar as pessoas, pensar na questão dogmática, no incontestável e principalmente incomodar, no sentido de retirar os leitores-cursistas da posição estática. Foi assim.

#### 4.5 - DOM QUIXOTE DE LA MANCHA.<sup>50</sup>



"Enquanto Shakespeare nos ensina a falar com nós mesmos, Cervantes nos ensina a falar uns com os outros".

Harold Bloom.

No Ciclo Cinco, fomos presenteados com a presença de Cervantes na lista dos livros sugeridos; Não deu outra, mais de 30 cursistas se inscreveram na atividade. E lá fomos nós pelas vias errantes do Dom Quixote de La Mancha.

Foi evocando as lembranças do Visconde de Sabugosa, na primeira versão do seriado infantil, sítio do Pica-pau Amarelo que começamos a falar o que seria a obra de Miguel de Cervantes. As curiosidades sobre a dimensão do clássico vieram depois. À medida que líamos as informações biográficas de Cervantes crescia o interesse em conhecer, de fato, Dom Quixote.

As cenas do Visconde de Sabugosa lutando contra os moinhos não eram muito presente nas lembranças da maioria dos professores-cursistas. Muitos deles eram adolescentes ou crianças na década de 70, porém, neste período a televisão estava ensaiando a sua chegada na região de Irecê. Assim sendo, eram raras as pessoas que tinham TV em casa, como também era muito imprecisa a ocasião que a programação ficava no ar. Contudo, como apresentei inicialmente, o Dom Quixote fez-se presente, inicialmente, no grupo, na figura do Visconde de Sabugosa.

<sup>50</sup> Primeira Turma, Ciclo Cinco, 2006-1.

Na fase em que iniciamos a leitura da obra de Cervantes, o mundo literário comemorava os 400 anos de Dom Quixote. Foi uma excelente deixa para que nós adentrássemos de forma entusiasmada no mundo filosófico, histórico e literário da obra renascentista, que é considerada, o romance de todos os tempos. Nas palavras de CRIJÓ, (2005).

“Dom Quixote de La Mancha é obra fundadora de um discurso que articula uma série de temas, como a tênue linha que separa a lucidez da loucura, as estruturas sociais, a crença na fé, a amizade, o valor da literatura, entre outros, com um modo de narrar original, tornando a metalinguagem como um dos eixos organizadores e que se insere no conjunto de clássicos da Literatura” (GRIJÓ, 2005, p.70)

Sem dúvida, é um livro que atravessou o tempo e os continentes, por tratar-se de uma obra singular. A adesão à leitura deu-se de forma generosa. O que de início parecia complexo, foi esvaecendo à medida que mergulhávamos no mundo da cavalaria.

Dom Quixote de La Mancha, ainda que visto como um louco bonzinho introduziu a fantástica ideia de que, ser “Quixotesco” (uma palavra polissêmica) é perseguir os seus sonhos.

Não estávamos distantes dos que estudam e apreciam Dom Quixote; Harold Bloom escreveu para Folha de São Paulo, em caderno especial sobre os 400 anos da obra: “Dom Quixote é corajosamente louco e obsessivamente corajoso, mas ele não se auto-ilude. Ele sabe quem é, mas também quem pode ser, se assim o quiser”<sup>51</sup>. Então, Quixote é muito mais do que sonhar.

Os cursistas realizaram as viagens literárias convictos de que Dom Quixote os convencia a expandir a leitura. Daí nasceu o projeto: “**Dom Quixote Caiu na Rede**”. O grupo se aplicou a pensar em como levaria o Dom Quixote para escola, observando que a personagem já era conhecido pelas crianças,

---

<sup>51</sup> Folha de São Paulo. **A longa viagem de D. Quixote**, São Paulo, 18/06/2005. Caderno Especial.

principalmente, do Ensino Fundamental I ,através dos livros de língua portuguesa. (Volto a lembrar que os bons livros didáticos salvam a leitura por sinalizar que existem os livros). Este é um assunto que, inevitavelmente, vai estar presente nas relações que fazemos com a leitura na escola.

Dom Quixote na rede foi uma atividade prodigiosa. Vários projetos começaram a serem construídos, observando o público, a faixa etária e as opções das publicações infanto-juvenis.

Os projetos traziam indagações que eles (as) professores-cursistas vivenciaram no início da leitura da obra, na tentativa de aproximar o público leitor ao livro, conhecendo a natureza e gênero do que se ia ler. Ou seja, “Que livro é este?”, “Qual o nome do autor?”, “Em que país foi publicado?”, e somavam-se a estes questionamentos as dicas que engrandeciam a obra de Miguel de Cervantes, começando como; “É considerado o melhor livro publicado no mundo”, “Depois da Bíblia, é o mais lido”... E por aí se foi construindo uma rede de intenções que possibilitasse emergir o interesse. Estas inspirações confirmam a epígrafe, da autoria de BLOOM, e que abre o capítulo presente.

E assim os livros infanto-juvenis foram parar nas mãos de pequenos e neste contexto, pode-se afirmar, ávidos leitores, que já esperavam Dom Quixote, com a escola *encenada* para o grande espetáculo da leitura. Os seus professores já tinham lido o livro, e comentavam em sala as peripécias da personagem, acertadamente este aspecto faz a diferença. O professor leitor tem mais sucesso na formação de leitores.

Em uma das escolas (Escola de Itapicuru) o *Cavaleiro da triste figura*, ganhou um colorido painel, reproduzido por um dos professores-cursistas (Everaldo) em uma outra escola do campo (Fazenda Nova) uma professora (Dora) tratou de reler com os alunos fragmentos da obra de Dom Quixote; Outra que trabalhava com jovens e adultos, Yolanda Bagano, contava-lhes, como se fosse capítulo de novela as peripécias do famoso Quixote e seu fiel escudeiro, Sancho Pança. Desta forma, o Cavaleiro Andante, aos poucos, foi adentrando a sala de aula na Rede Municipal de Educação em Irecê.

Crianças e adolescentes fizeram a leitura das obras adaptadas por Orígenes Lessa da Editora Ediouro, por José Angeli, da Scipione e Dom Quixote das crianças, uma adaptação de Monteiro Lobato.

Antecipando este processo, foi conversado e discutido no GELIT o que seria este processo de leitura através das obras adaptadas. Lembrando que não é possível conceber a adaptação como uma obra que constitui a original, como ressalva GRIJÓ:

“O processo de adaptação é um processo de recriação, pois, mesmo mantendo o diálogo com a obra original, o resultado final consiste numa outra obra. Trata-se de um outro texto, já que todo o texto é uma articulação indissociada entre o que se escreve e como se escreve”  
(GRIJÓ, 2005, p. 71)

Ilustrando a obra de “Dom Quixote para crianças”, o escritor Monteiro Lobato (1882-1948) fez Dona Benta contar as aventuras do Cavaleiro da Triste Figura para a turma do Sítio, a partir de uma ação de Emília que pega um livro na estante, o título de Cervantes, e em linhas gerais, a obra vai sendo desfiada pela narração de Dona Benta. Desta e de outras formas o magro fidalgo foi-se projetando na essência literária das crianças da Rede.

Infelizmente, não foi possível a extensão da leitura a todas as escolas; Fatores eminentemente administrativos associados à aquisição dos livros limitaram esta experiência a um pequeno número, o que não invalida a inédita iniciativa.

Como se não bastassem as leituras citadas (biografia de Cervantes, adaptações, resenhas literárias, informações sobre o Trovadorismo, etc.), a leitura fílmica foi bastante eficiente. O que os olhos imaginavam de um decadente cavaleiro andante foi possível vislumbrar na produção italiana de Mário Monicelli “O Incrível Exército de Brancaleone”. Em morno domingo Ireceense, instalados em uma sala de aula de um cursinho pré-vestibular, (Curso Visão) com direito ao escurinho do cinema, pipoca e guaraná, as gargalhadas ecoaram com as aventuras de Brancaleone. Após o filme, uma conversa de contrapontos, curiosidades, semelhanças, fez com que o livro



assumisse o cenário da interpretação. Não deu outra, Brancalone foi exibido para as crianças da Escola Municipal de Itapicuru, na zona rural; Lá já havia um clima de grande expectativa à espera do livro de Dom Quixote.

Uma outra questão precisava ser abordada , a rota traçada por Dom Quixote. A obra é composta de duas partes e apresenta as “saídas” de Dom Quixote que são as andanças do cavaleiro pelo território espanhol. Por sorte encontramos um mapa confeccionado com este critério e fizemos o percurso da saída de La Mancha, até a sua última parada, que é a derrota com o Cavaleiro da Lua Branca, em Barcelona.

Indubitavelmente a leitura de Dom Quixote, foi um convite à aventura. Aventurar-se por gêneros textuais, pelas representações e pelas ilustrações do cavaleiro, pelas polêmicas que eram constantemente geradas, pelos jogos de interpretação que suscitavam a obra; Como bem diz Cervantes na sua definição de aventura: “Pela liberdade se pode e se deve aventurar a vida”.

É chegado o momento de viajar pelas ilustrações Quixotescas. Diversos artistas do mundo inteiro retrataram D. Quixote de formas mais diferenciadas possíveis. Um apanhado destas imagens resultou em uma rica exposição de slides que constava: Honoré Daumier, Sancho Pança e Dom Quixote, ( 1808-1879) Dulcinéia, ( 1956) de Salvador Dali, Dom Quixote enfrenta o Cavaleiro do Bosque, de Adalphe Luz. A imagem que os cursistas apresentaram ter mais afinidade visual é justamente a rabiscada por pintor espanhol Pablo Picasso,

“como se todo conjunto de cena fosse o desdobramento de um único e contínuo movimento , transcendeu os limites da publicação e entrou para a história como uma das mais comoventes e significativas representações do cavaleiro andante e seu fiel escudeiro, cercado por moinhos de vento , o sol como garatuja reduzido à simplicidade de linhas e borrões sobre o branco infinito”.

(DAMZIO, 2005, 88).

Após o vislumbamento com as obras apresentadas, resolvemos também retratar as possíveis cenas que foram visíveis no ato de leitura, através de um processo simples, que foi desenhar em lixas de pedreiro com lápis de cera,

(dar um efeito muito interessante) e que eles depois poderiam aproveitar a técnica para trabalhar em sala de aula. O grupo folheava o livro, procurava trechos que chamavam a atenção, ou era Dom enfrentando os moinhos, ou de seu encontro com o cavaleiro da lua Branca; outros o colocavam ladeado de Sancho Pança ou da Amada Dulcinéia; enfim uma galeria de cenas surgiram nas toscas lixas que aos poucos se tornaram quadros da vida Quixotesca. A exposição dos quadinhos e as observações dos autores quanto aos desenhos, foi muito divertida, quase hilariante. Pois alguns desenhos manifestaram como indecifráveis. Enfim, era uma aventura que, como simbolizou Cervantes, pela “Liberdade se pode e de deve aventurar a vida”.

Ainda como estratégia, usávamos, com muita freqüência, a discussão em cadeia; a primeira pessoa dava início ao assunto e o próximo prosseguia. Era um momento de muita descontração. Os cursistas davam risadas, faziam comparações, etc. Eu me comportava como mediadora, provocando, questionando e acrescentando informações (textos complementares) de forma que expandíssemos os conhecimentos, sobre a grandiosa obra.

Não restou dúvida de que o Universo de Cervantes trouxe para o GELIT, Dom Quixote, múltiplas abordagens visuais, considerando que são descritas em situações diferentes. No que se refere aos personagens, fazíamos exercícios de memória, para aquecer o início do encontro, pedindo que as pessoas anotassem o maior número de personagens que conseguissem. Era uma disputa agradável. Livros fechados, a sala em silêncio e o grupo escaneando a memória, lembrava e anotava. Depois apresentávamos as personagens identificadas quase que simultaneamente.

E foi desta forma que o livro Dom Quixote, que é considerado como o primeiro grande modelo de romance ocidental, adentrou no mundo dos cursistas, e de várias crianças da Rede Municipal. Para o escritor Peruano, Mario Vargas Llosa, “O sonho que converte Alonso Quijano em Dom Quixote de La Mancha não consiste em realizar o passado, mas em algo bem mais ambicioso: realizar o mito, transformar a ficção em “História Viva”. ( DAMAZIO, 2005, apud, LLOSA, p. 78)

E mais adiante, DAMASIO (2005) traz a informação de que, diante de uma obra ficcional não podemos deixar de registrar, que segundo ele é o grande

tema da vida,” é a ficção, sua razão de ser , o modo como ela vai infiltrar-se na vida vai, modelando-a, transformando-a”.

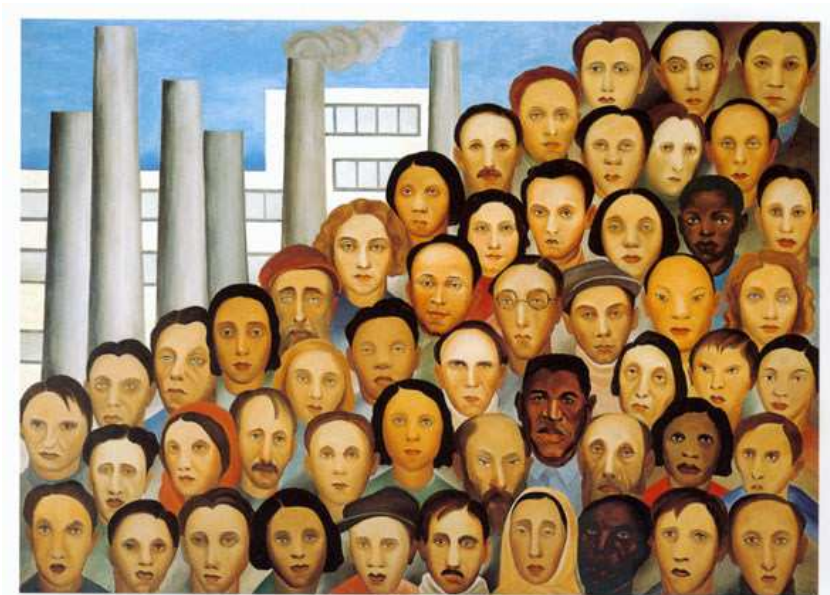
O final da primeira etapa do Livro Dom Quixote foi marcado por uma festa temática, regada a vinho tinto, pão integral, frutas, alguns assados e escuta de música medieval. Tive a sorte de manter comigo uma cópia do grupo “Música Antiga” e também tinha faixa com *minuetos*, e algumas músicas que tocavam nas feiras da Europa Medieval. Foi uma noite agradável e enriquecedora. E como todos os sentidos precisavam ser agraciados não faltou a projeção de slides com o universo pictórico dos artistas que ilustram a grande obra de Miguel de Cervantes.

Conclui que dentre todos os livros trabalhados Dom Quixote, conseguiu atrair os leitores de uma forma apaixonante, ora sorriam com as sandices do cavaleiro da figura triste, ora ficavam penalizados com as suas investidas mal sucedidas, e pela bem sucedida intenção do autor, que na obra publicada em 1605, foi sucesso imediato. Como entre nós, os nomes de Sancho Pança e Dom Quixote estavam na boca do povo para apelidar quem pareciam com eles, esta situação foi exatamente assim no GELIT. Como tínhamos professores do campo, nem o jumento de Sancho Pança, e Rossinante ficaram de fora, encontraram seus correspondentes atuais.

No Ciclo seguinte, os professores trabalharam os projetos que começamos a desenvolver no grupo. Todos os cursistas realizaram a atividade para colocar o projeto em prática, porém, por razões explicadas anteriormente, as escolas de Itapicuru e Fazenda Nova (zona rural) é que iniciaram a leitura primeiro, após a conclusão da leitura, (todas as escolas citadas produziram um projeto) passavam para outras escolas mais próximas, porém não chegamos a atingir nem 50% da demanda do Grupo..

Enfim, acredito piamente no que dizem os críticos sobre a obra de Cervantes; o grande escritor espanhol revolucionou as formas narrativas do seu tempo e fincou as bases sobre as quais nasceria o romance moderno.

#### 4.4 - CAPITALISMO PARA PRINCIPIANTES.<sup>52</sup>



Vai trabalhar vagabundo  
 Vai trabalhar criatura  
 Deus permite a todo  
 mundo  
 Um loucura (...)  
 Prepara o teu  
 documento  
 Carimba o teu coração  
 Não perde nem um  
 momento  
 Perde a razão  
 Pode esquecer a mulata  
 Pode esquecer o bilhar  
 Pode apertar a gravata  
 Vai te enforcar  
 Vai te entregar  
 Vai te estragar  
 Vai trabalhar

**Chico Buarque**

A leitura de quadrinhos apresentou uma outra linguagem que proporcionou ao grupo visualizar textos que podem trazer mensagens consideradas sérias, mas com o humor próprio dos quadrinhos. Observando que:

“A técnica narrativa da história em quadrinhos envolve uma complexa relação entre dois canais, visual e linguísticos, que permite ampliar as possibilidades de encaminhamento da mensagem e as perspectivas de recepção pelo destinatário”. (BORGES, web)

O grupo estava vivenciando uma fase de fim de ciclo, já não se empolgavam tanto com a literatura, como nos momentos iniciais do Ciclo, onde o contato se deu em meio

<sup>52</sup> Primeira turma – Ciclo quatro- 2005- 2

a descoberta ao reencontro. Ainda que estivessem em plena formação, como leitores, achavam que já tinham “lido bastante” (sic), e a proposta do livro de Eduardo Novaes veio a calhar para quem queria ler algo diferente, porém sem perder o vínculo com a proposta dos GELIT(s)

.São 208 páginas, unindo o texto inteligente de Carlos Eduardo Novaes ao traço vivo das ilustrações de Vilmar Rodrigues.

No primeiro encontro, percebi que as pessoas já estavam com os livros em mãos e já sorriam antecipadamente das charges que o livro apresentava. “Logo de primeira apresenta-se uma ilustração que diz, no princípio era o verbo: “Eu trabalho, tu trabalhas, nós dividimos” (NOVAES, 2007, p. 5) e na mesma página, vem uma outra charge satirizando “ Eu, trabalho, nós trabalhamos , eles ficam ricos” (NOVAES, 2007, p. 6).

Começamos por esta Leitura sátira a historia do capitalismo. O livro é marcado pelas fases da evolução da acumulação de riqueza e, finalmente apresenta conceitos de forma muito simples da teoria Marxista . O ritmo da leitura de um livro de quadrinhos é muito corrido, é rápido. Os traços por si só definem o imaginário, aguçam pensar nas imagens reais, pois é sempre uma caricatura do real. O trabalhador do início ao fim é uma figura esquelética, magra que em certos momentos, chega a comparar-se com os porcos, quando estes, dizem que vivem melhor que o operário. A burguesia é uma senhora enorme de busto evoluído, com um colar de pérolas, etc. E o capitalista, não poderia deixar de ser, é uma réplica do Tio Sam, só que gordo e ostenta um grande charuto.

Estes personagens estão presentes em toda obra. A leitura carecia de muito complemento, de filmes, de música e de textos; não que o livro em si não bastasse por si só. Mas pelo fato de que os cursistas, que já apresentavam dificuldades na compreensão da História do nosso país, apresentaram dificuldades bem maiores para entender a fala dos balões do HQ, que não se bastavam.

Contudo, uma coisa era certa, eles gostaram do livro, e pareciam que, pelo menos o que estava sendo apresentado era compreendido, mesmo que superficialmente.

De qualquer forma, o livro vinha preencher uma lacuna na nossa proposta de leitura, não só no que se referia à compreensão da economia nas sociedades, como o envolvimento com a linguagem das Histórias de Quadrinhos, que é um

instrumento bem acessível para trabalhar em sala de aula; Tanto na produção como na leitura.

Levei a minha diminuta coleção de Asterix, pedi que analisassem, lessem algumas páginas e emitissem qualquer opinião. Parece-me que algum cursista já conhecia, mas nenhum tinha lido, Aí fizemos o jogo de quem é quem. Aos poucos fomos desvendando os personagens e feitas as apresentações, voltamos para o nosso livro.

No meio do Ciclo, quase todos já tinham lido o livro, mas 90% dos cursistas não faziam as anotações que eram orientadas.

Foi neste momento que comecei a levar livros de História Geral para os encontros e sugeria que em grupo identificassem os fatos que o livro apresentava; a exemplo do “Feudalismo”, “Mercantilismo”, “Liberalismo”, “Socialismo”, etc. No encontro seguinte, já procurávamos pela Revolução Francesa, a Revolução Russa, a libertação das colônias na África etc. A ideia era ler para preencher as lacunas, que o livro não conseguia atender, por ser uma obra em HQ. Para aqueles que já tinham uma leitura prévia, facilitava, mas eram poucos nesta condição.

E assim fomos insistindo na “tentativa de explicar a história pela teoria econômica, e a teoria econômica pela história.” (HUBERMAN, 1986, p.1).

*A História da riqueza do homem* também foi uma obra que o grupo conheceu de forma aligeirada. Fizemos leitura de textos xerocados, bem pontuais, e fizemos uma rodada comparando os capítulos do livro de HUBERMAN, com os capítulos da obra de NOVAES. Ilustrando melhor: Quando Huberman, apresenta, *Sacerdotes, Guerreiros e Trabalhadores*, eles passariam a identificar no HQ, estes personagens, (Diga-se de passagem, que eu xeroquei algumas charges e deixei soltas pelas paredes) os cursistas identificavam os personagens citados, confiscavam as charges, e apresentavam as relações solicitadas.

Os filmes. Não poderiam ser outros, (apesar de que há uma infinidade de obras cinematográficas que exploram muito bem esta questão da relação capitalista, foi sugerido o filme, *Tempos Modernos*, mas muitos deles diziam ter assistido) portanto, fiz a opção por *Germinal*, (filme baseado na obra homônima de Emile

Zola,) e a Revolução dos Bichos<sup>53</sup>, (baseado no Best Seller de George Orwell). O primeiro caiu muito no gosto de todos. O drama dos personagens, a veracidade dos fatos, o romance dos personagens entre as galerias das minas. Enfim, a reação dos mineiros que provocou em boa parte dos assistentes algumas reações de exaltação. Os demais permaneceram apáticos. É assim que as coisas funcionam, mas esta apatia não passou sem uma boa discussão em grupo.

Neste grupo eu entendi que era preciso buscar o jeito melhor dos leitores entenderem o texto.

E foi no Ciclo Cinco com HQ, que me surpreendi, com uma fala de uma cursista: “Já acabei de ler o livro, fácil, fácil, não tem mais nada pra fazer nestes dois meses”, e eu sabendo que a leitura não teria dado cabo das suas dúvidas pedi que ela apresentasse no próximo encontro uma resenha sobre a transição do Capitalismo para o Socialismo, da forma que ela entendeu, não precisava portanto, redigir um texto, apenas explicar,apresentar; e ela respondeu – “oxe, e tem isso no livro?”. Sem mais delongas chegamos a conclusão de que nós só estávamos começando. Não houve argumento desfavorável.

Foi a partir deste fato que concluímos que os cursistas entenderam que precisava entender como a riqueza surgiu no mundo, e por que estamos tão separados socialmente. Não poderíamos viver como nas cenas dos filmes narradas por Huberman, Foi algo que me chamou a atenção, e inclusive, as coloquei em Slide, como introdução do livro que iríamos ler, para que pudéssemos conversar sobre o que ele astutamente descreve:

“Os diretores dos filmes antigos costumavam fazer coisas estranhas. Uma das mais curiosas era seu hábito de mostrar as pessoas andando de carro, depois descerem atabalhoadamente e se afastarem sem pagar o motorista. Rodavam por toda a cidade, divertiam-se ou se dirigiam a seus negócios, e isso era tudo. Sem ser preciso pagar nada.

---

<sup>53</sup> “A revolução dos bichos” é um texto que, a princípio, parece visionário, mas, em poucos capítulos, identificamos os acontecimentos históricos na sátira elaborada pelo grande escritor. George Orwell conseguiu interpretar a realidade com lucidez e quis alardear suas percepções sobre os movimentos sociais, o poder e os indivíduos.

Assemelhavam-se em muito à maioria dos livros da Idade Média, que por páginas e páginas, falavam de vestidos alegres em torneios e jogos. Sempre viviam em castelos esplêndidos, com fartura de comida e bebida. Poucos indícios há de que alguém devia produzir todas essas coisas, que realmente crescem, têm que ser plantados e de ser cuidados. Mas assim é. E tal como é necessário pagar por uma corrida de táxi assim, alguém nos séculos X e XII, tinha que pagar pelas diversões e coisas boas que os cavaleiros e damas desfrutavam. Também alguém tinha que fornecer alimentação e vestuário para os clérigos e padres que pregavam e cavaleiros que lutavam. (...)” ( Huberman, 1986, p. 2)

Da leitura do texto para discutirmos a proposta do livro “Capitalismo para principiantes” foi um bom pretexto, no sentido íntegro da palavra.

Era esta a história que o livro de HQ, iria apresentar mesclada a uma acirrada sátira envolvendo os acontecimentos históricos, desde o escravagismo até os dias atuais.

Mas o livro não para por aí, adentra pelas questões Marxistas de forma que simplifica os conceitos da Teoria da mais valia, da Ditadura do Proletariado, a venda da força de trabalho, etc. Lembrando que, a proposta do HQ é normalmente traduzida em pequenos textos nos balões, mas com uma profundidade de uma mensagem que se mescla com a imagem, de forma que, demanda uma maior percepção do leitor, para um melhor entendimento. Uma boa lembrança:





A compreensão destas questões também foram bastante superficiais, faltava tempo e fôlego. Mesmo assim, ao finalizar a leitura, montamos uma bem intencionada peça que tentava abordar estas questões. Foi bem básica, sem muitas informações teóricas e, portanto, por este motivo alvo de críticas por parte de outros orientadores, perfeitamente normal. Contudo, como orientadora do grupo, reconheço que foi o momento que senti a maior participação de todos os componentes. Dei-me por satisfeita, o público também e o grupo idem.

A peça é provocativa e como o livro traz a sátira, como um elemento forte. Apresentamos uma família de classe média: (...) a mãe detesta política, o pai tem medo de perder o emprego público e a filha era uma militante do movimento estudantil.

Os outros personagens, surgem como agitadores, gritando palavras de ordem, deflagram uma greve, etc. Neste rebuliço todo, existe um programa de rádio

“não censurado” que apresenta lições políticas para o povo. Foi nesta provocação que surgiu a *teoria da mais valia*, de forma bem simplória, fora isto, era aquela História “*O povo unido jamais será vencido*”.

Assim é que tentamos, usando dos argumentos do livro evitar a triste figura do Analfabeto Político, bem traduzido no poema de Bertolt Brecht<sup>54</sup>, que levei para analisarmos e todos “pareceram”<sup>55</sup> concordar que esta posição de se esquivar das questões que envolvem participação, opinião, criticidade, é uma posição cômoda que não ajuda a melhorar as relações sociais e piora as desigualdades..

"O pior analfabeto é o analfabeto político.  
 Ele não ouve, não fala, nem participa dos  
 acontecimentos políticos.  
 Ele não sabe que o custo de vida, o preço do  
 feijão,  
 do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do  
 remédio  
 dependem das decisões políticas.  
 O analfabeto político é tão burro que se orgulha e  
 estufa o peito dizendo que odeia  
 a política. Não sabe o imbecil que da sua  
 ignorância política nasce a prostituta,  
 o menor abandonado, e o pior de todos os  
 bandidos que é o político vigarista,  
 pilantra, o corrupto e lacaios dos exploradores do  
 povo."

Acredito que, de todos os livros trabalhados nos ciclos anteriores, este tenha perdido um pouco do efeito *magia* que assegurava a participação de forma

---

<sup>54</sup> Eugen Berthold Friedrich Brecht é um dos autores alemães mais importantes do século XX, especialmente nas suas facetas de dramaturgo e de poeta. De formação marxista, Bertolt Brecht (seu nome artístico) dava grande importância à dimensão pedagógica das suas obras de teatro: contrário à passividade do espectador, sua intenção era formar e estimular o pensamento crítico do público.

<sup>55</sup> Existia uma apatia forte em alguns componentes do grupo. Conversava com os mesmos isoladamente, tentava puxar para o centro da discussão, mas achava que esta minha atitude, em alguns momentos os afugentavam.

mais entusiasmada. Faltava esta *entrega* à leitura por parte do leitor-cursista. O livro era interessante, trazia uma proposta de interesse geral, mas não conquistou pelas vias incertas que só a literatura o diz, mas não explica.

Na contramão do que sinalizo, a avaliação final apresenta um resultado de 90% dos integrantes como um bom nível de aceitação, os professores-cursistas diziam que “valeu a pena”, mas eu sentia onde estava o valor da “pena”, principalmente quando comparava com as situações vivenciadas anteriormente.

**6.6 - 1808 – Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil.<sup>56</sup>**



*Ó mar salgado, quanto do  
teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos,  
Quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão  
rezaram!  
Quantas noivas ficaram por  
casar  
Para que fosses nosso, ó mar!  
Fernando Pessoa  
(Mar Português)*

O longo título da obra de Laurentino Gomes anuncia a saga da Família Real portuguesa no início do século XIX, e apresentado em linguagem clara e objetiva os fatos que marcaram este período e como deu se a instalação da corte na cidade do Rio de Janeiro.

Formávamos um grupo pequeno, com apenas oito pessoas. A leitura fluiu mais rápida e as oportunidades de discussão forma ampliadas.

O livro foi lançado na ocasião em que estávamos comemorando os duzentos anos da chegada da Família Real ao Brasil, em 1808. A imprensa teve novidade o ano todo: Réplica da Nau de D. João VI, chegando ao Porto da Barra em Salvador, teatro no Rio encenando a chegada da Família Real no Rio de Janeiro, e muitas revistas segmentadas apresentando textos inéditos, bem

<sup>56</sup> Segunda turma , Ciclo Um – 2008-2.

ilustrados com as mais diversas curiosidades da travessia da corte, da chegada da família, e as mudanças na futura capital do país.

No primeiro momento, percebe-se a reação do grupo ao “livro grosso”. Em tom de brincadeira, disse pra eles que, “quem precisa fazer dieta, somos nós, e não os livros”.

Começamos a nossa aventura de travessia de Portugal para o Brasil ouvindo um bom fado enquanto pesquisávamos um mapa. Sentamos no chão, mapa aberto, e fomos procurando as cidades e locais que iríamos “conhecer” através da leitura do 1808.

Após esta investida cartográfica, fiz uma pequena sabatina sobre o que já sabiam do assunto. Afinal, a mídia estava massificando a comemoração dos “200 anos” e era bem provável que eles tivessem algumas informações. Os chamados “conhecimentos prévios” surgiram, muito timidamente através de dois cursistas. Já foi animador.

Ainda sem abrir o livro, conhecemos o autor, as informações sobre a criação do texto, o pano de fundo histórico, que vocabulário iríamos vivenciar, e com estes elementos já criamos um clima propício para encarar o “livro grosso”.

Esta idéia que foi criada em torno do livro, chegou a afastar os cursistas da inscrição no GELIT, como eles próprios relataram posteriormente;

A Biblioteca Municipal já dispunham de alguns exemplares e eles constataram a sua dimensão de forma táctil, então resolveram não se cadastrar no grupo. Rita de Cássia Araújo, uma das componentes fala sobre esta questão, desvendando o mistério do livro, que para o grupo deixou de ser um temor: “A metodologia aplicada caiu feito luva, fomos designados a fazer a leitura aos poucos, à medida que fomos tomando gosto pelo livro, foi aumentando o número de capítulos a serem lidos, sem sacrifícios, abolindo assim o mito do livro grosso”.

Começamos a leitura dos três primeiros capítulos. A linguagem de um jornalista que envereda pelo caminho da História é mais leve, fluida, e não tem o ranço que os historiadores às vezes, carregam nas palavras, nas páginas, como se a poeira do tempo pairasse sobre elas. Laurentino Gomes consegue trazer um personagem real para a o plano ficcional. Foi assim que nós vimos o “arquivista

real”. A história de um homem comum dentro da Grande História. Esta novidade gerou discussões sobre pessoas que eles conhecem que, segundo um dos cursistas, se fosse “reparar (sic) bem, aqui em Irecê, na nossa História tem gente como este arquivista, é o professor Valdinho, e tem mais outros”.

Estávamos avançando de uma forma mais rápida do que eu poderia imaginar; Todos os encontros começavam pegando o fio da meada, o que tínhamos visto anteriormente, e isto era feito em mosaico, um lembra aqui, outro lembra acolá, e vai-se completando o trabalho. Sentia que duas cursistas tinham dificuldades para acompanhar a fala dos demais, e pedi que anotasse em casa, as perguntas que gostariam de realizar ao grupo.

Com isso criamos uma estratégia que se estendeu a todos. Tinha uma caixa, onde se depositava vários questionamentos dos capítulos lidos. Começávamos a nossa tertúlia, retirando os papéis de forma aleatória e quem quisesse respondia.

Às vezes, sorriamos muito, pelo fato de que quem formulou a pergunta, não concordava com a explicação e usava a expressão “não foi bem assim não...”, mas era justamente neste ajuste de *contos*, que a conversa rendia, as controvérsias, a interpretação de cada um. O texto nem favorecia tanto às chamadas divergências, mas quando se trata de interpretar é mais do que certo de que as pessoas vão pensar diferente.

Os personagens marcantes da História não poderiam ser outros. O próprio D. João VI, e a Princesa Carlota Joaquina, a princesa dos trópicos. O autor do livro traz uma boa opinião a este respeito: “Esses personagens podem ser caricatos, mas isso é algo que se poderia dizer de todos os governantes que os seguiram, inclusive, alguns muitos atuais”.

Enfim, estavam todos ansiosos para assistirem ao filme, “Carlota Joaquina a Princesa dos Trópicos”; Consegui segurar um pouco mais, e neste ínterim, apresentei vários textos de revistas segmentadas e outras que traziam informes sobre o perfil dos personagens acima referidos. Interessava também ampliar as informações sobre o cenário sócio – político da época, antecedendo as impressões que o filme iria projetar.

Foi interessante, pois encontraram pontos de vista diferenciados a respeito de D. João VI, que não aparecia somente como um devorador de coxinhas, medroso, traído, etc. O mesmo se referia a Carlota, que não corre o risco de ficar com a fama de ninfomaniaca, mas como uma mulher inteligente, que intervém nos assuntos de estado, e, é claro, tinha hábitos arrojados para a sua época.

O livro prometia muitas discussões que envolvia o processo de Independência que é acelerado com a chegada da Família Real. As atitudes políticas de D. João VI, o comportamento do mesmo ao sair de Portugal, fuga ou estratégia? Desobediência a Napoleão ou submissão aos ingleses?. Questões como estas eram levadas para o debate, precisávamos ler interrogando. As investidas neste campo garantiam uma participação crítica. Mas nem sempre, todos se envolviam com a leitura, apesar de ser um grupo de oito pessoas.

Uma das cursistas, Rita Cássia Araújo, deixou um registro no seu Diário, que complementa a questão da leitura, como ocorria.

1808, não é um livro de fácil compreensão, requer uma série de conhecimento histórico, a orientadora foi nos dando este suporte a cada encontro, simplesmente babava diante das suas aulas de história, embora isso envolvesse mais leituras em revista, mapas e imagens. Embarcamos nessa viagem, uma folha a mais ou a menos, não faria a menor diferença. Importante mesmo era entender.

(ARAÚJO, 2008, p. 7)

Ressalto que a referida cursista, já tinha uma vivência literária bem avançada em relação ao restante do grupo. Na habitual entrevista de início de ciclo, ela apresentou as obras que já tinha lido: Casa Grande e Senzala, Viva o Povo Brasileiro, e o Povo Brasileiro. Foi uma ótima aliada nas puxadas das discussões. Outros ainda estavam presos aos livros didáticos, diziam que não tinha tempo, mas todos, sem exceção admitiram que o livro que mais leem é a Bíblia.

As revelações sobre os hábitos dos portugueses, e dos que viviam aqui no Brasil atraía a atenção do grupo de maneira especial, pois a vida no cotidiano,

atrai bastante as pessoas. Um artigo da revista Superinteressante que apresentava as ruas do Rio no período que a Corte esteve instalada no Brasil, foi disparada-mente, o mais provocativo. Principalmente sobre os hábitos de higiene. Melhor dizendo, a falta de higiene.

Não deixamos de ouvir músicas que permitissem articular discussões com o texto. Novamente usei Fado Tropical, usando a mesma dinâmica que trabalhei em Raízes do Brasil. Eles fizeram a identificação do que era luso, e do que era tropical. Para ampliar a sondagem da música portuguesa apresentei outros fados, músicas do folclore de Portugal, e imagens das ruas antigas de Portugal, Oportunamente, apresentei em seguida, o centro Histórico de Salvador, de Recife, as ruas de Olinda, etc. A ideia era a percepção arquitetônica, ver as semelhanças e viajar pelas imagens do mundo virtual.

É chegado o esperado dia da exibição do filme. Ninguém ainda tinha assistido. As meninas, apesar de ficarem envergonhadas com algumas cenas, deram boas risadas com as peripécias de Carlota. O grupo só tinha um homem, o cursista Gervásio. Ao término do filme, partimos para os comentários, as impressões, as coincidências com o livro, os exageros, e a velha pergunta, D. Pedro era filho de quem? É válido lembrar que eles sabiam o destino dos personagens, pois já estávamos finalizando a leitura do livro. Parece-me que gostaram.

Encerramos o nosso GELIT, com uma festa temática. Fiz questão de fazer uma bacalhoadada, com bastante azeite, pão em rodelas, um vinho que não era do Porto, mas parecia “um vinho verde”, e como pano de fundo, samba e fados. Para o seminário, realizamos uma apresentação que denominamos “A História na mesa”. O grupo entra arrumando a mesa, já em cena, colocando biscoitos, chá, café, os livros, anotações, mapas, enquanto iniciam uma boa conversa que é a história do livro. Carlota Joaquina e o Cônego são os convidados especiais que dariam um certo ar de humor aos comentários que eles trocam entre si, resumindo o que leram ao mesmo tempo em que convidam a plenária a se interessarem pela leitura. Finalizaram declamando, Mar Português, de Fernando Pessoa.



#### 4. 6 – OS CEM MELHORES CONTOS BRASILEIROS DO SÉCULO.



**Um dos principais motivos da criação artística é certamente a necessidade de nos sentirmos essenciais em relação ao mundo.**

**Jean-Paul Sartre.**

Não me lembro de nada tão saboroso, tão prazeroso quanto o trabalho que desenvolvemos no GELIT, dos Cem Melhores Contos Brasileiros do Século XX. (MARICONI, 2008)

Obra organizada por Ítalo Moriconi. Logo na introdução o autor diz do desafio que foi para ele, realizar o presente projeto de escolher os melhores cem contos do século 20 e diz do esforço e da perspicácia que a ação envolvia na escolha dos contos. Gostei deste momento inicial, em que ele preocupa-se com o conceito de qualidade e que esta preocupação era mesmo, fazer uma escolha que evitasse as polêmicas doutrinárias da Academia e partir para uma escolha que atingisse o leitor normal, mas deixa claro que :“Sabemos muito bem que existe o bom e o ruim , o perfeito e o ridículo, o eterno e o anacrônico . Sabemos bem que é preciso separar o joio e o trigo” ( MORICONI, 2001, p. 11). Com certeza esta tarefa ele deixou para o leitor, e nós iniciamos esta aventura literária, brincando de escolher. E assim fomos tocando em frente.

O grupo era formado por apenas nove componentes que a princípio se assustaram com a espessura do volume do livro. Pesaram nas próprias mãos o que poderia ser a leitura de uma obra tão extensa em apenas um Ciclo, ou um semestre.

Esta lamúria, eu já conhecia de “outros carnavais”. Por falar em livro “pesando nas mãos” nosso primeiro contato tátil com a obra, foi um exercício de explorar a capa do livro que trazia nada mais, nada menos os nomes dos autores dos contos. Então? Estava posta a tarefa, vamos identificar os autores conhecidos? Que obra escreveu? Quem leu algo de algum deles? O que lembra do que leu? E nesta indagação começamos a nos familiarizar com o pesado volume amarelo. A tarefa para casa, era pesquisar as diferença de gênero textual entre contos e crônicas.

O interessante é que a atividade prevista no Ciclo Dois/ GELIT, era a leitura das Melhores Crônicas do Século, uma atividade que viria somar a já articulada com a professora Ruthides prevista para este Ciclo; por um erro de interpretação a pessoa que compra os livros, solicitou a obra de Mariconi, trocando portanto, Crônicas por Contos. No final das contas, os professores-cursistas tiveram a oportunidade de conhecer os dois gêneros textuais.

Foi uma pesquisa que gerou uma discussão muito significativa; ressaltando que parte deles tinha participado da atividade com a professora Ruthildes, e que trabalharam o gênero textual – crônicas -. Esta atividade foi muito profícua para a tarefa que tínhamos em frente. Primeiro, pelo fato de ficarem encantados com a forma da professora ler. Diziam que “tudo ficava bem entendido e bonito na voz da professora Ruthildes”. Este comentário e outros mais proliferaram de forma benéfica, diante dos objetivos do grupo; A partir deste gancho, a discussão desdobrou-se no ato de ler, na posição de quem escuta, e finalmente o que era o conto, já que manifestavam certo conhecimento sobre as crônicas.

Ainda no primeiro encontro, usei uma estratégia para conhecer os autores, através de um jogo que os mesmos foram presenteados por sugestivos marcadores de livro que traziam as características de cada autor e a medida que acertavam , já ficavam com o conto que deveria ser lido e contado para todos.

O jogo aqueceu a roda da leitura. O temor com o volume do livro se esvaiu para uma preocupação menor, que seria ler o seu conto e conta-lo da forma que quisesse para todo grupo. A preocupação com avaliação é muito presente nestas situações e eu tratei de desmistificar esta idéia oferecendo outras formas de avaliar: ou seja, o comentário direto, do que se percebia da leitura e

do entendimento do texto que o(a) cursista tinha apresentado; O grupo também se envolvia nestes comentários , inclusive fazendo autocrítica. Foi uma ação eficiente.

Importava conhecer historicamente as décadas em que os contos estavam organizados. Ver um pouco do Brasil cultural, dos costumes, e, embalados nestas propostas, iniciamos o nosso segundo encontro com um painel musical que trazia interpretes do final do século 19 ( associamos Carlos Gomes a Machado de Assis só pra começar...) e adentramos no século XX, logo nos primórdios, conhecendo Cartola, Adoniran Barbosa, Pixinguinha, Chiquinha Gonzaga, etc. Os cursistas se surpreendiam com as melodias, que para a maioria eram desconhecidas, e apuravam os ouvidos para apreciar a poesia dos velhos sambistas. E assim a noite se desenrolava morna, atraente, com a música pontuando os contos e a narração ainda tímida, muito tímida, presa ao texto, ia se manifestando: O bebê de Tarlatana rosa, (João do Rio), A caolha, (Júlia Lopes de Almeida), Galinha Cega, (João Alphonsus), Baleia ( Graciliano Ramos), entre outros.

Na segunda parte do livro, Anos 40 e 50. Mais música, mais história. Agora já com a maior participação dos cursistas que faziam pesquisas do contexto e, na roda, se socorriam entre eles. Os fatos históricos eram contados como se compõe uma colcha de retalhos; cada qual com a sua parte ia “costurando” o tempo histórico. Eu fazia alguns esclarecimentos e íamos em frente.

Neste período, comecei a trabalhar com os mesmos a fala de quem narra um conto, uma história, uma crônica. Lembrando que é preciso enfatizar as palavras, fazer gestos, mudar a entonação da voz, e principalmente ler pontuando.

Percebi que os cursistas, pelo fato de não ter o hábito de leitura, leem muito mal. Tropeçam nas palavras de forma mais habitual que o permitido. Era um quadro que precisava ser revertido. Não era uma regra, tínhamos três ou quatro que liam de forma agradável de ouvir, nos rendíamos à escuta. Conversamos sobre esta questão em grupo e todos consideraram que a leitura com interpretação atrai o ouvinte. E eles (as) têm sempre ouvintes no seu

entorno. As crianças, os adolescentes, os adultos do EJA, etc. Portanto, nos convencemos que era preciso reverter o quadro.

Nos encontros que se seguiram passei a usar estratégias que facilitassem aos mesmos memorizar os contos para narrar-los em grupo. Foi muito eficaz.

A primeira técnica consistia em levar palavras associadas a todos os textos; Era um trabalho e tanto. Escrever na cartolina as referidas palavras que estavam nos contextos dos textos. Após esta tarefa, o segundo passo consistia em espalhar pelo chão de forma desorganizada todas as palavras e eles iam pescando àquelas que integravam o conto que leram. De posse das palavras, eles organizavam na ordem que elas surgiam no texto e após alguns minutos para arrumar as idéias, um a um começava a narrar sobre o que leram tendo como apoio as palavras para “avivar” a memória. A “contação”, melhorou substancialmente. Ficaram mais soltos, e como eles próprios comentavam, aprenderam uma estratégia de apresentação de texto que também poderiam usar com as crianças. Uma boa constatação desta atividade, está nas palavras do cursista José Nildo, que nos lembra que:

“Todos os cursistas inscritos nesta atividade, 2209, adquiriram técnicas para contar histórias, para toda a turma, sendo essa uma dinâmica proposta pela nossa orientadora de GELIT, a professora Rúbia Margareth. No início, ficamos um pouco inibidos, mas com as estratégias usadas pela orientadora, nos deixou mais a vontade, sentindo-nos mais seguros em recontar cada vez melhor as histórias lidas e apresentadas. Considero que tive um crescimento produtivo com essa atividade, refletindo em minha prática de sala de aula, pois antes não olhava para a leitura do professor com a importância que vejo hoje”.

( SANTANA, 2009, p. 3)

E fomos avançando pelas ruelas dos contos. Chegamos aos anos 60, e como já vínhamos fazendo, ouvimos umas músicas desta década, e os contos, embalados, pelas vozes de Cely Campelo, Beatles e Nara Leão foram

invadindo a sala na voz entrecortada dos professores que se esmeravam a cada dia a contar e interpretar o que liam.

Esta questão da interpretação, no GELIT dos “Contos” assumiu uma dimensão que não era pensada antes. Acredito que para formar leitores-cursistas criativos e autônomos é imprescindível utilizar de uma gama de “estratégias”, para subsidiar a leitura literária, não só a que ele está realizando, mas a que vai desenvolver posteriormente com os seus alunos.

Continuamos com estratégias de leitura que partiam de um esquema feito no caderno, sempre listando palavras e personagens e assim como ações e adjetivos aos nomes, usávamos esta atividade na estratégia da apresentação dos contos na roda da apresentação e os cursistas sentiam-se bem à vontade para apresentar com mais desenvoltura.

Resolvemos fazer uma investigação na vida dos autores das obras. Em um universo de 100 autores e autoras, eu sugeri que eles escolhessem os que, por um motivo ou por outro, chamassem mais a atenção deles. Feitas as escolhas, partiram para pesquisa. Biografia, Bibliografia, fotos na WEB, este era o material que precisávamos para montar o conteúdo, porém, importa informar a displicência de alguns que não agendam as atividades, esquecem o material e na hora da prática, acabam atrasando o desempenho do grupo;

A idéia foi montar um painel plástico alinear, que difere do livro .(as obras foram apresentadas pela ordem cronológica) no painel, um rolo de papel metro que ia crescendo horizontalmente, eles iam desenhando , fazendo colagens, apresentando o autor da forma que mais lhe conviessem. A ideia, era que após o término do painel, nós pudéssemos conhecer mais o autor, além de alertar para a ideia de que não podemos ler, ou assistir a um filme sem conhecer a biografia mínima do autor.

Dito e certo. Ficaram fascinados pela história de Clarice Lispector, a sua origem, os seus sentimentos mais profundos, a depressão que a acompanhou durante fases da sua vida. O mesmo ocorreu com Graciliano Ramos, o alagoano, funcionário público correto, famoso pelos ofícios bem redigidos, quase que literários, a implicação política; daí Memórias do Cárcere, assim fomos tecendo esta rede com Fernando Sabino, Lígia Fagundes Teles, Érico Veríssimo e novos conhecimentos que foram construídos, concretamente, com cola, tesoura, palavras, tinta, lápis de cera, e, principalmente, informações. Rita

Cássia trouxe uma extensa biografia de Rachel de Queiroz, e fez questão de justificar esta sua investigação no Diário de Ciclo Um da segunda turma. Segundo ela:

“O conto *Tangerine Girl* foi escrito no final da década de 40 por Raquel de Queiroz, nesse período a autora morava no Rio de Janeiro e tornou-se jornalista/cronista exclusiva da revista *O Correio*. No mesmo ano que ela escreveu esse conto, seu morreu, 1948.

Nesta mesma década, Rachel de Queiroz se afasta da esquerda ao se decepcionar com a notícia de que uma picareta de quebrar gelo, por ordem de Stalin, havia esmigalhado o crânio de Trotski o mundo estava em guerra, II Guerra Mundial. Na década anterior ela ajudou a fundar o PC cearense, em sua terra natal. Logo depois, em 1932, seu segundo Romance – *João Miguel* – é barrado pelo partido comunista, pois no livro um operário mata outro, ela rompe com o partido alegando que o mesmo não tinha autoridade para julgá-la. Em 1937 seus livros tinham sido queimados em Salvador - BA, juntamente com os de Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, sob a acusação de ser subversivos, isso aconteceu sob o decreto do Estado Novo. Faço essa retomada histórica para compreendermos como o cenário político compõe o ser Raquel de Queiroz e seus escritos “. (ARAÚJO, 2009, p. 5)

E o Ciclo avançava, o livro avançava e os professores cursistas diziam a cada dia que estavam superando a timidez, criando coragem para contar e com mais ânimo para ler, Interpretação agora fazia parte de uma seqüência, entender, seduzir, divertir e emocionar.

Nas nossas investidas, já não valia mais contar sentados; A ordem era levantar, mexer os braços, fazer o corpo entrar em sintonia com a estória. Foi um desassossego. Alguns me diziam, “não consigo”, “eu não posso”, “eu não vou”,... Mas todos, um a um foram superando, e já contavam os contos na escola para as crianças e adolescentes. Ficou muito claro que divertindo, a contação de contos desperta o interesse pela leitura e estimula a imaginação através da construção de imagens interiores. Era o máximo.

Só lembrando que estávamos nos aproximando de uma ação que é parente dos contos, a *Contação de Histórias*. Veja o que diz o Grupo Morandubeté, Contadores de Histórias: “Contar histórias é revelar segredos, é seduzir o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar... pelo livro... pela história... pela leitura. E tem gente que ainda duvida disso.” (MANDUBETÁ- pela internet) A maneira de contar um conto varia de acordo com o perfil de quem a escuta. O grupo se adequa aos espectadores, variando a forma das apresentações.

Já tínhamos em mente, fazer deste GELIT uma atividade sistematizada em parceria com o Projeto Permanecer, coordenado pela professora Inez Carvalho, e que funciona na FAGED – UFBA, com bolsistas do curso de Pedagogia. Em contato com a professora Inez, foi programada a vinda das bolsistas do **Grupo Permanecer**, Renata Carvalho, Daniela e Fernanda Hora, que participaram de uma atividade junto com os (as) curistas, que consistia em apresentar nas escolas um conto, do mesmo livro, junto aos mesmos.

Foi uma atividade muito saborosa, que nos proporcionou um dia movimentado, visto que iríamos ter a oportunidade de visitarmos as escolas onde professores cursistas trabalhavam; reconhecer os seus espaços de trabalho, a sala de aula, os alunos, os colegas, considerando que alguns também era do curso, mas não estavam no GELIT.

Começamos com a escola de Itapicuru, na qual a cursista Maria Leide, apresentou o conto “*Baleia*” (Graciliano Ramos) simultaneamente, na Escola São Pedro, a cursista Gildete apresentava o *Peru de Natal* (Mário de Andrade) enquanto a bolsista fazia a leitura do conto “*Por um pé de feijão*” (Antonio Torres) e na Escola Nossa Infância Marileide, contou *Gaetaninho* (Alcântara Machado) .

À tarde, fomos para Angical, outra escola da zona rural e lá nos deliciamos, em uma sala de adolescentes que contribuíram de forma admirável para a apresentação do conto *Tangerine Girl* (Rachel de Queiroz), contado pela professora Rita Cássia; seguimos para a Duque de Caxias e a professora Jalcineide contou, *Uma galinha* (Clarice Lispector) e as meninas do Permanecer contaram nas duas escolas, *Por um pé de feijão* (Antonio Torres) e *Dois corpos que caem* (João Silvério Trevisan), finalmente rumamos para a

Escola Paraíso, e os dois cursistas, José Nildo e Nubianeí, apresentaram com recursos cênicos e o esquema de narração no quadro, o conto, Galinha Cega ( João Alphonsus) e enquanto uma das bolsistas do Permanecer apresentou *Por um pé de feijão*. Segundo Daniela, uma das bolsistas, elas fizeram a opção por este conto, pelo fato de estar relacionado ao contexto da nossa região.

Interessante é que, o público, mesmo com a mudança da dinâmica, permaneceu com a mesma expectativa, concentrado, envolvido, tanto no primeiro conto, que utilizou-se de outros recursos como no segundo que a apresentadora apenas usou o texto e fez uma boa leitura, com entonação de voz, pontuação e emoção. Foi uma atividade eficiente, considerando que a faixa etária, era entre 8 e 9 anos.

Em quase todos os grupos os contadores cursistas, prepararam figurino, convidaram outros professores para figurantes e até as crianças também eram personagens: aos cursistas ficava a tarefa de conduzir o conto de apresentar as ações que davam vida aos personagens.

Mas a história dos contos não acabou por aqui... Apenas foi iniciada. No mesmo dia à noite, reunimos o GELIT para a avaliação final do que ocorreu, e as bolsistas do Projeto Permanecer, não só avaliaram, como fizeram uma boa apresentação do que é o gênero textual – conto – reforçando o que já tínhamos estudado, o que facilitou a discussão. Trocamos idéias e, finalmente elas apresentaram, ou melhor, recontaram, *Os dois corpos que caem*, já utilizando recursos midiáticos.

Foi uma ação necessária no Curso e no GELIT. As escolas trabalham com a contação de História, mas como os/as cursistas mesmas dizem, precisam apimentar a história, e não podemos encerrar esta ação, com a idéia de que só uma ou duas podem fazer isto por que fazem melhor, é preciso lembrar que dentre vários efeitos positivos, que a contação de História pode desenvolver, destaca-se o incentivo à leitura:

“As vozes dos poetas se confundem na minha lembrança com as dos que me fizeram primeiro conhecê-los (...).Durante todo tempo em que, crianças, tínhamos dificuldades de ler sozinhos, ela (contadora de histórias) cultivava o hábito de ler para nós.” (Klaus Mann).



Sem dúvida, têm pessoas que apresentam com habilidade, mas todos podem e devem desenvolver habilidades para qualificar esta atividade que traduz na adesão de novos leitores que serão os leitores do futuro.

O GELIT continuou a sua trajetória; já em fase de encerramento, decidimos que no seminário que finaliza o Ciclo, apresentaríamos os contos na plenária. Como de costume, cada um escolheu o seu.

Não houve ensaios coletivos, eles acharam que dariam conta desta tarefa sozinha, eu fiquei de fazer a seleção musical que daria o pano de fundo para os contos, pois assim foi o nosso percurso. Apresentei as músicas, ao grupo, mudamos umas duas, e, tudo ajustado. E de forma muito simples, eles próprios montaram os figurinos, (inclusive o Homem Nu, de Fernando Sabino), quanto a à apresentação, decoraram algumas falas, no geral, adaptaram o texto, não conseguiriam “memorizar” na íntegra, mas as falas marcantes do conto, que dar a nuance necessária ao contexto, apareceram e deixaram a marca do autor. Foram bem sucedidos, e por este sucesso na empreitada de contistas, foram apresentar na abertura do Seminário de Tapiramutá<sup>57</sup>. Foi um incentivo muito grande. Eles voltaram com a auto-estima em alta. Bom, que continuem lendo.

---

<sup>57</sup> No Município de Tapiramutá, deu-se início em 2008, a parceria com a Prefeitura UFBA/FACED, onde se desenvolve a mesma proposta de Formação de Professores / Curso de Pedagogia integrando a equipe do Projeto Irecê.

#### 4.7 – ODISSÉIA.<sup>58</sup>



Quando partires de regresso à Ítaca,  
Deves orar por uma viagem longa.  
Plenas de aventuras e de experiências.  
Ciclopes, Lestrogônios e mais monstros.  
Um Poseidôn irado - não os temas,  
Jamais encontrarás tais coisas no caminho,  
Se o teu pensar for puro, e se um sentir  
sublime.

Teu corpo toca e o espírito te habita.  
Ciclopes, Lestrogônios e mais monstros.  
Poseidôn em fúria – nunca encontrarás,  
Se não é na tua alma que os transportes,  
Ou ela não os erguer perante a ti.

**Tradução de Constantin Cavafis, 1991.**

Quantas Odisséias contém a Odisséia? Esta mesma pergunta que Calvino faz no início do capítulo que reflete sobre o clássico de Homero, trago para a minha reflexão com a leitura do GELIT – Odisséia<sup>59</sup>, na segunda turma que se iniciou em agosto de 2009.

Formamos um grupo de vinte e duas pessoas. Contando comigo e a colega Veridiana, que trabalha na Secretaria Acadêmica e nos acompanha nos trabalhos. A grande aventura começou quando apresentamos a obra.

Primeiro o espaço, a exuberante Grécia, com o mediterrâneo “azulando” tudo, e as inúmeras ilhas salpicando o mar. Foi um deleite à parte.

Os olhos vibraram com belezas naturais, o antigo e o moderno. A bela arquitetura secular. Após este momento, fomos para o mapa. A beleza configurou-se na certeza da infinidade de ilhas, de um terreno marcado por íngremes montanhas e lá fomos nós, adentrando pela história dos mitos, do

<sup>58</sup> Segunda turma – Ciclo três, 2009-2

<sup>59</sup> Considerada uma das maiores obras da literatura, além de constituir, ao lado da *Ilíada*, obra iniciadora da literatura grega escrita, a *Odisséia*, de Homero, expressa com força e beleza a grandiosidade da remota civilização grega.

Mar Egeu, de Lesbos, de Esparta, de Atenas e chegamos à Ítaca. Ponto de Partida e ponto de chegada do nosso herói Ulisses.

Iniciamos com uma boa conversa com a apresentação sobre os MITOS. Mitologia Grega por si só já é uma obra literária, uma soma de histórias que aliam o prazer estético com ensinamentos morais. Ressalvando aqui o que Foucault diz a este respeito:

“Não é tão evidente que Dantes, Cervantes, ou Eurípedes, sejam literatura. Certamente pertencem a ela, mas graças a uma relação que só a nós diz respeito: fazem parte da nossa literatura, não da deles, pela simples razão que a literatura grega e a latina não existem. Em outras palavras, se a relação da obra de Eurípedes com a nossa linguagem é efetivamente literatura, sua relação com a linguagem grega certamente não o era.” (MACHADO, apud FOUCAULT, 2005, p. 139)

As considerações do grande pensador, não podem passar despercebidas, porém, há um número considerável de estudiosos da literatura, que confirmam a ideia de tanto a *Ilíada* como *Odisséia* serem consideradas obras inaugurais da literatura clássica Universal. Quanto à autoria da obra, há controvérsias. Se bem que Foucault deixa claro que nós as fizemos *literatura*, os gregos, talvez, segundo o filósofo, as concebiam como *linguagem*.

A *Odisséia* data provavelmente do século VIII a.C., quando os gregos, depois de um longo período sem dispor de um sistema de escrita, adotaram o alfabeto fenício.

Na *Odisséia* ressoa ainda o eco da guerra de Tróia, narrada parcialmente na *Ilíada*. Enquanto a *Ilíada* é a representação da vida guerreira e da época heróica, a *Odisséia* pode ser tomada como representação da vida doméstica, entremeada de narrações de viagens e de aventuras maravilhosas.

Pela extrema perfeição de seu todo, esse poema tem encantado o homem de todas as épocas e lugares. É consenso que a *Odisséia* completa a *Ilíada* como retrato da civilização grega, e as duas juntas testemunham o gênio de Homero e estão entre os pontos mais altos atingidos pela poesia universal.

Um bom começo com o grupo literário, além da apresentação dos mitos que povoavam o Olimpo, foi a proposta de assistir ao filme *Helena de Tróia*, (a versão mais antiga do filme *Tróia*); Momento oportuno para apresentar Ulisses, e a guerra que antecede toda a História do retorno de Ulisses, a *Ilíada*, também considerada obra de Homero.

Durante a sessão, os mitos surgem de forma bem visível, o que facilitou entender a importância que os Gregos davam aos Deuses e a compreensão dos Mitos, como seres que vingam, amam, têm ciúmes, brigam e sobretudo castigam. É daí que começamos a discutir, ainda com uma visão bem distante da obra, o fato de Ulisses não haver retornado com os outros sobreviventes para sua terra natal.

Insistindo na ideia de que deveríamos conhecer um pouco mais sobre a mitologia grega, já que o livro é permeado pela presença dos mesmos, usei de uma estratégia que é a identificação dos mitos na nossa linguagem. Levei um texto do livro *Mitos Paralelos*, para que realizassem a leitura e grifassem as palavras ou termos que achassem que fossem derivados dos mitos. Um pouco do texto:

“Para dirigir na cidade, você pode precisar lidar com o caos do tráfego, enquanto escuta a popular música, “I’m your Vênus” ou pensa em comprar um tênis da Nike , ou talvez praticar uma arte marcial .Sem dúvida os pneus de seu carro são feitos de borracha vulcanizada. Na sua jornada pode passar por um museu; talvez no próximo sábado você tenha tempo em visita-lo. (...) Na Europa preparações estão sendo feitas para as Olimpíadas, enquanto diplomatas em Londres

estão discutindo, o que vai acontecer com todos aqueles mísseis Thor(...)"(BIERLEIN, 2003, p. 20)

O texto de Bierlein estende-se um pouco mais com termos ajustados ao contexto, cabendo a eles descobrir, de forma aleatória os que tinham origem mitológica. Depois de realizados os grifos, fomos vendo os acertos, as surpresas por não acharem que tal palavra derivaria dos mitos, etc.

Ainda no mesmo encontro, fizemos uma apresentação do Olimpo com a primeira e segunda geração de Zeus (O Deus dos Deuses), irmãos, e filhos com mortais, os semi-deuses. Foi uma sessão à parte. Os cursistas se deleitavam com as belas imagens dos Deuses, a descrição das suas histórias e ficavam admirados pelo fato de que os Deuses gregos tinham uma moralidade questionável, tanto quanto a dos gregos mortais. Como diz BIERLEIN "Os seres humanos rezavam para os Deuses que pareciam com eles, e que possuíam os traços demasiadamente humanos de vaidade, do ciúme, ódio, e paixão." (BIERLEIN, 2003, p.23)

No primeiro contato com o livro, o grupo lamentou por toda sorte do mundo, em pegar um livro como aquele.

Não conseguiam entender um parágrafo. Observei que eles estavam com uma versão que o tradutor não trabalhou com a prosa, ainda trazia o formato do poema épico original. A própria tradução era por demais complexa. Peguei o texto e fui lendo linha por linha, parágrafo por parágrafo e enfim, eles entenderam o primeiro momento da rapsódia I. No entanto, esta foi apenas uma arrumação inicial, a solução foi mudar de livro, alguns mandaram comprar fora, outros acharam em Biblioteca particular e assim fomos resolvendo a nossa primeira aventura com Ulisses.

Conhecer a saga de Odisseu está sendo uma tarefa bastante atraente; (digo está sendo, pois no momento que estou escrevendo esta dissertação estamos em plena atividade do Grupo). A queixa da linguagem rebuscada, carregada de adjetivos que se repetem, está gradativamente recrudescendo, com a idéia de compreender o texto pelo tema que se propõe.

Voltamos a pesquisar sobre a mitologia e fizemos um jogo que possibilitou os componentes adentrarem no universo mitológico, conhecendo o parentesco dos mitos, as suas virtudes, os defeitos, os castigos impostos e os castigados. O jogo chama-se, que Mito sou eu? Como procedemos.

Veridiana distribuiu os nomes de 20 deuses. Cada qual de posse de seu papel ficou com a tarefa de pesquisar sobre o referido Deus e trazer para o próximo encontro algum acessório que combinasse com o Deus ou Deusa pesquisado, além da recomendação da leitura do capítulo (rapsódia) que eles liam em grupo de quatro. (Este é um outro procedimento que norteou todo nosso trabalho. Farei o relato posteriormente).

Voltando aos mitos, os cursistas esperavam que fossem se fantasiar, ou usar os acessórios que providenciaram e falar de si, como o Deus que pesquisaram. Auto-representando-se. Foi bem diferente, dividimos a turma em **A** e **B**.

A turma **A**, a princípio, escolheu uma pessoa que desejasse que fosse o Deus ou Deusa que recebeu no sorteio. Após esta escolha, foram orientados a moldar a postura do (a) Deus (a), transformando-a em uma estátua. ( Levei um livro que eles consultavam quanto à posição). Mantinham em segredo o nome dos Deuses e depois do museu pronto, vamos às especulações e as histórias dos Deuses (as). O mesmo fez a turma **B**.

Os encontros estavam sendo aquecidos pelas estratégias de leitura e apresentação. Usamos de várias linguagens para apresentar os capítulos que iam lendo. Inicialmente em dupla e após algum tempo em grupo. Em um deles usamos a mímica, justamente, os capítulos em que Ulisses se envolve com os Ciclopes, com Circe, a nau dos mortos, etc. Foi muito atraente; a interpretação fluía de forma não imaginada. O grupo que lia, fazia a leitura dos movimentos da interprete muda e o grupo que escutava, perguntava o que não foi entendido nos movimentos da intérprete, e novamente os movimentos se repetiam, os falantes esclareciam e o texto aparecia, nítido, compreensivo.

Em outro momento, ficaram com a incumbência de dar vida ao texto, “dramatizar”. Cada grupo se reunia por 20 minutos, os componentes discutiam o que leram, trocavam idéias, me chamavam para tirar alguma dúvida e partiam para a apresentação. Em um dos encontros, eles desenharam o capítulo. Fizeram mosaicos das cenas, e juntaram as peças para nos contar o

que leram e entenderam. Finalmente, começara a narrar em corrente. Alguém começa e os outros complementam seguindo a seqüência.

O interessante é que eles só são orientados para ler, anotar, procurar no dicionário palavras que sejam desconhecidas, mas não sabem o que vai acontecer no grupo. O encontro é uma caixa de Pandora, fica lá somente a Esperança e eles assumem muito bem a tarefa que lhes é destinada.

Houve momentos muito significativos que permitiram os cursistas manifestarem a sua criatividade e habilidade para interpretação. Um desses casos foi o momento em que o grupo vai contar a chegada de Ulisses à corte dos Feáceos, e uma das cursistas, Gildete, assume o papel do aedo cego que canta as peripécias de Ulisses; Ela simplesmente, com o domínio que tinha do texto, já lido e comentado em grupo, começa a cantar, sem rima, sem entonação mas de forma tão engraçada que foi preciso repetir. Porém a história que ela narra é condizente com o livro.

Lembro sempre a eles, que como Calvino comenta na obra *Por que ler os clássicos*, no capítulo “As Odisséias na Odisséia”, o livro tem ênfase na memória. Ulisses não pode esquecer o caminho que tem de percorrer. O seu retorno para Ítaca está associado à memória. O mesmo é recomendado aos cursistas: cuidado para não cair nos cantos das sereias, sigam em frente, acompanhem Ulisses, o retorno é árduo mas há uma experiência que é acrescentada à vida de Ulisses, que ele nunca será o mesmo que foi para Tróia guerrear, ele voltou mais rico, mais forte, mais sábio. Esta é uma metáfora para os tempos árdus que enfrentamos.

A ODISSÉIA continua. Talvez em outra oportunidade eu possa contar as peripécias literárias que esta obra instou a fazer. Já estou no retorno para Ítaca, e acertadamente, temendo os pretendentes de Penélope. “Para nós, sempre uma viagem, pequena ou grande sempre é uma Odisséia”.( CALVINO, 2005, p. 24)



## **5.0 - LITERARIAMENTE FALANDO**

*Chega mais perto e contempla as palavras  
cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta  
pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?*

Carlos Drummond de Andrade

Quando pensei em produzir este texto que se constitui como um mediador dos capítulos anteriores (História da Leitura, o gosto pela leitura, O tento e as coisas, etc.) e os outros que aqui anuncio, o fiz por achar que as palavras que se voltavam para a literatura no contexto de quem vivenciou, ainda estavam por vir.

Esta é uma parte do todo, que precisa ser na sua mais tímida essência, a vertente literária desta pesquisa.



Tudo que vimos e fizemos até agora está implícito, o *hálito* de leitura. Mas é chegado o momento que os autores se manifestam.

Não só falam de si, mas falam principalmente de suas relações com a literatura. A leitura nas suas vidas, a forma como encararam os textos, as reações, o que estas leituras possibilitaram nas suas vidas, na sua ação profissional, o emocional, o racional, enfim, adentrar pelas entrelinhas do GELIT.

O capítulo “Nas Entrelinhas dos Grupos de Estudos Literários” traz para a prática a estética da recepção, quando permite que o leitor apresente a sua ação interpretativa, desnuda-se diante do texto, em uma atitude pendular, ora gostando, ora achando difícil. Enfim a leitura tem uma caminhada que só pode ser contada por quem leu. A obra literária tem suas variáveis e os leitores é quem define esta variação. É a experiência estética no papel, os cursistas não pretendem dominar o conteúdo, a relação não é de domínio, mas do que se viveu o que se pensou, o que se imaginou.

O outro lado da moeda é a minha fala. **A minha existência literária.** Até começar esta pesquisa eu não achava que existia em minha vida de leituras uma história pra contar. A gente começa a ler desde a infância, e depois de certo tempo, vai lendo coisas sérias que nos modificam, nos tocam, nos transformam, e a grande maioria das pessoas talvez não percebam que esta é uma vida paralela que reúne o imaginário, o racional, o sensorial construído com as leituras de obras de pessoas dos mais longínquos locais, dos tempos mais remotos, e a gente vai se envolvendo, se reconstruindo ao ponto de acreditar que somos o que lemos, ou o que não lemos. Há ou não há, uma diferença notável entre quem lê e quem não lê? E sobre o que as pessoas leem?

A minha história com os Grupos de Estudos Literários tem um vínculo com a minha história com a leitura. Não sei se as estratégias iriam emergir, se as relações com os cursistas e a obras iriam tomar o rumo que tomaram, se eu trouxesse na minha bagagem de viajante, 30 volumes de livros em uma existência de muitos anos como alguém alfabetizada, escolarizada, e professora de História... Impossível? Não. É o mais provável entre a grande

população brasileira, que lê, mas não cultiva o hábito de leitura. Ou como bem diz Todorov, mantem-se apenas nas leituras baldias.

Portanto, não é uma lista de livros que apresento, mas quando li em que circunstâncias os livros foram fazendo parte da minha vida, a fase de ler romances, de ler poesias, de ler clássicos, de não ler, ou de ler qualquer coisa. É neste capítulo que enfatizo a minha inclusão e a minha implicação com a pesquisa. E na escrita desarrumada de ideias que querem se explicar que eu pratico a auto-reflexividade, e me encontro como pesquisadora que só deu o primeiro passo.

## 5.1- Nas Entrelinhas dos Grupos Literários



**Mas quem deverá ser o  
mestre?**

**O escritor ou o leitor?**

**Denis Diderot**

Este capítulo é um espaço dos protagonistas dos GELITS. Os leitores. A metodologia utilizada apoiou-se na leitura dos Diários de Ciclo, em um número bem representativo de dez cursistas, que participaram de mais de um GELIT, sob a minha orientação, o que potencializa as suas reflexões.

De acordo com as suas incursões na leitura, a forma como o texto chegou até os mesmos, foi possível, já nas minhas leituras, perceber o que foi o início, o meio e o final dos trabalhos que foram encerrados no o ciclo sete. Foi necessário que ao dispor do material (alguns participaram de todos os GELITS orientados por mim, na primeira turma) houvesse uma organização de primeiras sensações, o amadurecimento e enfim, já se aproximando do Ciclo Seis, a fala mais afinada de forma crítica que nem sempre era a de entendimento completo com a leitura ou os livros.

Esta coleta de falas dos cursistas não tem a pretensão única de indagar sobre a interpretação dos textos, ou se ela é necessária. Segundo LIMA, (2002, p.25) na obra A LITERATURA E O LEITOR, as pessoas...

“Sempre interpretam, e se interpretam. A verdadeira questão consiste em saber qual sua relevância. Para tornarmos mais clara a explicação, antes introduzamos um novo operador: o lugar vazio (...) estes podem ser definidos como relações não formuladas entre as várias camadas do texto e suas várias possibilidades de conexão” (LIMA, 2002, p. 25)

Um bom exemplo desta questão é o que verificamos na obra de Machado de Assis, trabalhado no Projeto Irecê, já na segunda turma. Dom Casmurro cria o lugar vazio, que é a condição de Capitu. Não há uma orientação explícita que Bentinho foi traído; Coube e caberá ao leitor avaliar e suplementar a condição que o autor deixa em aberto, cria um vazio. “O vazio exige do leitor uma participação ativa. Esta concepção se choca com o entendimento tradicional da obra literária”. (LIMA, 2002, p.25)

Em proporções mais grosseiras, no Código Da Vinci, também vivenciamos esta especulação que recai na relação de Jesus Cristo e Madalena. E Nietzsche, chorou pela qual razão? Os leitores encontraram motivos que não conseguem decifrar, isto confirma alguns dos aspectos da estética da recepção de que não existe *uma* interpretação correta.

O que se permitiu perceber é uma profusão de sensações relatadas, às vezes de forma sucinta, mas que possibilita analisar a relação que se estabeleceu nas entrelinhas das leituras processadas nas andanças dos GELITS.

E como diria Mário Quintana, “Há duas espécies de livros, uns que os leitores esgotam, e outros que esgotam os leitores”, parafraseando, eu completaria que os livros também provocam “gostos e desgostos”.

É este desgosto que tanto me afligia, pois era inevitável que um (a) leitor (a) se desencantasse às vezes de forma irremediável com a obra proposta.

Logo no Ciclo Dois, Jadilza Nunes Silva, cursista que fez Raízes do Brasil, abriu o seu diário comentando sobre literatura, de uma forma favorável aos caminhos que estavam por vir. Para jadilza:

“Literatura é arte. Arte que se utiliza da palavra como meio de expressão para de algum modo dar sentido a nossa inexistência. A nossa prática cotidiana precisa de espaço para que esta forma de manifestação artística possa nos conquistar, certamente, seremos plenos de sentido, mais enriquecidos, e mais felizes” ( SILVA, 2004, p 8)

A fala de Jadilza abre boas perspectivas, mas a leitura é que vai definir o rumo da felicidade dos leitores. Nesta direção Lucieide M. Lopes traz a questão da escolha, o que ocorria na cabeça destas pessoas quando partia para inscrever-se em um Grupo de Estudo Literário:

É sempre um dilema pra mim quando tenho que optar por alguma atividade literária, apesar de sempre ter escolhido uma só orientadora /professora, pois as opções são sempre de bom gosto e um nível literário de boa qualidade, (sic) importante para nossa formação, onde temos a oportunidade de ampliar nossos conhecimentos, aprofundando nos temas, além das informações das obras.( LOPES, 2005, p 2)

Alaíde Dourado apresenta também uma rica contribuição sobre os encontros literários, segundo ela:

“Os encontros de Estudo Literários estão sendo super importantes para o meu crescimento profissional e mais ainda pessoal. A meu ver, em todo decorrer do curso o que mais tive proveito foram os estudos literários. Não quero dizer com isso que as atividades não foram produtivas. Não é isso não! É que as outras não foram novidades na Fundação Bradesco, a nossa formação continuada foram (sic) pautadas nos temas discutidos no curso. (...)” (DOURADO, 2005, p 6)

Em *Raízes do Brasil*, por exemplo, uma cursista definiu que o livro tinha um nível de complexidade que ela não conseguia acompanhar, em outras palavras, ela dizia que a ação a frustrava e conseqüentemente a deixava infeliz. Outra leitora-cursista, Verbênia Cordeiro, também reforça esta preocupação argumentando que:

“*Raízes do Brasil*, apresentou-se inicialmente como um grande desafio, pois continha em seu conteúdo um entendimento bastante complexo, essa dificuldade começou a ser vencida, com a orientação da professora Margareth, que nos dava suporte necessário, fazia indicações de filmes, como: *Xangô de Baker Street*” (CORDEIRO, 2004, p. 7).

Esta ideia do desgostar foi uma questão que me deixou alerta em relação aos clássicos. No nosso contexto, é inverossímil, apresentar uma definição de CALVINO (1999, p.8) que diz logo na abertura da obra “Por que ler os clássicos” que os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer; “estou relendo...” e nunca “Estou lendo”. O que ouvimos constantemente é sempre a afirmação “eu nunca li”. Daí o cuidado em apresentar *Dom Quixote*, *Odisséia*, *Emílio*, *Raízes do Brasil* e até o Clássico Moderno *O Apanhador no Campo de Centeio*, no propósito que o classifica como um clássico moderno.

Entre tantas dificuldades iniciais, alguns diários denotam uma melhor relação com o livro e provavelmente, parte de cursistas que têm uma vivência com a leitura da *História do Brasil*, é o caso da cursista, Lirian Dourado França:

Além de fornecer informações e críticas à conquista do Brasil, este estudo está nos fazendo conhecer a metodologia aplicada na sala de aula que facilita a compreensão da história do Brasil. As vezes o assunto não é tão fácil, mas,

buscando melhor meio de apresentá-lo, este torna-se mais compreensível. Com os nossos alunos devemos procurar o melhor para trabalharmos. (FRANÇA, 2004, p. 10)

Portanto, concilio o meu pensamento com PINTO (2004, p13) “livro raso de leitura esquematizada não é porta de entrada para Proust, ou Cervantes, O leitor de livros baldios se acostuma a eles e dificilmente arrisca”.

Outrossim, podemos dizer que nós arriscamos, e o caminho foi este, iniciar a caminhada saindo do “baldio” e sem medo de ousar, oferecemos de tudo um pouco, Best-seller, Clássicos, Poesia, Ensaio, Artigos Científicos, etc.

Não pensamos em nenhum momento em usar intermediários, interpretações ou adaptações, por ter a clara compreensão de que a “A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro, diz mais sobre o livro em questão” (Calvino, 2005, p. 12), mais uma vez Calvino é convidado com uma intervenção que procede aos nossos desejos na formação de bons hábitos de leitura ou de leitor.

No entanto, o que foi realizado na leitura de Raízes do Brasil, Dom Quixote de La Mancha e Odisséia foi a própria ação de fazer melhorar o rendimento dos clássicos com leituras alternadas de textos atuais e outras linguagens (poesia, cinema, música, litogravuras, pinturas, entrevistas, etc.) relacionados aos mesmos em uma dosagem satisfatória.

No que se refere ao uso de outras linguagens, vários cursistas apóiam os filmes como suporte de compreensão, principalmente quando se tratou de Raízes do Brasil, 1808, Odisséia, etc. Em Quando Nietzsche Chorou não foi possível usar a linguagem fílmica, ainda não havia a versão mais recente, e a que eu peguei para avaliar, era uma produção nacional, que na minha avaliação, não era atraente para os cursistas. Evitei-a, portanto. Vejam como os filmes são lembrados:

(...) Hoje estamos discutindo o filme, Xangô de Baker Street, que nos mostra a relação do Brasil com a França, no ano de 1886, período em que as pessoas se preocupavam com o luxo, mas, também,

valorizavam a cultura; ricas bibliotecas, teatro em evidência, influenciado pela cultura francesa. O filme traz situações críticas, como é o caso do serviço médico e da iluminação pública à luz de velas na sua maioria e mostra de uma forma diferente o preconceito daquela época.(...) (FRANÇA, 2004, p. )

“Assistir filme comentado por uma historiadora é simplesmente fantástico, o de hoje foi “A Muralha”, onde podemos ver claramente o período colonial, a capitania que deu certo São Vicente “Piratininga”, hoje São Paulo. Os bandeirantes descobriram o ouro, mas fizeram destruições como os quilombos e faziam apresamento de índios , enfim o filme traz uma base para compreendermos a entrada dos portugueses para explorar a nossa terra.”

( CONCEIÇÃO, 2004, p. 12)

A discussão dos filmes era imprescindível. Havia a necessidade de interpretar juntos, pois às vezes a compreensão tendia para uma distorção do que estava se apresentando e se corria o risco de adulterar o conteúdo do filme em relação à proposta do livro. Eu fazia as intervenções durante a exibição esclarecendo algum detalhe que eles perguntavam, mas a discussão era conduzida a partir das questões levantadas pelo grupo.

Estamos nas entrelinhas, e o vivido fica ligeiramente opaco diante das palavras que são ditas e prescindem o “não dito”. Mas, inevitavelmente aparece. A cursista Juscileide Pereira Nunes apresenta no seu diário de Ciclo Um e Dois a reação de estranhamento com o livro Raízes do Brasil.

“Estudar o livro Raízes do Brasil foi um processo árduo e glorioso, comparado ao processo de escrever. Árduo por possuir uma linguagem complexa, de difícil compreensão e glorioso por trazer as nossas origens (...) Sérgio parece ter escrito a obra nos dias atuais, está muito viva”.



( NUNES, 2004, p. 6 )

O depoimento da cursista quando diz que “Sérgio parece ter escrito a obra nos dias atuais”, tem tudo a ver com a reflexão de Calvino quando insiste que um Clássico é “aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”. (CALVINO, 2005, p. 15).

Ainda na leitura dos registros de Juscileide Pereira, a mesma nos informa os motivos que a levaram a ingressar no GELIT de Raízes do Brasil:

“Jamais pensou (sic) interessar-me por historia, mas as pessoas que estiveram no estudo de Nietzsche, fizeram uma propaganda muito grande das estratégias de leitura realizadas por Margareth, e aí eu resolvi, experimenta-las”

( NUNES, 2004, p. ).

Juscileide traz uma provocação em Relação ao livro Raízes do Brasil , que foi muito presente nas rodas de discussão. Tratava-se do formato que Sérgio Buarque de Holanda trouxe para a sua obra, além dos parágrafos que se alongam, as antíteses e figuras de linguagem, o rico vocabulário que tão bem ornamenta este valioso clássico, causou um casamento forçado dos componentes do GELIT, com o dicionário. E era no “Aurélio” que eles expiavam os seus pecados. Veja o que diz Juscileide Lima, de forma bastante sucinta sobre esta questão:

“Terminamos o capítulo I do livro, o qual possui uma linguagem muito difícil, como já disse antes, não simpatizava com História e passei a gostar. Mas a cada etapa dificulta mais a minha compreensão pois possuem palavras que não encontro significado no dicionário. Outra coisa os capítulos em pequenos temas e (sic) na maioria das vezes eu não consigo identificar quando terminou um e quando começou outro. Por que será que acontece isso?” ( NUNES, 2004, p. ).

Quem bem responde esta questão é a estudiosa, Maria Helena Martins, quando bem aconselha:

“Uma das razões pelas quais às vezes nos sentimos desanimados diante de um texto considerado “difícil” está no fato de supormos ser em função de deficiência nossa, de incapacidade para compreendê-lo. Isso em geral é um equívoco. Por que desistirmos de um texto racional se temos interesse e necessidade de realiza-la?” (MARTINS, 2006, p. 85)

Neuma Conceição, outra professora cursista, apresenta as vias pelas quais ela escolheu o primeiro livro do GELIT, **Raízes do Brasil** porém, ela já traz no seu registro a impressão do primeiro encontro de uma forma mais favorável:

“Por uma série de lacunas no que diz respeito a História, que trago da minha formação é que me interessei em fazer este estudo literário, embora na hora de fazer a minha inscrição não tinha mais vaga, tive a sorte por um erro de Rita Chagas,(sic) conseguir a vaga. Achei ótimo! Neste primeiro encontro já sinto o quanto vai ser bom, principalmente porque vamos estudar através de diversas formas: poesias, filmes , músicas, artigos de opinião. Acredito que ao ler o livro de Raízes do Brasil não vou apenas conhecer a história mas refletir sobre ela e com isto ter cumprimento com a nossa história, da cidade , do país”(CONCEIÇÃO, 2004, p.3)

Por motivos muito próximos, Lucieide Lopes, apresenta no Diário de Ciclo Um, uma boa reflexão que ocasionou a sua escolha, em relação à obra:

“Quando nos deparamos com alguns anos vividos, um dia nos bate a curiosidade: Qual é mesma (sic) a minha origem? Onde nasci e como nasci?. Pois é, esta curiosidade também bateu quando eu vi a atividade como opção do Ciclo, as raízes do nosso País. Já não bastava o pouco aprendido primariamente no primário” (LOPES, 2004, p.5)

Hoje admito que ao pensarmos em incluir Raízes do Brasil, na proposta dos Grupos de Estudos Literários, a idéia era a de apresentar um bom livro, mesmo já sabendo que o nosso público pouco lia e o que liam nem sempre era coisa boa, pelo menos que facilitassem a compreensão de um livro no nível de RDB.

Mas todos nós sabemos que o Ensino Básico não está isento do Ensino de História, alguém, poderia está trabalhando na sala de aula, e todas, bem ou mal devem ter “passado” pela disciplina na sua formação. Pensei, credulamente que os cursistas soubessem pelo menos coisas básicas da nossa História, a periodização, o período da Ditadura Militar, ( a maioria estavam na faixa dos 40 anos), os presidentes que causaram impacto na história, conheciam de nome, mas quando? Algo que relacionasse a eles? Poucos se arriscavam a responder. Foi neste momento que tive a certeza que começaríamos das Raízes, literalmente falando.

A idéia não era impor a leitura, o que já seria desde o princípio algo totalmente ao contrário á proposta pedagógica do Projeto, mas oferecer a oportunidade de ler o que não se conhecia, o que nunca foi apresentado, ou poderia reler, se sentissem atraídos; “a releitura traz muitos benefícios, oferece subsídios consideráveis, principalmente a nível racional” (MARTINS, 2006, p. 85).

Com Capitalismo para Principiantes, também retomamos o fio da História, porém, na perspectiva da História Geral, o que significava mais uma oportunidade para discutir as relações de trabalho, o surgimento de novos conceitos político-ideológicos e que as resenhas finais traduziam sempre uma fala de que “não conheciam o Socialismo, e nem sabiam que existiam países

que ainda eram Socialistas...” (esta fala, é fruto de anotações do meu caderno.) Infelizmente, entreguei as resenhas de volta, inclusive com uma “tirinha” de HQ, sugerindo que produzissem na linha do livro, satirizando alguma situação que fosse da vivência deles. Lembrando que neste período levei Mafalda, Henfil, Millôr, etc. para que eles visualizassem a proposta da “tirinha”.

Neste período, cursistas que fizeram RDB, já avaliaram o Capitalismo para principiantes com maior maturidade literária. Observe o que Juscilde P. Nunes diz em um momento em que ela já está se acostumando com o ritmo de leitura, as dificuldades vão reduzindo, e o tom de “lamúria” muito frequente nos seus diários já muda substancialmente:

“Os dois estudos Literários, (Raízes do Brasil e Capitalismo para Principiantes) em que participei foram ótimos, as metodologias impulsionaram conhecimentos inebriantes, assim, como o ato de comer e dormir que são ações, as quais satisfazem as nossas necessidades humanas”.

( NUNES, 2005, p. 10)

Lucieide Menezes Lopes apresenta no seu diário, a preocupação que tinha se o curso não apresentaria algum tema relacionado ao Capitalismo:

“Ficava a me questionar se a faculdade não iria trazer informações sobre o Capitalismo, pois é, aí pintou ela, além de trazer estas informações em forma literária, nos trouxe também uma linguagem agradável e satírica, sem falar nos fios que o tema provocou” ( LOPES, 2005, p 2)

O número de escolhas no Ciclo Dois da primeira turma passou para 04 livros, não era tão amplo, mas era o que estava dentro das nossas possibilidades e havia a liberdade de escolha, dentre as obras oferecidas, podendo até não optar pelo GELIT. Interessante, é que dois ou mais cursista fizeram isso até o quase o final do Curso. Não obstante, pelo menos um caso que acompanhei de perto, o cursista, lia todos os livros indicados, e conversava comigo sobre a obra lida sem embaraços; Era uma pessoa que notadamente já tinha seus hábitos de leitura bem cultivados. Eu achei a história dele muito singular.

E este livre arbítrio fica claro na declaração da cursista Alaíde Dourado, quando remete aos GELITS com o prazer de que fez porque o quis:

“O grupo de Estudo Literário abriu um leque de perspectivas para o mundo da leitura. Leitura essa prazerosa. Estimulante, que me fez refletir sobre a sua importância em minha vida. Nunca tinha me envolvido com leituras, principalmente de maneira sistematizada. Lia por obrigação ou por lazer, não fazia uma leitura racional”.

(DOURADO, 2006, p. 6)

A mesma cursista, ao seu modo, também apresenta as agruras e doçuras de ler RAÍZES DO BRASIL (RDB), quando na sua forma bem descontraída de anotar no Diário, ela diz que está adorando fazer parte do encontro Literário, e acaba associando este prazer às estratégias utilizadas pela orientadora, principalmente quando se trata da discussão. Segundo a mesma “vou aprender bastante sobre as raízes do nosso país”.

O que muito nos alegrou no período, foi a iniciativa dos componentes em comprar o livro; O mesmo ocorreu com no Ciclo Um, 90% dos componentes compraram, além da obra principal, mais dois livros que facilitavam e ampliavam o conhecimento da obra principal.

Algo que vem ocorrendo com pouca frequência na segunda turma. A dependência da leitura fica muito por conta dos livros que a Biblioteca adquire. Muitos acabam xerocando. Um fato lamentável, mas que ocorre em todos os espaços acadêmicos.

Não é um comportamento desejado, principalmente, quando se trata de obras clássicas, mas, tem ocorrido. É muito gratificante quando o leitor tem o prazer de adquirir a obra, sem contar com o patrimônio que esta pessoa começa a estruturar para quem está no seu entorno. Percebam como Neuma Conceição fala, de quando adquiriu a obra, RDB:

“Agora é só começar a ler o livro. Já tenho o meu (grifo meu) e sei que a partir de agora é só mergulhar no mundo maravilhoso da leitura, sei que o livro não traz uma leitura muito clara, mas sei que ao começar a ler, a medida que for conhecendo os

capítulos me tornarei íntima do autor”.  
(CONCEIÇÃO, 2004, p. 7)

Uma oportuna dica da minha orientadora, a leitura do livro “**A leitura e seus lugares**” abriu um outro leque de reflexões que só vieram somar as minhas investidas literárias na tentativa de compreender este tecido complexo, do ato de ler, e de como se lê, o que permite a literatura, os lugares dos leitores, do autor, da obra, enfim. O tempo não foi suficiente para aprofundar nas leituras que esclarecessem melhor estas questões, como Roland Barthes, considerado um dos mais importantes críticos literários, estudos concernentes à linguagem, com o pensador Mikahil Baktin, e na esfera da comunicação, Habermans.

Ainda não encontrei outra metáfora para a leitura nos grupos que não seja a do caleidoscópio. E nesta trajetória de orientadora dos GELITS, as pecinhas que configuraram o caleidoscópio foram mudando de forma muito relativa. Ora era o livro, o elemento que girava, ora o leitor, ora os elementos que acompanhavam a obra; e ela nunca vem desacompanhada. Além dos personagens que em alguns livros, pulavam das páginas e entravam pela nossa vida adentro. E como aconteceu...

Mas foi na leitura da obra de PINTO que me deparei com uma preocupação similar a de muitos cursistas, que diz algo que procede ao estímulo às boas leituras;

“Num tempo que pouco se lê e, inúmeras vezes, se lê mal ou se lêem coisas ruins (...) a literatura apressada, marcada pela diluição, e não pelo adensamento do debate, pela valorização das palavras, não deixa acontecer o reconhecimento crítico.”

(PINTO, 2004, p.14)

Quando estava lendo o Diário de Ciclo da Cursista Lucieide M. Lopes, já no Ciclo Quatro, observei que os leitores, no caso específico da leitora, também fazem esta autocrítica, ou construíram esta postura ao longo do curso, já que

estamos nos referindo ao segundo ano do Curso; De qualquer forma, interessa esta fala de comprometimento, apresentada por LOPES, na reflexão que faz em relação às atividades literárias.

“Desde o Primeiro Ciclo, fiz um compromisso comigo mesma, que sempre me inscreveria nas atividades literárias, pois tenho consciência de que a leitura iria aprimorar os meus conhecimentos, como também adquirir (sic) o hábito de ler, pois estavam adormecidos até a chegada da Faculdade, reconheço que preciso melhorar um pouco mais, pesquisando, relacionando, fazendo pontes entre as pesquisas, as atividades e a prática pedagógica.” (LOPES, 2005, p.2)

Ainda citando a cursista Lucieide M. Lopes, volto ao primeiro livro que trabalhamos e vejo nas suas anotações, ainda no primeiro Ciclo, a construção de uma metodologia, que ia se esboçando à medida que avançávamos na leitura do livro Quando Nietzsche Chorou e me chamou a atenção uma observação que a cursista traz, me fazendo reviver todo o conflito que vivi ao trabalhar com Nietzsche, naquele primeiro momento. Considero que foi um parto, maiêuticamente falando.

LOPES, diz no seu Diário de Ciclo, sobre pequenas curiosidades que em outros já aparecem bem diferenciadas, mas sinaliza o primeiro contato com a Filosofia. Reafirmo que é uma fala frequente e que veremos em outros diários do Ciclo Um, alguns de forma diferenciada, mas com a mesma tônica. Os maiores questionamentos voltavam para questões como: Pra que serve a filosofia, e afinal, o que faz o filósofo? Pensando nisto veja o que diz Lucieide Lopes:

“Quando se falava em filósofos a minha impressão é que seriam pessoas cheias de harmonia, de serenidade e de muita paz. Só que quando tive acesso e li o livro Nietzsche 90 minutos, fiquei chocada com as características do

personagem, mas mesmo assim a minha curiosidade de ler “Quando Nietzsche Chorou” foi aumentando”. (LOPES, 2004, p.6)

No Diário de Ciclo Um tudo é muito impreciso; a carência de informações mais críticas foi muito reforçada por nós orientadores e aos poucos as pessoas, escreviam mais à vontade, porém com as dificuldades de expressão, própria de quem lê pouco. Quanto à metodologia, neste período, é muito presente, não havendo ainda uma intimidade com Nietzsche, que foi o primeiro livro, os (as) cursistas se prendiam às orientações que eram dadas para a realização da leitura.

Acho válido ressaltar como estas orientações reverberaram no cotidiano dos mesmos. Fátima Antonieta nos informa sobre o seu primeiro encontro. Inicialmente, fala da expectativa que a leitura terá e depois de forma bem detalhada e técnica ,apresenta o que foi sugerido para iniciarmos os estudos:

“Apesar dos contratempos ocorridos na semana anterior, sinto-me desprendida de qualquer sentimento negativo e atribuo ao fato de saciar a minha vontade em realmente fazer o que gosto: aprofundar o conhecimento acerca da psicanálise”. Sempre fui atraída por tal ciência, não sei se pela postura investigativa que a caracteriza, ou até mesmo os mistérios que a envolve.”(JESUS, 2004, p.4)

Outra situação muito pertinente é a compreensão do que estava sendo orientado. Eu temia que neste primeiro momento, em que eu também estava experimentado, a condição de orientadora de um grupo que se propunha a ler uma obra literária, em criar situações que afastassem o grupo do gosto pela leitura. Se este GELIT não funcionasse, os outros corriam o risco de sofrer a hostilidade dos cursistas, mesmo sem experimentar.

E nós íamos ler um livro que tinha distinções de leitura no próprio texto. Quando Nietzsche Chorou, possibilitava uma distinção entre o geral e o



particular. Traz a literatura que faz as pessoas viverem experiências singulares, e a Filosofia, que maneja conceitos. A recepção do texto tinha que ser observada com muito cuidado. Fátima A. de Jesus alivia esta questão quando manifesta no seu diário, as seguintes impressões:

“ Como ponto de partida este primeiro encontro foi promissor, tanto no sentido de aumentar o estímulo para conhecer a obra em discussão como para amenizar algumas incertezas referentes à análise do estilo do romance” (...) Quem tinha dúvida sobre o que é texto racional, sensorial e emocional, pôde tirá-las , mediante síntese apresentada pela orientadora (...) Possuidora de um espírito empreendedor, ela soube conduzir o grupo muito bem para as apresentações de praxe. Logo em seguida, apresentou-se e teceu comentários acerca da obra em estudo , aconselhando-nos à leitura de Nietzsche 90 minutos, indicado para ler antes da obra propriamente dita, razão pela qual permite-se conhecer a biografia (psíquico), o contexto histórico ( a realidade e a economia) em que o personagem viveu.” ( JESUS, 2004, p 4)

O curso estava engatinhando, e os cursistas reagiram bastante ao novo ritmo de trabalho e estudo, e a leitura, que precisava ser um processo de todos os dias era um verdadeiro clamor; Sempre achavam que não dariam conta de tudo que precisavam fazer; Eu estava do lado dos que achavam que realmente o tempo era pouco para estudar e trabalhar, principalmente quem está na docência, com 40h de sala. Mas, o Curso andou, e os calos cicatrizaram, o que era difícil não deixou de ser uma barreira, mas eles (as) administraram o tempo ao seu modo.

Uma questão que esteve sempre presente na nossa intinerância enquanto GELIT era o formato da Avaliação. Ao contrário do que os cursistas pensavam a avaliação estava bem presente no nosso cotidiano. É muito improvável que não haja avaliação em qualquer ação que esteja submetida à construção, ao

desenvolvimento. Porém, fizemos a opção da avaliação nos GELITS, de maneira reconstrutiva. Creio que a razão de ser da avaliação é garantir a aprendizagem, o entendimento, a participação, etc. E nos grupos literários, este elemento sempre esteve presente, sem, contudo, surgir como elemento coercitivo. Tal sutilidade levou os cursistas à conclusão de que estavam mais livres para *errar*, e conseqüentemente *aprender*. É o que deixa transparecer na fala de Juscileide P. Nunes:

“Outra coisa que me fascinou nesses estudos, é que o medo de errar, de ser avaliada sabatinamente, estava ausente, talvez esse seja este (sic) o segredo do insucesso das estratégias realizadas com a leitura nas escolas” (...) “o que me impressionou no estudo literário foi que na maioria das vezes, pensava não estar compreendendo, mas num ato de voluntário estava falando ou comentando sobre a leitura”

(NUNES, 2004, p. )

As palavras da cursista Juscileide Nunes confirmam a estratégia que foi utilizada, em termos de não prevalecer a idéia de ser “sabatinada”, mas outros recursos eram largamente utilizados, o que significa dizer que necessariamente não nos abstíamos da avaliação, este aspecto nunca esteve, e nem poderia estar ausente, como também não era imposto ao praticante da leitura como um cumprimento de notas, com valores definidos etc.

Ressaltavam-se muito mais as observações, as inferências, respeitando as idiosincrasias do/da leitor(a) cursista. A minha preocupação era entender o que faz um texto ser absorvido com maior ou menor grau de dificuldade, mesmo sabendo de antemão que o diálogo com o livro lido é nutrido pelas experiências literárias anteriores, e quanto mais se reforça a leitura, surgem promessas para outras tantas.

Se um texto de natureza vária, seja ele literário ou não, quando trabalhado, não proporcionar um salto de qualidade ao leitor para a sua visão de mundo, tanto no aspecto social, quanto no quotidiano do leitor, a leitura perde sua validade.

Nos momentos em que desenvolvíamos as atividades do GELIT, estava claro que as pessoas que tinham uma maior vivência com a leitura, superavam com mais facilidade, a compreensão de livros com Raízes do Brasil, Odisséia, ou Dom Quixote.

Seria utópico pensar em um trabalho que se propõe a desenvolver o hábito de leitura, dispensando a avaliação. O desconforto da “nota” não foi tão presente, mas também a utilizamos. No primeiro GELIT Quando Nietzsche Chorou, a avaliação final foi uma resenha que passou pela merecida correção e dados os créditos conseguidos pelo (a) cursista. Em minhas leituras, captei uma orientação, no diário de Ciclo da cursista Fátima Antonieta que foi desenvolvida para esta atividade, detalhe, era um dia de Domingo. A Resenha da Resenha:

“A professora Margareth, nos instruiu de modo detalhado, a forma sistemática de fazer uma resenha. Levantou tópicos importantes: Como fazer resenha? O que a resenha deve atender? Assunto, características e abordagens. Conhecimentos anteriores, direcionamento... Deverá ser acessível, interessante, agradável, útil e comparável a ilustrações adequadas. Na perspectiva de maior compreensão, foram distribuídas vários modelos de resenha, para a apreciação do grupo. Logo depois da análise, socializamos opiniões e questionamentos que foram feitos.” (JESUS, 2004, p 16)

Enfim, sem o propósito de concluir esta questão é mister ressaltar que colocar a avaliação nos GELITS como componente propositivo, construtivo, e comprometido com o desenvolvimento professores-cursistas é algo imprescindível, e que , de acordo com a natureza do livro e o perfil dos envolvidos, os instrumentos de avaliação foram se adequando, como já foi visto na apresentação dos livros como veremos neste capítulo através da fala dos próprios cursistas.

Em Raízes do Brasil, o processo de estudo e estímulo às respostas não era uma situação velada. Interessava-me saber se realmente as pessoas estavam compreendendo o que liam. Então, a cada semana obrigava-me a criar ações que permitissem esta visualização. Lendo o Diário do Ciclo dois de Juscileide Nunes deparei-me com um destes mecanismos: -“Hoje fizemos a socialização da leitura do prefácio de Raízes do livro. Pensa que foi fácil? Engana-se!”-.

Por outro lado, Jadilza Nunes da Silva, refere-se ao famoso prefácio de Antônio Cândido que é sem dúvida alguma, é um texto instigante que joga um véu por toda a obra, sem no entanto não a obscurecer, apenas a enobrece. O pensamento de Jadilza contribui para esta reflexão,

“Raízes do Brasil, como diz Antônio Cândido, é um clássico de nascença. Participar deste estudo literário, me impulsionou estudar outras obras, “Casa Grande e Senzala” e Viva o Povo Brasileiro, e recentemente assisti um documentário sobre a vida do escritor Sérgio Buarque de Holanda (...)” (SILVA, 2003, p. 4 )

Já na segunda turma, onde foi possível trabalhar com três obras, uma por orientadora, (Somos três) uma delas ainda em andamento, trouxe um depoimento do professor cursista José Nildo Nunes Santana, que apresenta a sua experiência com a obra Os Cem Melhores Contos do Século XX, primeiro ele fala da dúvida que teve em escolher que GELIT trabalhar, e que após algumas reflexões preferiu os Contos:

“Não me arrependi da escolha, através deste GELIT, pude conhecer vários autores antes desconhecidos por mim, às décadas em que eles publicaram suas produções. Com essa atividade me foi dado a oportunidade de conhecer a vida e obra de alguns escritores. Das biografias estudadas a que mais me



chamou a atenção, foi a da escritora Rachel de Queiroz, por ter sido a primeira mulher a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, sendo uma guerreira nordestina que para escapar da seca, fugiu para o Rio de Janeiro e mesmo em terras estranhas não recuou, mas preservou por seu objetivo de vida.”

(SANTANA, 2009, p. 3)

Continuando com os Contos, a cursista Rita Cássia Araújo, nos dá uma contribuição da sua compreensão do texto que ela apresentou em sala de aula para as crianças e que rerepresentou na peça de teatro “Eu conto, tu contas, eles contam”.

“O conto Tangerine Girl é ambientado no Rio Grande do Norte, onde se localizava a base aérea Norte Americana, foi um período pós II Guerra Mundial, na qual, o Brasil apoiou os EUA. O texto retrata o impacto que a presença dos soldados americanos teve nas famílias que residam próximo à base. Algumas garotas depositaram nesses rapazes a esperança de um casamento com direito a ascensão social, entretanto a maioria deles só queriam(sic) uma aventura, inspirados no imaginário americano sobre as mulheres latinas americanas, a partir da atriz de cinema Dorothy Lamour que em 1937 ganhou o mundo com as pernas à mostra.”

(ARAÚJO, 2009, p.5)

Não poderia deixar de registrar mais uma fala dos que vivenciaram a Leitura de Dom Quixote, pela magia que Cervantes produziu em um público que, logo a princípio, não acreditavam nas possibilidades de gostar de ler o livro; foi rendido por Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança. Alaíde Dourado, diz que:

A leitura do livro Dom Quixote de La Mancha, me levou a entender o comportamento da sociedade daquela época cuja atitude fora de total incompreensão e desinteresse em relação a Dom Quixote, que de tanto ler histórias de cavaleiros medievais confunde a fantasia e realidade, e sai pelo mundo acreditando ser um deles. (...) Por isso, também se comparam as idéias do livro com as de hoje, quando as pessoas preconceituosas, criticam os que possuem alguma doença mental ou mesmo aqueles que se comportam diferentemente às regras da nação, como os hipocondríacos, os “punks”, os homossexuais” e outros (DOURADO, 2005, p. 6).

Atualmente estamos trabalhando **Odisséia** e as reações iniciais aproximavam de um mar revoltado, indomável, pelas questões que apresentei no capítulo ODISSÉIA. Para ler os gregos, nada melhor do que inspirar-se nos mesmos. E como o teatro tem suas raízes na civilização clássica, ressuscitei a idéia de que os gregos escreviam para representar, para atuar, e o povo “lia” as obras de, Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, através das grandes apresentações do teatro de Arena. Foi o formato que dei ao GELIT, para compreendermos as famosas rapsódias Homéricas. E esta intenção ficou clara nos depoimento de Jalcineide Maria Pereira que no primeiro momento fala da dificuldade de entender a obra:

“Ao iniciar a leitura do livro “Odisséia” de Homero, o qual foi escolhido pela professora Rúbia Margareth para a Atividade: Grupo de Estudo Literário desse ciclo, eu pensei em desistir da atividade. Achei o livro muito chato porque tem uma linguagem de difícil compreensão. Com as estratégias de leitura usadas nas aulas pela professora fui me adaptando à leitura, tomando gosto pelas histórias dos deuses e das deusas da Grécia, agora já me sinto viajando pelas

ilhas gregas, participando das guerras e dos banquetes.” (PEREIRA, 2009, p. 6)

No segundo comentário, já há uma reação e recepção ao texto de forma muito positiva, o que rechaça a idéia de que podemos tudo com literatura, menos, deixa-la de lado para realizar outras ações que “escondam” o livro. Esta foi uma questão que discuti com eles. No momento inicial, queriam reverter a situação da não compreensão, criando um outro texto, que seria contar as aventuras da escola. (Podem e devem produzir este texto no diário de Ciclo, - atividade em exercício). Retruquei de imediato, vocês devem mesmo realizar estas atividades no cotidiano escolar, mas no momento, vamos enfrentar o livro, entender a história de Ulisses, afinal este é o sentido do GELIT. E reforcei ampliar os sentidos da prática pedagógica, é consequência da leitura, e não uma atividade dos Estudos Literários. Convenceram-se da idéia proposta e Ulisses venceu mais uma aventura, conseguiu escapar das garras do “pedagogismo”. O resultado foi melhor do que esperado :

A professora Rúbia Margareth através de técnicas de teatro usando expressão corporal e retórica para facilitar a compreensão da leitura, tem feito com que todos do grupo participem das atividades com entusiasmo e dedicação.

Tal fato é perceptível a cada aula, diante da postura de comportamento, entrosamento e participação até mesmo dos cursistas mais tímidos do grupo. São momentos alegres de pura descontração, encaro-os como uma terapia, um bálsamo de alívio das preocupações cotidianas, quer seja do trabalho, quer seja da família.

Da forma que o GELIT vem sendo trabalhado, tenho feito muitas reflexões positivas, reflexões estas que irão melhorar minha prática em sala de aula, principalmente nas atividades de leitura. (PEREIRA, 2009, p. 6)

Nas entrelinhas dos Grupos de Estudos Literários, há uma infinidade de linhas que se entrelaçam, e falam das leituras das possibilidades, da reflexividade que experimentaram neste longo período de leituras racionais, ficcionais, ampliando o próprio potencial de reflexão. Nem todos os livros foram revelados pela voz dos cursistas, mas ficou claro, através das entrelinhas que a literatura neste projeto não ficou reduzida a uma ação pragmática e nem tão pouco exígua. Ler foi a regra mais doce para ampliar os horizontes dos que precisam formar leitores. Os professores-cursistas.



## 5.2 - MINHA EXISTÊNCIA LITERÁRIA



<http://www.fotonontagens.net>

“Confesso: Houve um tempo turbulento em que a leitura dos contos de Tchekov fazia parte das noites insones. Abria-se uma janela, e aquilo que parecia horrível acabava ficando apenas ruizinho na manhã seguinte.”  
Susan Elderkin

Início este capítulo como se estivesse em um ato sorrateiro, roubando informações de um armário trancado. O armário é meu, talvez conheço o conteúdo, mas nunca parei para organizá-lo, daí a tranca. Refiz uma viagem aos tempos que a leitura apenas esboçava o seu hábito sobre a minha existência. São momentos da minha infância, em um período não definido da minha idade, mas que, acertadamente, ainda não frequentava a escola.<sup>60</sup>

“Eu diria que a minha primeira escola, a informal, ocorreu em um espaço bem singular da minha casa; Era entre a cozinha e a sala de costura da minha mãe. O meu contato com revistas, “debuxos” de bordados, uma bíblia ricamente ilustrada e livros de receitas, era constante; Lembro-me bem de um conhecido “Peixe Botafogo”, que se esticava magistralmente em uma travessa com uma azeitona na boca; Fitava todos os

---

<sup>60</sup> Memorial - A minha escola do bem e do Mal - (Por Rúbia Margareth Dourado de Oliveira Macêdo Matos – junho/2006)

detalhes que ornamentava o belo prato. E as viagens ocorriam desta forma, mirando, mirabolando, até que tomavam corpo, e eu criava histórias fantasiosas incorporando todas as imagens que meus olhos podiam registrar. E assim realizei as minhas primeiras leituras.” (MATOS, 2006, p. 1)

Estas primeiras impressões as quais recorro ao meu memorial foram apenas olhares que vislumbrava a leitura como um espaço de fuga, prazer e conhecimento, por toda uma vida que se prossegue.

O meu pertencimento aos Grupos de Estudos Literários, ocorreu de forma febril, notadamente uma atividade que transcendia a ação profissional. Era algo visceral que me atraía de forma entusiástica. O que traduz uma oportunidade, que, apesar de não ter sido pensada antes, que diz da minha prática, remissivo a minha vivência literária, jamais analisada, mas que me fez naquele momento, também, sujeito da pesquisa.

Sujeitos e objetos não estavam tão indistintamente separados. Havia uma interdependência e interrelação nas minhas ações que só tomando distância é que percebi o quanto estava implicada na proposta. A consciência<sup>61</sup> desta atitude veio posteriormente. Citando MIRANDA (2007), quando ela diz que:

“implicar-se é estar dobrado, voltado para dentro, (...) é estar envolvido, é se engajar, é abraçar, é autorizar-se, é deixar-se sensibilizar, é a relação de desejo. Estar emocionalmente implicado com o objeto com o qual o pesquisador se identifica(...). (MIRANDA, 2007, p. 18)

Havia momentos em que a realidade parecia uma brincadeira. Algo como está descrito na Epígrafe acima, “algo que parecia horrível, acabava ficando apenas ruinzinho no dia seguinte”. Sem dúvida, esta entrega incondicional estava mais além do que o compromisso profissional. Nas apresentações dos seis primeiros

---

<sup>61</sup> Lembrando que consciência, como está apresentado no texto de acordo com as teorias de diversos filósofos de que mesmo quando não admitimos de não ter a consciência de ter realizado tal ação ela ocorre em nossa mente, paradoxalmente, sem a nossa confirmação, de certeza. É o que diz o australiano David Chalmers. (Revista Ciência e Vida – Filosofia, p. 62)

livros, em apenas um deles, me posicionei como ouvinte, ou plenária. Em outro instante, já estava travestida em um dos personagens que ia para o palco, ou participando de uma das ações que comumente é ato pertinente aos cursistas. Era uma linha tênue que me separava da idéia de orientadora ou componente que lia o livro com a posição de quem estava também descobrindo as coisas que o livro revelava. A sensibilidade aflorava, e todo tempo do mundo era pouco para estar com o livro e cursistas. Daí a proposta de encontros aos sábados, domingos, ou feriados. Se o grupo aceitasse, o deleite estava na mesa. Nem sempre eles concordavam. Mas aconteceram bastante.

Senti que estava reencontrando o livro, mas não era só o livro, mas a literatura, com toda a complexidade que está proposta nesta ação humana, que transborda o pensamento comum do que seja um romance, uma peça, uma poesia. É algo que me deparei na leitura de Foucault (1942) quando ele diz da literatura, “ela é uma linguagem, um texto feito de palavras, mas suficientemente e de tal modo escolhidas e dispostas que através delas, passe algo inefável”.

Esta foi a sensação que só a maturidade me sinalizou, quando li *Vidas Secas*, e o capítulo *Baleia*, se apresentou na minha cabeça com todas as nuances caninas que Graciliano Ramos buscou nas palavras para descrever a dor e morte da cadela. É algo indizível. Relembrando:

(...) Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, cercava a criaturinha. Silêncio completo, nenhum sinal de vida nos arredores. O galo velho não cantava no poleiro, nem Fabiano roncava na cama de varas. Estes sons não interessavam Baleia, mas quando o Galo batia as asas e Fabiano se virava, emanações familiares revelavam-lhe a presença deles.

Agora parecia que a fazenda tinha despovoado.

(...)

*Vidas Secas* – Graciliano Ramos,

Descobri na minha adolescência que a leitura e o cinema preenchiam vazios emocionais. A fuga era a imersão na leitura para sobreviver aos desastres sentimentais.

E as metáforas que sempre usei neste e em outros períodos da minha existência como leitora era a de que o livro ou a leitura era “um amigo confiável” e para configurar a ideia da metáfora da leitura, encontrei em MANGUEL uma abordagem que clarifica a minha “felicidade clandestina” com os livros que caíam em minhas mãos;

Em casa, os livros de autores como Jorge Amado e José Mauro Vasconcelos, eram visivelmente proibidos para uma pré-adolescente. Não tinha autorização para lê-los, daí a Felicidade Clandestina com uma clara alusão ao conto de Clarice Lispector.

Era algo que se apresentava como a descrição de Lispector sobre o envolvimento da menina com o livro “Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de tê-lo”. (LISPECTOR, 1971).

A metáfora da Felicidade Clandestina aproxima da cumplicidade que o leitor tem com o livro, e as metáforas que carregamos para nomear os “nossos” livros que nos salvam... Aprecio a fala do crítico alemão Hans Blumberg, (MANGUEL, 1997) quando diz sobre as metáforas da leitura em nossos dias:

“Não são mais consideradas, primeiro e antes de mais nada como representação da esfera que guia nossas hesitantes concepções teóricas, como um hall de entrada para a formação de conceitos, como um dispositivo temporário dentro das linguagens especializadas, mas sim um meio autêntico de compreender contextos”.

(MANGUEL, apud BLUMBERG, 1997, p.198).

No período inicial da orientação com os cursistas, o meu espanto com a distância dos professores e os livros, só foi se amenizando com a retomada da minha história com a leitura, enquanto menina e adolescente e o contexto sócio-cultural que estava inserida e a história das professoras (es) cursistas observando também o aspecto sócio-cultural, que a partir deste momento eu começo a ver com a distância que permite refletir sobre as “nossas ações”.

Retomo a minha implicação com os Grupos de Estudos Literários, pois foi vivendo-o que percebi a riqueza das constantes revisões, análises e reflexões que fiz acerca da minha trajetória como leitora e também como educadora, ou como trabalhadora em Educação ao tempo que percebia o processo de leitura dos outros. Dois conceitos se configuram como pilares desta observação: a realidade e a alteridade. As características que os cursistas apresentavam eram independentes de qualquer coisa que se podia pensar sobre eles, – A realidade – e a alteridade, correspondem a minha relação com a generalidade, a insistência do não-Eu, contra a consciência do que se é.

Há todo um contexto de *implicação* que apresentam variantes, porém, a implicação como verbo ou ação se afina nas propostas metodológicas, mesmo que seja de espaços diferentes. Não é uma investigação fácil, seria um ledor engano sustentar esta suposição.

Etimologicamente, implicar é um verbo que tem o significado de ‘enredar, embaraçar’, ‘fazer supor’, ‘dar a entender’, ‘produzir como consequência’ do latim, *implicāre*, envolto, implicado, junto, ligado.<sup>62</sup> Não duvido de que seja também um processo imanente. Sujeito e Objeto se tornam inseparáveis.

Os diálogos que tínhamos no grupo não permitiam este entendimento, porém, com a leitura dos memoriais produzidos nos Ciclos pares, foi possível mergulhar nos universos díspares dos cursistas que, pelas mais variadas circunstâncias, apresentavam uma infância sem livros, sem cinema, sem música, enfim, as suas leituras tinham outras referências que não eram os livros. Considerando aqui o que MARTINS, diz da leitura:

“Seria contra-senso insistir na importância da leitura restringindo-a aos livros ou, quando muito, a textos escritos em geral. Isso implica alijar da experiência de leitura os milhões de analfabetos espalhados pelo país ou iletrados que não costumam ter na escrita a sua referência cotidiana”

(MARTINS, 2006, p.28).

---

<sup>62</sup> Referência - Dicionário Etimológico da Língua portuguesa, Antônio Geraldo da Cunha.

Em minha adolescência a leitura acontecia de forma insaciável; Fui vítima de estágios depressivos em várias fases da minha vida, porém, no período que antecedeu aos 20 anos, este mal-estar, que me tirava o prazer do convívio pessoal e tudo se tornava insípido e indiferente, era na leitura recolhida em meu quarto, que era o espaço que me estruturava, que eu encontrava um certo alívio para as angústias constantes.

Não lia com critério, lia o que caíam em minhas mãos. No início desta maratona literária,(a partir dos 12 anos foi se intensificando) a leitura habitual, era também o que minha mãe lia. Eram romances extremamente românticos, marcados por suspiros das mocinhas belas, brancas e imaculadas e aromas de rosa que até hoje confundem os meus sentidos. Tais livros compunha a Biblioteca das Moças, de autoria , caso não me falhe a memória, da Madame Dolly.

Foi neste período que também conheci a obra de Érico Veríssimo. Uma prima vizinha à minha casa, comprou a coleção completa. Érico Veríssimo, com toda a elegância que os seus livros ostentavam, capa dura, azul escuro, com letras douradas, foi chegando ao meu mundo de descobertas. Encatava-me o estilo narrativo do escritor gaúcho.

Lembro-me que aos 15 anos escrevi a resenha do livro, Incidente em Antares, pra um jornalzinho da escola sob a orientação da Professora de História, Maria Anita Pimenta.

Com a mesma professora e já em outra ação fora da escola, criamos um grupo de Teatro – Mandacaru – que se baseava na proposta de Augusto Boal (Teatro do Oprimido) e a partir deste núcleo surgiu o “Clube do leitor”.

Este fato foi importantíssimo para a minha maturidade literária. Maria Anita vinha do CUCA, (Centro Universitário de Cultura e Arte) e como ex-aluna de História da UFBA, tinha um melhor discernimento de que os professores da época; Sem dúvida foi um marco na minha relação com os livros. Creio que como toda adolescente, passei pela leitura marginal, lendo Adelaide Carraro,

Cassandra Rios, e outros autores do gênero. Porém, confesso que esta fase dourou só o tempo de ser apresentada a outros livros.

Comecei a anotar as obras e autores dos livros que lia (lista que mantenho até hoje) com uma caligrafia típica da adolescência, e mirava esta lista com certo orgulho pela quantidade do que já tinha, em dois meses, seis meses, em um ano; Era a fase de ler por metro.

De qualquer forma febre obtive resultados positivos; Foi neste período que li o escritor russo Máximo Gorki, Mãe, e Ganhando o meu pão; o universo da Rússia fria e socialista veio bater nos confins do Sertão de forma abupta. Eram palavras diferentes, costumes, clima, nomes de pessoas no diminutivo não eram habituais e soava bem estranhos. E o tema político que permeava uma literatura eminentemente revolucionária foi a porta de entrada para a minha militância política. Neste mesmo filão, li *Germinal*, de Émile Zola; *Homens e Caranguejos* de Josué de Castro; *Pedra Bonita* de José Lins do Rego; *Morte e vida Severino* de João Cabral de Melo Neto; *Horácios e Curiácios*, e os canhões da *Senhora Carrar* de Bertolt Brecht; *O fantasma de Canterville* de Oscar Wilde, etc.

Com *Germinal*, o encantamento foi visceral. Envolvia-me na fuligem do bairro dos mineiros, no cheiro enjoativo e repetido da sopa de cebola, e o pior, na dor do livro. Nada é mais dolorido do que a fome, o frio e a falta de horizontes, que Zola transfere para as páginas de forma muito real. Também em *Germinal* é que experimentei saí do meu casulo de angústias inexplicáveis para aliar-me aos personagens que enfrentavam problemas maiores, a sobrevivência. A sensação se potencializa no presente, quando em recente leitura, tomei conhecimento que Zola, para compor o livro, passou dois anos, trabalhando como mineiro na extração de carvão.

Esta lembrança me faz evocar TODOROV (2009) quando diz que:” A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana”.

Avalio que estas leituras que povoaram a minha adolescência deveriam ser revisitadas na fase atual. Naquele período o tempo sambava no meu entorno, lia de uma forma desbragada. Inicialmente, sem muitas escolhas, mas de forma fervorosa, trazia os livros como talismãs da minha existência. Hoje, sambo pra dar conta do tempo e além destas questões há um fato significativo, que diz respeito a minha maturidade no período que realizava estas leituras, e aqui me reporto a CALVINO que sabiamente nos lembra :

“As leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência de vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido do que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude.”  
( CALVINO, 2005, p.10)

Assim sendo, quando me mudei para Salvador, aos 16 anos, com o propósito de continuidade aos estudos, já tinha me convertido ao mundo da leitura.

Como são os leitores que escolhem os livros, e não os livros que os escolhem, acredito que lemos dentro de um contexto muito pessoal. Se a militância política estava presente na minha vida, a vertente da leitura inclinou-se para uma leitura de cunho revolucionário, associada aos escritores socialistas, militantes, etc.

No entanto, já em Salvador, na década de 70, fui capturada pelo movimento da Contracultura<sup>63</sup>, porém sem perder os “ranços” da militância, e por um átimo na minha vida, achei que só a poesia poderia nos salvar. Maikavosky, Thiago de Melo, Pedro Terra, Ferreira Gullar, Cecília Meireles, Brecht e outros poetas vivos e conhecidos, passaram a ser os companheiros de

---

<sup>63</sup> Surgida nos Estados Unidos na década de 1960, a contracultura pode ser entendida como um movimento de contestação de caráter social e cultural. Nasceu e ganhou força, principalmente entre os jovens desta década, seguindo pelas décadas posteriores até os dias atuais.



Cabeceira e de caminhada. Neste período ingressei no movimento “Poetas da Praça” e a praça da Piedade em Salvador, era o nosso palco vivo da Poesia. Tanto ouvia, como declamava.

A leitura de poesias neste período tornou-se um forte hábito. No entanto ainda é nítida na minha consciência, que um hálito de tristeza fazia a composição da menina poeta. As poesias são artefatos de palavras bem escolhidas, são metáforas que traduzem um mar de sentimentos do poeta, e esta relação com as palavras fortes me fragilizavam; Voltei aos tempos sombrios da depressão. Não lia para fruição, mas para me auto-flagelar, e as dores de todos os poetas do mundo, se alojaram na minha frágil alminha de menina de 17 anos.

Não é à toa que ANTUNES, (2009) diz que os poetas são maiores que os escritores, pois conseguem transferir intenções, desejos muitos, os da loucura, e os da alegria, o que ele chama de “coisas inomináveis” para as palavras. Nada é tão certo quanto este comentário. A poesia não é somente para ser lida, é antes de tudo para ser sentida; Consumida pelos sentidos. Daí a consumição de quem ler poesia considerando cada fonema, traços e reticências... E foi assim que me apaixonei pela Poesia.

Ainda no mesmo período, estudante de cursinho, visitava com muita frequência a Livraria Civilização Brasileira que ficava em uma das esquinas da Avenida 7 de setembro, (não sei se ainda permanece). A verdade é que adorava mergulhar naquela atmosfera cheia de espíritos literários, ao mesmo tempo em que era assaltada por um sentimento de impotência ( ainda hoje permanece) de que nunca poderia dar conta de ler as cobiçadas obras. Os olhos dançavam vertiginosamente de um título ao outro. Era o tempo do intervalo de cursinho. Saía sem muitas lembranças. Em um universo tão amplo, captava apenas os autores mais íntimos.

Esta revisão das minhas andanças literárias é uma vertente da minha vida; me surpreendo a cada momento quando percebo que a leitura tem vida própria na trajetória das pessoas, ou não tem vida nenhuma; Provavelmente fazem outras leituras.

Prosseguindo nesta proposta da minha existência literária, houve um tempo que como coordenadora Pedagógica de várias escolas da Rede Privada, conseguimos, junto aos professores de Língua Portuguesa, fazer com que o ingresso da leitura se fizesse mais presente no cotidiano dos alunos. Lembro-me, com muito pesar, de que estes estabelecimentos não apresentavam um espaço que fosse minimamente atraente para a formação do jovem leitor quanto mais a de alçar à condição de Biblioteca.

Durante dezesseis anos, estive como Coordenadora Pedagógica de grandes escolas, e em todas que passei, o quadro era o mesmo, os professores (as) não tinham um projeto consistente de leitura. O livro didático com os gêneros textuais era suficiente;

Esta condição foi mudando gradativamente, com as conversas e o próprio planejamento que já estava intercalando a leitura de paradidáticos como uma ação do currículo da escola. Nada chegou perto dos GELITS, nem em sonho, Inicialmente, as crianças e adolescentes liam os livros que nós indicávamos e ao final da leitura, se fazia um “trabalho” que atendia a necessidade de pontuar a interpretação.

Depois de algum tempo, e aqui me refiro especificamente ao Colégio CEII, reestruturamos a Biblioteca, assinamos revistas, passamos a comprar clássicos da Literatura Brasileira e Universal, e os alunos iam à Biblioteca com o(a) docente, fazer a escolha do livro que leria na unidade.

Em alguns momentos fazíamos compra de livros/ romances, ou paradidáticos para áreas específicas e eles trabalhavam com a “Ciranda de Livros”.

No Ensino Fundamental, principalmente nas séries iniciais, as atividades concernentes à leitura renderam projetos mais ousados, como o teatro em sala, festival de teatro a partir da encenação dos contos infantis, e as crianças realmente passaram a ler mais do que o costume.

Foi um grande avanço. Porém ainda não estava na minha ou nossa cabeça a idéia de organizar grupos de leitura. Nesta caminhada pelas escolas, sempre me deparei com profissionais da língua portuguesa que eram Licenciados em Letras, e esta formação, aliada ao prazer de ler que os mesmos demonstravam, ajudou bastante nos Projetos que criávamos para fortalecer a leitura na escola.

Hoje, fico a cismar sobre estas ações nas quais tanto insistimos e que não vi florescer com a fertilidade desejada, o hábito da leitura nas escolas que vivenciei experiências que, no momento, pareciam ser satisfatórias. Não foram. Concordo com LAJOLO, (1994, p.15) quando se refere a motivação: “Neste sentido, urge discutir, por exemplo, o conceito de *motivação*, porque é em nome dele que a obra literária pode ser completamente desfigurada na prática escolar” e mais adiante ela dá o golpe final e talvez abra um questionamento que não fiz na época em que mirabolava com os professores mil artimanhas para a leitura chegar à sala. Veja esta outra indagação da autora:

“Propor palavras cruzadas, sugerir identificação com uma ou outra personagem, dramatizar textos e similares atividades que manuais escolares propõem, é periférico ao ato da leitura, ao contato solitário e profundo que o texto literário pede”

(LAJOLO, 1994, p.15)

E assim me fiz-me mulher-leitora que adotou esta prática infinita e que se alimenta sempre de mais leituras, de mais poesia, de mais cinema, de mais música, o “Mundo da leitura, a leitura do mundo, onde acaba um e começa a outra? Talvez os limites sejam esgarçados, aquela terceira margem do rio que fala Guimarães Rosa...” ( LAJOLO, 1994, p.1)

O meu encontro com a literatura, de forma criteriosa, com o olhar de quem procura se achar no que leu, procedeu de fato, com a oportunidade de desenvolver a atividade de orientadora dos GELITS como orientadora local no Projeto Irecê. Tinha a minha frente um campo de possibilidades e ninguém freando as ações que emergiam, mas, discutindo, analisando, ouvindo, e construindo na perspectiva do Projeto que dizia das horizontalidades das ações e relações. Senti-me dona de mim, ao mesmo tempo em que me rendia aos livros e aos novos horizontes que os GELITS sopravam. Foi o reencontro.

Eles eram os donos da minha cabeça. Não conseguia dormir com as idéias pululando nos meus pensamentos. Algo me impulsionava a descobrir como achar um jeito de levar os cursistas a tomarem gosto pela leitura. E era literalmente pelo gosto mesmo; Nas rodas de discussão não faltavam balas,

pirulitos e chocolates; o sabor da literatura é a doçura. Mesmo que tenhamos que ler e sofrer com as agruras de Dom Quixote, com as enxaquecas e a solidão contundente de Nietzsche, com as antíteses do Homem Cordial de Holanda, com as inquietações que Dan Brown trazia no Código Da Vinci, com os Contos que quase sempre tinham um final inesperado, etc.

Não restava dúvida, eu estava me sentindo como retornando para Ítaca, e cada livro era uma aventura, uma armadilha, que provocava outras buscas, saídas, e estratégias para que os Grupos de Estudos Literários não caíssem nas “chatices” das mesas redondas, nas cobranças de sínteses de leitura, nas notas para quem fez a lição de casa... Era preciso dar um novo encaminhamento metodológico que repercutisse de forma positiva nas escolas. Esta era a condição que eu vivi como Coordenadora Pedagógica por muitos anos, e lá tinha um currículo que indicava para este norte, tão desnortado, para quem deseja se iniciar nos segredos da leitura subjetiva. Aquela que antes de tudo vem preencher as lacunas em nossas vidas, a que permite o desejo da expansão sensorial, emocional ou racional.

Cheguei à conclusão de que não vou conseguir encerrar este capítulo como pretendia. Estou consciente da infinitude desta tarefa. Aqui no meu espaço de trabalho, ladeada por estantes repletas de livros arrumados por temas, por tamanhos, por espessura e eu no desalinho das minhas idéias, os miro apenas com a intimidade de quem os possui, mas que não os conhece na sua totalidade; alguns ainda são ilustres desconhecidos, outros já consumi página a página; vários ainda cheiram à tinta da edição, me esperando, ou quem sabe me seduzindo para mais uma aventura da leitura pela vida adentro.

E como se não bastasse a eles este espaço, o exército de páginas, já invade o meu quarto, o cestinheiro da sala, a mesa da cozinha, e vão habitualmente ao banheiro. Enfim, fica o registro de que este testemunho comunga com a minha ação enquanto orientadora dos GELITS e que talvez fortaleça a compreensão, para aqueles que vão lê-lo, a minha investigação sobre esta atividade que sorvi a cada Ciclo como se estivesse vivendo uma aventura da leitura em um espaço que estes elementos, o livro, o romance, a leitura, o leitor o autor tinha (

continua tendo) um rico cartão de acesso no currículo, como nunca tinha testemunhado antes. “Confesso que vivi”.

## 6 - ÚLTIMAS PALAVRAS...



Não me pergunte quem sou, e não me diga para permanecer o mesmo.

Michel Foucault

Antes de adentrar no texto das últimas palavras, é preciso ressaltar o quanto importa em um trabalho dissertativo um espaço que permita dizer tudo que não foi dito nos capítulos anteriores, porque não comportavam as informações que só emergem depois que já vivenciamos o processo.

É também neste merecido espaço que vem se acomodar o que surge de novo. No meu entender é aqui que o/a pesquisador/a apresenta a sua visão do contemporâneo. Não é mais o que foi, nem o que se está fazendo, mas o que virá. Estas arestas vão surgindo em cada capítulo, ou em novas leituras, e não podem ser anuladas. Portanto, este capítulo tem o formato do discurso de quem quer se despedir, mas não encontra as *últimas palavras*, porquê elas simplesmente não existem.

No período em que estava escrevendo, havia momentos em que as palavras fugiam da minha intenção. Queria escrever sobre o que não entendia e sobre o que inexplicavelmente, sentia.

Esta situação foi muito presente no capítulo “**Minha existência literária**”. Pensei cá com meus botões, isto vai soar como mera superficialidade. Entretanto, por uma destas casualidades que a literatura nos presenteia. Uma entrevista do celebrado escritor português, Antônio Lobo Antunes que, de forma inesperada, ele na tentativa em definir a sua obra, libera um comentário

que se constitui como um marco nas minhas atormentadas investidas sobre a definição das minhas intuições indescritíveis, e assim diz ele:

“Quero escrever sobre o que não entendo. É assim que vou contornar os meus problemas, e chamam isso de estilo experimental. Na verdade, é uma atitude de enfrentamento. E de liberdade. E por isso que não creio na profundidade. O que existem são infinitas superfícies superpostas. (Grifo meu) Quando você aprofunda demais em um assunto, acaba saindo pelo outro lado, de mãos abanando. Escrever é um ato impossível, porque tudo que interessa vem antes das palavras como a intenção, os desejos, a loucura.”

(ANTUNES, 2009, Época, 13 de Julho, p. 118)

Foi uma satisfação grandiosa, achar em outro o que procurei explicar em vãs tentativas. Antunes me salvou pelas palavras, pois é mais do que certo informar que a dissertação é um trabalho no qual lapidamos as palavras para dizer das coisas que investigamos, que vivenciamos na prática da pesquisa, e as coisas se projetam de todos os lados, com várias facetas, o inesperado é mais presente do que o “esperado”. Do toque mágico de ANTUNES, reportei-me a FOUCAULT ( 1990 ) na obra, “As palavras e as coisas”, Foi um pulo no abismo filosófico que permitiu o embasamento teórico para a compreensão das coisas ditas e as não ditas; Daí o capítulo “**O tento e as coisas**”.

Preocupou-me, de forma demasiada, a organização dos capítulos. Por ser uma pesquisa individual, e não um processo de pesquisa realizado em grupo, mas sim, sobre vários grupos, os GELITS; corre-se o risco de trazer para o espaço da produção as características pessoais de quem escreve, (Creio que isto seja inevitável, daí o exercício da revisão constante. Manter-se à distância e nesta prática de refletir e rever, as coisas não fecham, abrem novos caminhos).

A questão era quem pode ficar próximo de quem, para que se evite a proximidade de extremos, ou provocar uma vizinhança de coisas sem relação.

Esta insegurança surgiu com a leitura do prefácio da obra **As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**, por um aspecto nitidamente curioso, quando o filósofo, Michel Foucault, cita certa enciclopédia chinesa onde os verbetes ou partes da enciclopédia são organizados de forma que os temas não sofram contágios dos demais, por exemplo; “Os animais dividem em: a) pertencentes ao imperador b) embalsamados, c) domesticados,” (FOUCAULT, 1990 p.5) etc., gradativamente estes iam se distanciando dos anfíbios, animais de pele escamosa, ou que tivessem hálito em chamas, e por aí vai. A enciclopédia era orientada para que não houvesse “extravagância de encontros insólitos” (FOUCAULT, 1990, p. 6) e segundo o mesmo, o impossível, não era a “vizinhança das coisas, é o lugar mesmo onde elas poderiam avizinhar-se”.

Foi com este cuidado que comecei a reorganizar os capítulos, após uma profícua conversa com a minha orientadora, que insinua de forma sutil e inteligente, sobre a formatação dos capítulos da dissertação, questão também alvitrada pela professora Dinéia Sobral que qualificou o projeto de dissertação. E assim surge a interrogação, com que propósito vou arrumar ou agrupar os onze capítulos iniciais?

Finalmente ficaram seis. (a recomendação era para três ou quatro) e daí veio a novidade da “vizinhança” (as leituras sempre aguçam os nossos sentidos para coisas despercebidas). Onde ficaria melhor o capítulo **Projeto Irecê?** No início, no meio, próximo ao capítulo **Minha Existência Literária?** Quem poderia se avizinhar sem perder as características que os afinavam? E foi com esta intenção que matutei um pouco, mais do que o tempo que teria para organizar e batizar as partes que compõem esta dissertação.

Outra questão que não pode ser desmerecida foi a definição da metodologia. Quando o texto foi para a qualificação, o *esperado* retornou. (Em conversa com a orientadora, foi sinalizado as lacunas pertinentes à metodologia). Segundo as recomendações da Parecerista Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>., Dinéia M. Sobral Muniz, precisava delinear a metodologia. Recomendava-se apresentar e ampliar o respaldo teórico referente à bibliografia escolhida, o que comprovei, ao

debruçar nas questões teórico-metodológicas. Reconheço que este momento foi um grande avanço para a pesquisa que ora estava desenvolvendo.

Volto a lembrar das questões que foram pontuadas na Introdução da dissertação e que permitiam indagar sobre a formação ou o hábito de leitura dos professores-cursistas. É forçoso lembrar que dialogando com Inez Carvalho, minha orientadora, foi observada uma palavra que fugia da minha intenção, era a “ideia de ensinar a necessidade de ler”.

Por questões óbvias, esta insinuação não foi mantida; as “coisas” ou as leituras que foram analisadas posteriormente, não trouxeram dados conclusivos sobre os hábitos de leitura, mas permitiu analisar nas “**Entrelinhas do GELIT**” as razões que levaram os/as cursistas a lerem durante o curso, e entender as razões que não motivavam os mesmos a lerem antes de estarem no curso.

Ainda nas penúltimas palavras ressalto um aspecto que não pode passar despercebido no que se refere à motivação para a leitura no contexto atual. Aproveito para me respaldar em uma situação que se não análoga, traduz a sedução da leitura em tempos de muitos estímulos variáveis. Esta inspiração veio da leitura de um romance da autoria de Isabel Allende, *Afrodite*, que refaz historicamente, o caminho e a função dos afrodisíacos, e revela que na Idade Média, onde se via o mal por todas as partes:

“Cobriam com capas os pés das mesas para se evitar os maus pensamentos e as senhoritas não poderiam pendurar retratos de homens nas paredes do seu quarto, para evitar que a pintura as espiasse enquanto tirava a roupa...era preciso muito pouco para excitar esta boa gente” ( ALLENDE, 1998, p. 26)

Havia uma total carência de estímulo apresentados. Portanto, voltando à leitura no nosso contexto, é mister lembrar que houve um tempo, quando os impressos eram raros, que uma brochura qualquer era estimulante aos raros leitores que tinham no seu entorno dezenas de ouvintes, segundo BURKE ( 1992, p. )

“Da Idade Média até algum tempo após 1750, os homens liam “intensivamente”. Possuíam apenas



alguns livros – A Bíblia, um almanaque, uma ou duas obras de oração – e os lia, repetidas vezes, em geral em voz alta e em grupo, de forma que uma estreita variedade de literatura tornou-se profundamente impressa em sua consciência”.

Portanto, atualmente assim como no campo dos afrodisíacos, não basta uma fita vermelha no tornozelo, há uma infinidade de objetos, estimulantes, químicos ou não, que tornam a busca insaciável em relação à atração para a leitura e aqui eu diria ao “consumo” da leitura, há um campo de variedades que não que não invade o midiático.

As sociedades se modificam e procuram os seus estímulos de acordo com o nível de avaliação e necessidades da população. Com diz ALLENDE, (1998, p. 27) “cada cultura e cada pessoa reage a sua maneira diante deles”.

Concatenando com a leitura, vivemos uma paulicéia de informações oriundas de imagens diversificadas; Há uma concorrência grandiosa que oferecem formas diferentes de ler. A leitura virtual já concorre com a leitura do livro em mãos; sem contar com o “Kindle”, (já comentado no capítulo, Navegando pela História da Leitura), as adaptações dão rasteiras nos clássicos; as versões cinematográficas, tão bem vindas, imprimem em alguns dos pretensos leitores, que não há por que ler os livros, o que é uma pena, pois a prática de tornar grandes livros em bons filmes é uma das mais antigas da Indústria Cinematográfica, e tem se tornado ainda mais constante nos últimos anos, mas não deve invalidar a leitura da obra homônima.

Em nossa arena de ações, ou melhor, nos GELITS, o cinema se fez presente, teve lugar marcante, ou como outra forma de leitura, ou como complemento midiático para fortalecer a leitura do livro. Não deixa de ser também um doce conflito entre o imaginado, idealizado, e o que é apresentado na película.

Esta situação só me ocorreu, quando recentemente, encontrei com uma cursista egressa que fez o GELIT, Quando Nietzsche Chorou e que posteriormente viu o filme, e frustradíssima, me relatou que “destruíram os personagens”, e prosseguiu: “quem vê o filme não vai querer ler o livro”. O inverso também pode acontecer, foi o que observamos na Exibição de Carlota

Joaquina, a Princesa dos Trópicos, e em Helena de Tróia; Os filmes foram ótimas referências para as buscas de coincidências e contradições do que estavam lendo, além de fornecer um pano de fundo, para se conhecer a sociedade da época, o cenário histórico. Foi muito estimulante.

O que me impulsiona a trazer tais argumentos é apresentar que motivar as pessoas a lerem, a procurar o prazer e a experiência estética da leitura não tem sido fácil, com tantos atrativos que combinam informações e leituras rápidas, para debruçar-se, diante de um clássico, de um best-seller, de um romance de época, crônica, poesias, contos, etc. Não é simples mas é possível.

Bom mesmo, são iniciativas, das quais também experimentamos, e é ilustrado no capítulo **Projeto Irecê**, o de criar um fórum de debates entre os internautas. As redes de leitores tiram a literatura da estante, e põe na vanguarda do mundo virtual. É um casamento perfeito. Recentemente foi criado na Feira de Leitura em Parati. O *livreiro*, que no primeiro momento me pareceu interessante, por apresentar o formato virtual dos GELITS. Os debates giram em torno de um livro, selecionado pelos leitores, numa lista de opções fornecidas pelo mediador, e a cada mês escolhe-se uma nova obra. (O site [www.olivreiro.com.br](http://www.olivreiro.com.br))

Nenhuma ação que inspire a leitura nos cursos de literatura é demasiada. Peca-se, de forma irrevogável, pela ausência das metodologias, e estratégias de que tanto, falou-se nesta presente dissertação.

E como defensora confessa, de que, o que foi feito foi extremamente válido, retomo as falas que presentificam-se nos Diários de Ciclo. A grande maioria dos (as) cursistas, dizem que aquela atividade, ou seja, o GELIT era notoriamente a preferida. Está registrado.

Ora, fica reconhecido, que os encontros para ler, e conseqüentemente o gosto pela leitura manifestou-se como uma ação prazerosa que atraía as pessoas, e isto já é bastante significativo. O ato de ler tornou-se uma ação simples, não é mais tão complicado para estas pessoas; e o melhor, uma doce lembrança que

nas melhores das hipóteses não deixou “trauma” por quem passou por esta atividade.

O que realmente me interessou de forma instigante, neste longo período de leituras, onde livros e leitores mudavam a cada ciclo, (eu era a única peça fixa de uma atividade movimentada) era a eminente ação de inspirar as pessoas a provocar reações diante do livro, dar vida aos personagens, fazer com que ao ler, as pessoas criassem metáforas, inventassem cenas, criticassem, discutissem, comparassem, odiassem, distinguissem, contestassem, enfim, que naquele momento de leitura, o livro fosse o objeto instigador que os levassem a ampliar as perspectivas dos seus pensamentos, assim como a compreensão do mundo.

Não tenho dúvida de que devemos encorajar a leitura em todos os estágios de estudo, e por todos os meios – Inclusive a dos livros. Ler outros mundos. Esta é a proposta.

## REFERÊNCIAS:

ABREU , Márcia. **Cuidado, ler é um perigo**.Revista de História da Biblioteca Nacional, -, ANO 02, nº 23, 2007 p. 60-65.

ALMEIDA, Laura Beatriz Fonseca de. **No Milênio do livro, os livros esquecidos**. Presença Pedagógica. –, V. 4 n. 20. mar /abr. Editora Dimensão, Belo Horizonte,1998. p.39- 47

ALLENDE, Isabel. **Afrodite, Contos, receitas e afrodisíacos**. Tradução, Cláudia Schilling – Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.

ANTUNES, Antônio Lobo. **Entrevista**. Revista Época nº 582, p. 118, julho/2009 Editora Globo. São Paulo.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Procura da poesia**. In: Antologia poética. 54. ed. RJ: Record, 2004;

ARAÚJO, Rita Cássia. **Diário de Ciclo Um**, 2008 . Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2008

\_\_\_\_\_. **Diário de Ciclo Dois**, 2009 . Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2009

BARONI, Larissa Leiros. **Brasil ganha 40 milhões de leitores**. Disponível em <http://www.universia.com.br/cultura>. Publicado em 22/08/2008 - 17:00 . Acesso em 09 de novembro de 2009, às 12:35.

BASTOS, Sílvia Aparecida. **A leitura e a escrita em pleno Brasil Colonial**. São Paulo, Brasiliense: 1982.

BERRI, Claude. **Germinal. Direção** – Claude Berri - **Duração**:170 min **Gênero**:Drama **Produção**:. **Elenco**: Gérard\_Depardieu, Renauld, Miou\_Miou, Jean\_Carmet, etc. **Estúdio**:Europa Filmes. Bélgica, Itália, França– 1993.

BIERLEIN, J. F. – **Mitos Paralelos** – Tradução de Pedro Ribeiro, Ediouro, Rio de Janeiro, 2003

BORGES, Lien Ribeiro. **QUADRINHOS: LITERATURA GRÁFICO – VISUAL.**  
 DÍSPONIVEL EM:  
 <[HTTP://WWW.ECA.USP.BR/AGAQUE/AGAQUE/ANO3/NUMERO2/AGAQUEV3N2\\_1.HT](http://www.eca.usp.br/agaque/agaque/ANO3/NUMERO2/AGAQUEV3N2_1.HT)  
 M. Acesso em: 11 de jul./2009 às 21:17

BRASIL, Agência, **Índice de não-leitores é de 45%, aponta pesquisa .**  
**postado em** 28 de maio de 2008 • 17h02 • atualizado em 29 de maio de 2008  
 às 15h07- <http://noticias.terra.com.br/brasil>. Acesso em 09 de novembro de  
 2009, às 11:11.

BRAFF, Menalton. **A Crítica Hoje.**  
<http://www.menalton.com.br/foruns/entrevistas>. Postado em 21 Dec. 2005  
 por Menalton Braff Acesso em: 12 de jul./2009 às 15:20

BURKE Peter. (org) **A escrita da História: Novas perspectivas.** São Paulo:  
 Editora UNESP – 1992 – (Biblioteca Básica)

BROWN Dan. **O Código da Vinci;** tradução de Celina Cavalcante Falck-Cook.  
 – Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os Clássicos.** Companhia das Letras São Paulo, -  
 1993.

CAMURATI, Carla. **Carlota Joaquina, a princesa do Brasil.** Direção: Carla  
 Camurati **Duração:**100 min **Gênero:**Comédia **Produção:** Bianca de Felippes,  
 Richard Luiz. **Elenco:** Marieta Severo, Marco Nanini, Ludmila Dayer, Marcos  
 Palmeira **Estúdio:**Europa Filmes. **Brasil** – 1994.

\_\_\_\_\_.As Cidades Invisíveis. Companhia das Letras, 1ª ed. (Le città  
 Invisibili, 1972) Tradução: Diogo Mainardi, São Paulo. 2006.

CLARET, Martin. **Freud por ele mesmo.** Editor Martin Claret, São Paulo, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **A literatura é uma confissão de que a  
 vida não basta,** Presença Pedagógica –. v. 12 n. 69.mai. / jun. 2006. p.05 a 11

CUNHA, José Auri. **Filosofia: iniciação à investigação filosófica.** São Paulo,  
 Atual, 1992.

CORRÊA, Hercules Toledo. **Compreender a Leitura** - Presença Pedagógica. – , V. 3 n. 16. jul. / ago. Editora Dimensão, Belo Horizonte, 1997 p.39- 47.

CORDEIRO, Maria Verbênia Soares. **Diário de Ciclo Três**, 2005 . Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2005

CARVALHO, Maria Inez S.S., SALES, Marcea A., SÁ, Maria Roseli G. B. de. Revista de Educação/ Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica PRESENTE!.\_ Ano 15 n.2 ( jun. / 2007) \_ Salvador: CEAP, 2007n. 57. p. 38-47 a. 15,

CARVALHO, Maria Inez S.S., **Uma viagem pelos espaços educacionais do município de Santo Antônio de Jesus - possibilidades, atualizações, transições**,. Tese de doutorado. UFBA - Faculdade de Educação. Salvador, 2001

CONCEIÇÃO, Neuma. **Diário de Ciclo Dois**, 2004 . Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2004.

\_\_\_\_\_. **Diário de Ciclo Três**, 2005 . Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2005.

\_\_\_\_\_(CONCEIÇÃO enviada por e-mail, em 01/nov. 2007 – gruposliteráriosufba@yahoo.grupos)

CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro, do leitor ao navegador**. São Paulo UNESP, 2005.

DUNKER, Christian Ingo Lenz, **O romance de formação do analista** . Revista VIVER, mente e cérebro, Coleção Memória da psicanálise, 4, p. 65, Editora Duetto, 2007.

Dourado, Alaide. **Diário de Ciclo Dois**, 2004 . Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2004.

\_\_\_\_\_. **Diário de Ciclo Quatro**, 2004. Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2004.

DIAS, Cláudia, **PESQUISA QUALITATIVA, Características Gerais e Referências** – www.ead.fea.usp.br/ cad-pesq. / arqv. CO3. maio 2000 acesso em 23 de outubro de 2009 às 12:38

JOHNSON, Steven. **Emergência, a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares.** Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2003.

JESUS, Fátima Antonieta de. **Diário de Ciclo Dois**, 2004 . Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2004.

\_\_\_\_\_ **Diário de Ciclo Quatro**, 2004 . Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2004.

FRANÇA, Lirian Dourado. **Diário de Ciclo Três**, 2005. Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2005

FERRAZ, Marcus Sacrini. A. **A redução fenomenológica** - Revista Discutindo a Filosofia, p. 26-27, ano 01 ,nº 5, 2006.

GOMES, Laurentino. 1808: **Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil.** São Paulo : Editora Planeta do Brasil, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**., Editora Brasiliense, São Paulo 1982.

HUBERMAN, Leo - **História da Riqueza do Homem** – Editora LTC, Rio de Janeiro, 1986.

LAJOLO, Marisa, **Do Mundo da leitura para a leitura do Mundo.** Editora Ática, São Paulo, 1994.

LANDEIRA, José Luis Marques López **O amor à palavra e o estudo da linguagem na aula português.** Presença Pedagógica.– p.13 a 17. v. 12 n. 69. mai. / jun. Editora Dimensão, Belo Horizonte, 2006.

LIMA, Luiz Costa. (Org) **A literatura e o leitor, textos de estética da recepção.** 2 ed. Editora Paz e Terra, São Paulo , 2002.

NUNES, Jucileide Pereira de Lima. **Minhas memórias (re)construção das minhas histórias de vida a partir das transformação dos conhecimentos.** 2006. Memorial (Graduação em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2006.

\_\_\_\_\_. **Diário de Ciclo Dois**, 2004 . Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2004.

\_\_\_\_\_. **Diário de Ciclo Três**. 2005. Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2005.

.LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1988.

LOPES, Lucieide Menezes. **Diário de Ciclo Quatro**, 2005 . Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2005

\_\_\_\_\_. **Diário de Ciclo dois**, 2004 . Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2004

MORANDUBETÁ, Grupo - **CONTAÇÃO de HISTÓRIAS**-  
<http://contocontigo.sites.uol.com.br> - Acesso em: 15 de nov./2009 às 22:03

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura** – 3ª. ed.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED, 2005.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo Conceito e Pesquisa** – Petrópolis-RJ Vozes, 2007.

MANGUEL, Alberto – **Uma história da leitura** – tradução Pedro Maia Soares, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

MILANI, Aloísio - **Por que o professor não gosta de ler?** Revista Educação – p.36-44. Ano 07 nº, 77, setembro de 2003

MIRANDA, Ana – **Sobre o hábito de leitura** – Revista Caros Amigos – p.25, ano VI, nº. 66, .Editora Casa Amarela, São Paulo, 2000.

MIRANDA, Tânia. **Ensinar/ Aprender história recente: a resistência à ditadura militar no Brasil**. Editora Gráfica da Bahia, Bahia, 2007.



MORETTO, F.L.M. Introdução. *In* ROUSSEAU, J.-J. *Júlia ou A nova Heloísa*. São Paulo: Hucitec, 1994.

MORAES, Eliane Robert. **A Palavra Insensata**. Revista CULT, , ANO VI , ISBN, 1414707- Nº 81 Editora Bergantini, São Paulo, junho/ 2004.

MOLINA, Sérgio - **A realidade da Ficção** – Revista entrelivros, especial enrteclássicos 3, Miguel de Cervantes, p. 32 a 45, ISBN, 8599535-11-0, Jun, São Paulo - Editora Duetto, 2006.

MONICELLI, Mario. **O incrível Exército De Brancaleone**. **Título original:** L'Armata Brancaleone **Direção:** Mario Monicelli. **Duração:**120 min **gênero:**Comédia.. **Elenco:** Vittorio Gassman, Catherine Spaak, Gian Maria Volontè, Maria Grazia Buccella, Barbara Steele, Carlo Pisacane, Folco Lulli, Enrico Maria Salerno, etc. tália – 1966.

PERISSÉ, Gabriel, **Literatura e Educação** – Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

PEREIRA, Maria Jalcineide. **Diário de Ciclo dois**, 2009. Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2009.

PORTUGAL, Joelma – Depoimento enviado para o grupo virtual de Literatura, yahoo.gupos, em 24/nov. 2007

PINTO, Júlio Pimentel. **A Leitura e seus Lugares**. São Paulo. Estação Liberdade, 2004.

PRESTES, Emilia Maria de Trindade Prestes. **Como iguais e diferentes aprendem juntos**. Revista de Educação/ Centro de Estudos e Acessoria Pedagógica PRESENTE!..\_ p.51-60 Ano 15 n.2

SANTOS, Joel Rufino. **Leitores se formam nas escolas em que há sincera afeição pela literatura**. Presença Pedagógica.– p.05 a 12. v. 11 n. 65. set. / out. Editora Dimensão, Belo Horizonte, 2005.

SANTANA, José Nildo Nunes. **Diário de Ciclo Dois**, 2009. Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2009.

SALES, Marcea A. **A arquitetura do desejo de aprender: a autoria docente em debate.** – FAGED/UFBA, 2007. Texto não publicação.

SOUZA, Roberto Acízclo Quilha de. **Teoria da Literatura** / 9. ed. – São Paulo: Ática 2004. Princípios 46.

SOUZA Sebastião de. Por Larissa Leiros BARONI, **Brasil ganha 40 milhões de leitores.** Disponível em <http://www.universia.com.br> / cultura. Publicado em 22/08/2008 - 17:00 . Acesso em 09 de novembro de 2009, às 12:35.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade, uma introdução às teorias do Currículo** – 2. ed; 9reim. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Jadilza Nunes. Diário de Ciclo Dois, 2004 . Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Irecê, 2004

SCORSESE, Martin. **A última tentação de Cristo.** Título original: The Last Temptation of Christ, **direção:** Martin Scorsese . **Duração:**02 h 43 min **gênero:**Drama **roteiro:**Paul Schrader, baseado em livro de Nikos Kazantzakis. **produção:**Barbara De Fina.**música:**Peter Gabriel. **fotografia:**Michael Ballhaus. **estúdio:**Universal Pictures / Cineplex Odeon Films. E.U.A – 1988.

SCLIAR, Moacyr. **O contador de Histórias.** Revista Discutindo a literatura, p. 14-17, ano 03,nº. 13, 2007.

\_\_\_\_\_ **Freud e a Literatura.** Revista VIVER, scientific american mente e cérebro, p. 98, ano XIV, nº. 159, Editora Duetto, Abril 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, **Aventuras e desventuras de uma biblioteca nos trópicos,** Revista Nossa História. Ano I nº 1, Nov., São Paulo, Editora Biblioteca Nacional, 2003

STRATHERN, Paul. **Nietzsche em 90 minutos,** Tradução Maria Helena Geordane; consultoria, Danilo Marcondes; - Rio de Janeiro Jorge Zahar Ed., 1997.

YALOM, D. Irvin. **Quando Nietzsche Chorou** ; tradução de Ivo Korystowski. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

Universidade Federal da Bahia Programa Formação Continuada de Professores – Município de Irecê/Bahia – março de 2003.  
www.irecê.faced.ufba.br.

VELOSO Caetano - **Os Argonautas/ 1969 - Álbum Caetano Veloso.**

VELOSO, Caetano e GUERRA, Rui – **Fado Tropical.**

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor; aspectos cognitivos da leitura.** Campinas: Pontes. 1989.

KINCHELOE, Joe L., KATHLEEN S. Berry. **PESQUISA EM EDUCAÇÃO, Conceituando a bricolagem.** Tradução Roberto Cataldo Costa – Porto Alegre: Artemed, 2007.